

REVISTA



arigó

Número 2

2021

Expediente

Número 2

Revista Arigó

ISSN: 2764-1155

Periodicidade: anual.

Contato: revistaarigo@avl.org.br

<https://www.revistaarigo.avl.org.br/>

Editor-Chefe:

José Huguenin

Editores associados

Djalma Augusto dos Santos Melo

Lourildo Costa

Lúcia Assis

Endereço:

Rua 14, nº 315 – Vila Santa Cecília

Volta Redonda-RJ

CEP: 27260-140

DIRETORIA DA AVL (2020-2021)

Presidente: Vicente Melo (*in Memoriam*)

Vice-presidente: Mércia Christani

Secretário: Lourildo Costa

Tesoureiro: José Huguenin

Diretor Social: Jean Carlos Gomes

Coordenação Editorial: José Huguenin



www.avl.org.br

Sumário

Editorial	4
Biblioteca da AVL.....	6
Resenhas & Biografias.....	8
Textos Literários.....	29
Ensaio & Trabalhos Acadêmicos.....	60
Relatos Historiográficos.....	118

Editorial

Volta Redonda, dezembro de 2021.

Em um ano marcado por tanta tristeza, o nosso país ultrapassou a marca de 600 mil mortos pela COVID-19, o cenário ampliou desigualdades e a fome voltou a assombrar. Somando-se a isso, em particular, a AVL vivenciou lutos muito sentidos. Perdemos nosso presidente, jornalista e acadêmico Vicente Melo; a grande poeta e acadêmica Nelita Teixeira; e o acadêmico e escritor João Batista Morcef. A literatura de Barra Mansa e região teve grande perda com a partida de José Fleming.

No meio de toda essa tristeza, foi preciso resistir e seguir com o trabalho na **Revista Arigó (RA)**, que está só no começo. A arte é importante trincheira da sociedade e, por isso, seguimos firmes com a missão de registrar e incentivar a produção literária de Volta Redonda e todo o Sul Fluminense, difundir o conhecimento da língua portuguesa, da literatura em geral, além de fazer o registro histórico de nossa região.

Um fato de grande alegria foi a obtenção do Registro do ISSN da **RA**, que a faz indexada e referenciada, aumentando, assim, a institucionalidade e a credibilidade da publicação. A indexação possibilitará aos autores o registro dos trabalhos em plataformas acadêmicas como a Plataforma Lattes, entre outras. O formato do Número 1 recebeu excelentes retornos e por isso mantivemos as 5 seções.

A seção *Biblioteca da AVL (BAVL)* mostra importantes atualizações, tivemos um excelente aumento no número de exemplares. Todo acervo da BAVL está aberto à consulta na Biblioteca do GACEMSS, grande parceiro da AVL.

A seção *Resenhas & Biografias* é dedicada à apresentação de obras e autores da região. Essa seção é aberta à submissão de textos que apresentem resenhas /críticas literárias de livros de autoras e autores de Volta Redonda e Região Sul Fluminense, além de biografias breves dessas autoras e autores. Assim, pretendemos registrar e divulgar a produção literária da região, bem como apresentar a vida e a obra tanto de autores do passado, já falecidos, quanto de autores contemporâneos.

A seção *Textos Literários*, que publica produções em verso e prosa apenas de autores e autoras da região, teve a submissão de textos de grande expressão literária. Aceitamos poemas, pequenos contos e crônicas. Os textos são submetidos pelos próprios autores, o que permite que a **RA** seja veículo de apresentação de obras contemporâneas. Também são publicados textos oriundos de pesquisas dos editores e membros do corpo editorial como forma de tornar acessíveis textos antigos e oportunizar, aos nossos leitores, o conhecimento de autores do passado.

A seção *Ensaios e Trabalhos Acadêmicos* traz textos muito originais, apresentando olhares sobre a mulher na literatura, análise de textos de Machado de Assis e Clarice Lispector, além de um estudo inusitado em que se levantou a presença da Física em canções. Essa seção publica ensaios e artigos que versem sobre obras e/ou autores da literatura universal. Incentivamos o estudo e a análise de obras de autores da região, como mais uma forma de registro de disseminação da produção literária local.

A seção *Relatos Historiográficos* tem por objetivo registrar a rica história da região. Para ela, são aceitas submissões de artigos acadêmicos ou ensaios, baseados em pesquisas e estudos, relatos pessoais de eventos contemporâneos e passados. O Número 2 foca o período cafeeiro-escravagista na região e apresenta seus primeiros relatos contemporâneos, que ocorreram nesse ano de 2021. O projeto “Casa do Poeta” e criação da Academia Literária de Pirai (ALP).

Entregamos esse Número 2 consolidando o que podemos chamar de processo inicial de marcha, começo de jornada. Agora, com estrutura definida, devidamente referenciada, cumprindo os pré-requisitos editoriais, mantida a essência de oferecer conteúdos de qualidade artístico-acadêmica, nossa missão se renova e nos enche de entusiasmo para continuar a jornada.

Boa Leitura!

José Huguenin
Editor Chefe



Biblioteca da AVL

A Biblioteca da AVL (**BAVL**), inaugurada em 14 de dezembro de 2019, tem por principal objetivo preservar e eternizar a produção literária do município de Volta Redonda e da Região Sul Fluminense, buscando catalogar e salvaguardar os livros de autoras e autores da cidade e região e de seus acadêmicos, como forma de contribuir para conservação e valorização do patrimônio cultural do município e da região, guardando, também, a vivência do vale do médio paraíba.

Como toda biblioteca, a BAVL é viva e seu acervo físico é construído continuamente de forma a permitir a pesquisa e, na medida do possível, o empréstimo das obras à população. Conforme estatuto, a BAVL é vinculada à Coordenação Editorial da AVL. Através do acordo de Cooperação com o GACEMSS, a BAVL está sediada temporariamente na Biblioteca do GACEMSS (BG), na Rua 14, nº 315 – Vila Santa Cecília – Volta Redonda-RJ. Visite-nos!

Acervo

O acervo é constituído exclusivamente por obras de autores da região. Ele está dividido em duas categorias: *Coletâneas* e *Livros Solo*.

O principal destaque são as coletâneas do GLAN (Grêmio Literário de Autores Novos), fundado em Volta Redonda em 1975, e do GREBAL (Grêmio Barramansense de Letras), fundado em Barra Mansa também em 1975. Esses grêmios produziram, ao longo de mais de quarenta anos, inúmeras coletâneas com textos em prosa e em verso de muitos autores da região. Em 2021, recebemos mais edições de coletânea do GLAN e do GREBAL, além de antologias

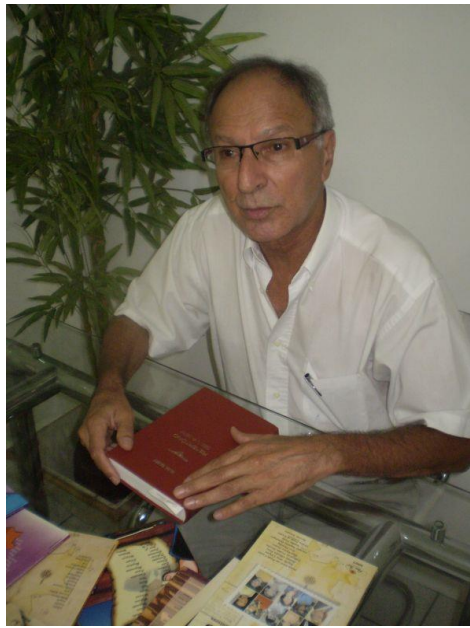
A coleção de livros solos, obras fechadas com um ou mais autores, reúne desde obras contemporâneas, doadas pelos autores, até livros raros, com edições esgotadas. Em 2021, recebemos muitos livros de autores de Piraí, como do poeta Saulo Soares, e um exemplar de importante título para nossa região: *Dicionário Histórico do Vale do Paraíba Fluminense*, de autoria de Irenilda Cavalcanti, Neusa Fernandes e Roselene Martins, consolidando o compromisso regional da BAVL.

Consulte o acervo da BAVL em: <https://www.avl.org.br/acervo/>

Para fazer uma doação, os livros podem ser entregues na secretaria do Gacemss ou a um membro da AVL. Para fazer contato, escreva para contato@avl.org.br.



Resenhas & Biografias



Vicente Melo, baluarte da cultura de Volta Redonda

José Huguenin¹

A cultura de Volta Redonda teve uma perda muito grande neste triste ano de 2021. A morte de Vicente Melo nos aparta de um dos grandes construtores culturais de nossa cidade. Conhecido e querido por todos do meio Cultural, ele foi um baluarte para construção da cultura volta-redondense, ajudou a pavimentar a ampla estrada que hoje artistas do município têm para o seu fazer artístico.

Vicente Melo nasceu em 19 de julho de 1945, em Volta Redonda. Jornalista, publicitário e poeta, trabalhou quase 30 anos na CSN, até se aposentar. Fez teatro nas décadas de 60 e 70. Escreveu para jornais da região e produziu uma fina literatura em contos, crônicas e poemas, que foram publicados esparsamente. A AVL está preparando

¹ Com a colaboração da pesquisa do acadêmico Jean Carlos Gomes.

uma reunião de textos deste grande escritor que tinha uma humildade ímpar no fazer de sua obra primorosa.

Seu compromisso e envolvimento com a arte levou-o à Presidência do GACEMSS, o Grêmio Artístico e Cultural Edmundo de Macedo Soares e Silva, no início dos anos 80. Em sua gestão, foram abertos o teatro, a galeria de arte, o cineclube, hoje um dos mais importantes aparelhos culturais da cidade. Vicente Melo também implantou cursos artísticos e realizou diversas outras atividades culturais.

Trabalhou na Fundação de Cultura de Barra Mansa, onde se destacou com a implantação do projeto Teatro nas Escolas, que alcançou, em 2012, cerca de 500 alunos do segundo segmento do ensino fundamental. Teve papel fundamental com ações de incentivo e fortalecimento de ações culturais, inclusive na promoção da adesão do município de Barra Mansa ao SNC (Sistema Nacional de Cultura), realizando fóruns, envolvendo as pessoas e os agentes culturais.

Foi indicado pela Conferência Regional em 2009 para participar do GCE (Grupo de Coordenação Estadual) do Plano Estadual de Cultura, representando o poder público do Médio Paraíba. Vê-se aí uma indicação do reconhecimento à importância de Vicente Melo para a cultura e as artes de toda a região Sul-Fluminense.

Foi eleito, também em 2012, para a cadeira nº 20 da AVL, cadeira cujo patrono é o poeta José Luiz de Oliveira. Ajudou a impulsionar as atividades da Academia com sua atuação destacada como Secretário e Vice-Presidente. Esteve presente na movimentação junto à Presidente Mércia Chirstani para reconhecimento da AVL como Utilidade Pública Municipal, por indicação do Vereador Walmir Vitor.



Da esquerda para direita: Ronaldo Gori, Walmir Vitor, Mércia Chirstani, e Vicente Melo
(fotos: Blog Veredador Walmir Vitor)

Atuou incansavelmente para apoiar projetos literários da cidade; participou no Conselho Artístico da Poart Editora, de Volta Redonda, dirigida pelo poeta, editor e acadêmico Jean Carlos Gomes, apoiando projetos que visam à divulgação de autores da

região, mas não só. Teve participação destacada na edição da Poeart que homenageou a grande poeta brasileira, Olga Savary pelos seus 80 anos de vida, em 2013. Foi convidado pela poeta para representá-la no recebimento de homenagem feita pela Universidade Federal do Pará, em Belém. Na foto abaixo, é possível vê-lo na homenagem ao grande escritor barra-mansense José Fleming, que também nos deixou neste triste ano de 2021.



Da esquerda para direita: Vivente Mello, Jean Carlos Gomes, José Fleming, Asséde Paiva e Antônio Penna (foto: Jean Carlos Gomes)

Em abril de 2019, recebeu homenagem do Conselho Municipal de Políticas Culturais de Volta Redonda, juntamente com o ator e diretor Bernardo Maurício, além do artista e artesão Jorge Gonzaga.



Bernardo Maurício Jorge Gonzaga Vicente Melo
(fotos: Portal Olho Vivo)

Também em 2019, foi eleito Presidente da AVL para o biênio 2020-2021. A pandemia, entretanto, atrasou vários projetos que foram postergados, mas ainda serão

realizados. Melo continuará contribuindo concretamente com a cultura e seu papel transformador na sociedade.

Em assembleia extraordinária, a AVL aprovou homenagens a ele, como a nomeação do acervo da Biblioteca da AVL como *Acerco Jornalista Vicente Melo*, e o elegeu como patrono da cadeira 36 da AVL. A história renderá sempre homenagens a este baluarte da cultura fluminense.



José Fleming, expoente da literatura Sul Fluminense

Asséde Paiva

In expressis verbis, jamais conheci alguém como José Fleming: poeta, trovador, prosador. Nosso encontro só poderia acontecer numa feira de livros, em Volta Redonda, nos idos de 1999. Fui apresentado a Fleming pela, então, Presidente do Grêmio Barra-mansense de Letras – Grebal, Eliete. Minha sinergia com ele foi imediata, porque o sobrenome Fleming me lembrava do colega e amigo, na ETPC, Cizenando Fleming. Cizenando foi o único que me visitou, quando ambos éramos recém-casados. No dia em que fomos apresentados, Fleming presenteou-me com seu livro *Balaio de Paiol* e, mais ainda, ao se declarar irmão de Cizenando. Encantei-me com seus contos, principalmente o primeiro: *Mikaela [a cigana]*. Desde então, nossa amizade foi se consolidando. Entrei para sócio do Grebal e, sempre que ia à sede do grêmio, lá estava Fleming que, como Diretor Bibliotecário, abria e fechava a porta do Grebal todos os dias. Lembro-me de que o Grebal passava por tempos difíceis, mas Fleming estava presente, “não jogou a toalha”. Costumo dizer que José Fleming foi poeta exponencial, inspirado, explosivo. Navegou por muitos temas: surreal, histórico, mitológico, fantástico, campesino e outros. Fleming nos deixou

aos noventa anos e ainda tinha planos para novos livros, um deles seria sobre a genealogia dos Fleming, *Aventuras Fleminguianas*. Um de seus antepassados foi Sir Alexander Fleming, descobridor da penicilina.

Fleming, sendo o filho mais velho, deixou de estudar para ajudar os irmãos, porque o pai havia morrido. Empregou-se na Dupont, onde sugeriu a melhoria do processo industrial e recebeu polpuda quantia como prêmio pela ideia. Mesmo sem terminar o ginásio, sendo leitor voraz, superou todos os obstáculos e tornou-se escritor renomado na região. Homem simples, cordato, bondoso e muito inteligente, tinha plêiade de amigos.

Além do Grebal, Fleming participou de quase todas as entidades literárias em Barra Mansa, onde também membro do Conselho de Cultura; também ganhou prêmios literários diversos em diferentes cidades do Vale do Paraíba.

Fleming nasceu em Conceição do Rio Verde, sul de Minas, em 1929; morou em Volta Redonda de 1945 a 1955, quando se mudou para Barra Mansa, cidade onde viveu até sua morte, em 2020. tornou-se sócio do Grebal em 1978. E lá foi membro permanente, Diretor de Patrimônio, Vice-Presidente e Presidente. Faleceu como Presidente de Honra da Entidade. Publicou contos no GLAN (Grêmio Literário de Autores Novos), em Volta Redonda; seu conto *As duas ossadas* foi premiado pela Academia Valenciana de Letras. Nele, Fleming desvenda o mistério dos desaparecimentos de Peri e Cecy, personagens principais de *O Guarani*, de José de Alencar. Foi agraciado com a medalha de ouro pela Academia Valenciana de Letras e com a Medalha de Mérito Literário Olavo Bilac, concedida pelo Grebal. Pode-se afirmar que Fleming era patrimônio do Grebal.

Seguem suas obras em lista incompleta: *Balaio de Paiol* (contos); *Peneira Furada* (contos); *Contos da Lua Negra*; *Os Olhos do Falecido* (coautores: Ellette Ferreira e Francisco Nogueira); *Haicais, Épica e Sonetos* (coautores: Antônio Oliveira Pena e Menulfo Nery Bezerra); *os dentes do Dragão* (contos fantásticos, em coautoria com Asséde Paiva, que escreveu a segunda parte: *Contos Ciganos*; JK/ *Fiat Brasiliae* em prosa e verso (coautor Asséde Paiva - prosa), o poema é de Fleming. Seu último livro foi *Poemática*.

Deixo aqui uma mensagem: Fleming não morreu, mudou-se para a pátria espiritual, a Mansão dos bem-aventurados.



José Luiz de Oliveira: amor pela escrita

Márcio Marinho

Escritor e poeta natural das Minas Gerais, da cidade de Guaraciaba, nome que significa “raio de sol” em tupi guarani. Coursou até a terceira série do antigo curso primário, mas sempre gostou de escrever. Pela necessidade de trabalhar, foi adiando o sonho de se tornar autor de livros.

Já adulto, e em Volta Redonda/RJ, José Luiz começou a publicar suas primeiras obras. Entre livros de poesias e romances de sua autoria: Preconceito de Cor (primeiro romance, lançado em 1958), Beija-Flor, Poemas Bíblicos, Eu e Você e O Homem que se casou com uma Cadelinha Branca.

Em 1975, fundou o Grêmio Literário de Autores Novos, de Volta Redonda (GLAN), instituição responsável por revelar vários talentos literários da cidade e região, por meio de suas coletâneas anuais de contos e poesias. O GLAN também ajudou a fortalecer o movimento de escritores locais e fomentou a produção individual, apoiando os lançamentos dos livros de muitas pessoas.

José Luiz foi correspondente de algumas associações literárias no Brasil e no exterior, além de ser o idealizador e o responsável por fundar o grupo Lobinhos da Poesia. O projeto, que funcionava anexo à sua casa, tinha como objetivo ensinar poesia para crianças, compartilhando um pouco das experiências adquiridas. Como parte da iniciativa, ele montou uma biblioteca para que os participantes do grupo pudessem pesquisar e tomar gosto pela leitura. Outra proposta da atividade era o trabalho de prevenção de drogas.

Pelas ações desenvolvidas na área da literatura em Volta Redonda, José Luiz recebeu o prêmio Cidadão Pioneiro, em 2004, e uma Moção de Congratulações, em 2005, ambos conferidos pela Câmara Municipal do município. Ele também possuía, desde 1981, o título de cidadão volta-redondense e era membro da Academia Volta-redondense de Letras.

Faleceu em 2010, aos 85 anos. Em 2012, foi lançada sua obra póstuma (José Luiz deixou pronta) *Esposa de Dois Maridos*, considerada pelo próprio autor seu segundo grande trabalho literário e seu objetivo maior enquanto escritor.

Simplicidade, humildade, sabedoria, singeleza são atributos desse grande ser humano e, talvez por isso, o Criador fez nele acontecer um contraste: baixa estatura no corpo e “alta estatura” na alma. E, para enfeitar o mundo deu-lhe um sorriso cativante, caloroso e belo como um “raio de sol”.



Natália Faria: poesia e militância literária

Lourildo Costa

Natália Faria é professora, escritora e poeta. Nasceu em Bom Jardim de Minas e possui o título de cidadania barra-mansense, onde reside desde 1974. É professora aposentada, profissão que exerceu durante 42 anos e a fez sempre muito feliz. Amante da Literatura, ler faz parte da sua rotina diária. Associada ao Grêmio Barra-mansense de Letras desde a década de 1990, ocupou várias funções em sua diretoria, tendo exercido a presidência no período 2018/2020. Ocupa a cadeira número 26 na Academia Barra-mansense de História. Além de possuir alguns livros publicados, participa de várias coletâneas e já foi premiada em alguns concursos literários. Dá nome à Sala de Leitura da Escola Municipal Belo Horizonte, em Barra Mansa, foi agraciada com a Medalha Olavo Bilac, no GREBAL, e foi homenageada em sessão solene pela Secretaria Municipal da Educação de Bom Jardim de Minas, com uma placa de Honra ao Mérito, fazendo parte do grupo de escritores estampados na Galeria de Artes da Biblioteca Pública Municipal “Irmã Inácia”, daquela cidade.

Obras da autora:

Recados do Coração - 2000

Pensamento Alado - 2003

A Viagem de um Barquinho - 2007

Jujuba e Lalinha em Xodó da Vovó - 2010

Viagem ao Meu Interior - 2017

Biografia de Alan Carlos Rocha - 2018

Saudade de Mim - 2018

Memórias Que o Tempo Não Leva - 2021

Coleção Talentos do GREBAL* - 2021

* A **Coleção Talentos do GREBAL** reúne 12 autores, cada qual com seu livro independente. As obras foram reunidas em um Box com 6 volumes, com dois livros em cada volume.



Pedro Alberice: escritor, professor e pesquisador volta-redondense

Lourildo Costa

Pedro Alberice da Rocha (Volta Redonda-RJ – 1960) iniciou a carreira literária em sua cidade natal, com a crônica “Racha-Peão” (publicada no jornal escolar “O Getulinho”, do Colégio Municipal Getúlio Vargas). Sua primeira crônica em jornal foi publicada em “A Voz da Cidade” (de Barra Mansa) dois dias antes de completar dezoito anos. Seus primeiros trabalhos publicados em livro foram em antologias preparadas pelo Grêmio Barramansense de Letras e pelo Grêmio Literário de Autores Novos (de Volta Redonda).

Após formar-se em Letras, para exercer a docência, mudou-se para Santa Catarina, onde iniciou a publicação de livros individuais (Tubarão 74 – A Catástrofe foi o primeiro em 1981). Em 1986, fundou a Associação Chapecoense de Escritores, que ainda hoje encontra-se em atividade.

Tendo cursado mestrado e doutorado em Literatura, prestou concurso (em 2004) para a Universidade Federal do Tocantins, integrando, ainda hoje, os quadros da referida Universidade (seu campus está em transição para uma nova Universidade Federal, a do Norte do Tocantins).

Alberice foi também professor visitante da Universidade de Dublin (Irlanda) e “postdoctoral fellow” na Universidade de Malta, sempre atuando na divulgação da língua portuguesa e da literatura brasileira, além de pesquisar sobre tradução.

O autor considera importantíssimo ser filho do sul-fluminense, região que tem o orgulho de representar mundo afora. A propósito da vida volta-redondense, publicou “Judithiário – do mineirês ao papa-goiabas”, um misto de glossário e obra memorialística.

Obras do autor *:

Tubarão 74, a Catástrofe - 1981

Literatura Catarinense – 2º. Grau e Vestibular -1982

Morte na Ferrovia do Carvão - 1984

Vendaval, a Tragédia de Maravilha (1986)

La História de Andrés (tradução de Jorge Alberto Scolari) - 1987

Autores de Chapecó (org.) -1987

Autores de Chapecó - O Amor Ainda Existe (org.) - 1988

Exercícios de Literatura Catarinense - 1988

Morte no Atlântico Sul - 1988

Lembretes sobre Literatura Catarinense - 1989

Novos Prefeitos do Oeste - 1989

A Farra do Boi e Outros Escritos - 1990

Comentando a Tradução Literária -1993

Literatura Infantil – Estudos - 1994

Relatos e Canções - 1994

Mulher, os Rumos da Liberdade - 1995

Jóia Líquida (1996)

Poemas a Muitas Mãos (org.) - 2000

Leitura, Livro Infantil e Outras Conversas – Veloso - 2015

Crônicas do Tocantins e Outras Viagens - Veloso - 2015

Literatura Brasileña Infantojuvenil Traducida al Español – Veloso - 2015

O Paradoxo de Monteiro Lobato – Veloso - 2017

Kipling, Poemas Escolhidos – (org.)- Veloso - 2018

Mobilidade Poética (org.) – Veloso - 2018

Princípios da Poesia Fundamental (org.) – Veloso - 2018

Poeticamente Falando – (org.) – Veloso - 2018

Poemas por Toda Parte - (org.) - Veloso - 2018

Floripa Desmanchando no Ar – Veloso - 2018

Esse Gênio Chamado Lobato – Veloso - 2018

Histórias do Tocantins e Outras Mais – Veloso – 2018

Versos do Tocantins e Outros Encantos (org. com Ana Inez Freitas de Oliveira Ferreira) – Veloso – 2018

Contos que Te Encantam (org.) – Veloso – 2019

Vamos Recontar um Conto? (org.) – Veloso – 2019
Falando sobre Literatura (org.) – Veloso – 2019
Um Olhar sobre a Literatura Tocantinense (org.) – Veloso – 2019
Versos por Toda Parte – (org.) – Veloso – 2019
Os Dias - A Crônica e o Poema de Barreiros Filho – Veloso - 2019
Literatura e Tradução – Reflexões Diversas – Veloso – 2019
A Boneca Viajante – Veloso – 2019
Judithiário – do Mineirês ao Papa-goiabas – Veloso – 2019
Literatura Tocantinense – Entrevistas - Volume 1 (org. e entrevistas) – Veloso – 2020
Literatura Tocantinense – Entrevistas – Volume 2 (org.) – Veloso – 2020
Literatura Tocantinense – Entrevistas – Volume 3 (org.) – Veloso – 2020
Literatura Tocantinense – Entrevistas – Volume 4 (org.) – Veloso – 2020
Literatura Tocantinense – Entrevistas – Volume 5 (org.) – Veloso – 2020
La Muñeca Viajera (tradução de Irma Benítez) – Veloso – 2020
Nas pegadas de Camilo – ensaios – Veloso – 2021

* Quando não houver indicação de editora, considera-se “Edição do Autor”

A Terra é azul - Resenha

José Huguenin

O saudoso professor Waldyr do Amaral Bedê, o Waldyr Bedê, é muito conhecido em Volta Redonda; seu nome é sinônimo de conhecimento, rigor acadêmico, militância pela educação e engajamento social, para ficar no óbvio. Historiador, Sociólogo, estudou as origens da cidade do aço. O resultado está em seu mais famoso livro, o formidável “Volta Redonda na era Vargas (1941-1964)”.

Para além desta produção acadêmica, eu não tinha notícia do envolvimento de Bedê com os versos. Confesso ter ficado surpreso ao encontrar o livro de poemas “**A terra é azul**”, de sua autoria, na Biblioteca Orlando Alvisi, do Gacemss. Sem titubear, peguei emprestado o exemplar para ler os versos do admirado intelectual, acadêmico e professor, conhecendo-o, agora, como poeta.

A obra é prefaciada pelo saudoso historiador, acadêmico da AVL, Alkindar Costa, que assina o prefácio como “*o amigo*”. Os dois têm grande contribuição no registro histórico e na compreensão da constituição da cidade do aço. Alkindar diz que Bedê tem “A alma inquieta, destemida e projetada...” não sei que termos mais poderiam caracterizar o respeitado intelectual como Poeta, com “p” maiúsculo!

Os textos são datados, o que permite fazer uma associação ao momento histórico em que foram concebidos. O livro foi lançado em 1984, em plena campanha das “Diretas Já!”, cuja atmosfera de esperança pode ser notada em muitos poemas. Por exemplo, “Relatório ao Crucificado I”, de 1981, mostra um pessimismo à la Saramago; reconhecendo um mundo péssimo à sua volta, pede ao Cristo para desistir dos homens. Em 1984, faz um novo relato, “Relatório ao Crucificado II”, no qual demonstra alguma esperança e pede a Jesus que espere um pouco, que dê aos homens mais uma chance. Ao vislumbrar a “Visita” de certa nave galáctica, telepaticamente capta a busca por vida inteligente, “mas a vida não vale no vale vazio...”

A questão social é presença forte. Em “O arrastador”, irmana-se com moradores de rua da cidade do aço. Arrastando coisas e “ensimesmado na loucura”, o personagem deste poema leva o peso do mundo nas costas. Um olhar terno e preocupado é lançado sobre os “Filhos de Manágua”, meninos-guerrilheiros em suas “...infâncias adultas” vivendo numa Nicarágua devastada pela guerra civil. Ao voltar seu olhar para os meninos das cidades brasileiras, faz uma “Ladainha para um pivete” e diz ao menino que as mazelas do mundo que experimentava já não o atormentarão e que

“Não importa que velha cuspa,
passando por seu cadáver

em direção à novena:
sei que estarás numa boa”.

Esses mesmos tipos que cospem e comentam os crimes do pivete morto, alimentam um “Espírito de Natal” mundano que Bedê ojeriza e repudia em seus versos fortes. O lirismo se faz presente nesta obra de forma singela e tocante.

Em “Descoberta”, dedicado aos seus pensamentos, evoca as profundezas do universo para falar de si:

“Nesse meu eu tão profundo,
Há um imenso universo.
Lá, as estrelas têm vagas
Lá, elas têm o direito
De brilhar durante o dia”;

“Descobre” que a estrela do seu eu precisa ter o direito de brilhar, de ser o quê, onde e quando quiser.

O autor inventa uma estação, a “Quase-Primavera”, para contar uma história de amor no poema “Desfile”. Os encontros e desencontros do amor, tema costumaz junto aos poetas, também são tratados

“O sol sorriu
plenando a rua
de claridade.
E ela surgiu,
em plena rua,
pro meu abraço”

É como inicia o poema “Desencontro”, no qual as coisas começam radiantes e depois seguem “destinos/ tão diferentes”. Não foge de temas comuns aos poetas, fazendo-o com mestria. “Solidão”, qual poeta não sente? A musa (qual poeta não tem?) aparece em “Meu sol, teus seios” e vários outros belos poemas.

O autor também presta justas homenagens. Em “Elegia para um alferes”, de 1972, em linguagem simples e elegante, um longo poema, entremeado com frases de Tiradentes, exalta o herói da liberdade que “dez vidas daria se dez vidas tivesse”. Dois amigos do autor têm publicados seus “retratos” em forma de verso. O artista plástico Clécio Penedo – “Retrato (I)” – e o poeta Antonio Carlos Santini – “Retrato (II)” tiveram seus traços desenhados pela pena de Bedê. “Réquiem” faz um chamado emocionante ao pedir aos países da América Latina que larguem seus afazeres, pois ‘um guerrilheiro morreu’...com

essa frase faz tocante menção ao grande Che Guevara. Bonita homenagem é feita ao astronauta Yuri Gagarin no poema “Balada azul”. Deste poema vem o título do livro. O verso “A Terra é azul”, entre aspas, é a revelação de Gagarin sobre a cor do planeta na primeira vez que o homem foi mais alto e alcançou o espaço...

“A Terra é azul”
disse o moço.
E o mundo inteiro,
em todos os cantos,
armou-se em festa.

O último verso evoca o clima tenso da Guerra Fria, quando uma corrida armamentista deixava todo o planeta temeroso diante de uma possível catástrofe nuclear. Mas sendo a Terra azul, os corações humanos armaram-se de festa pela observação peculiar.

Evidentemente, o povo de Volta Redonda não poderia ficar de fora de suas homenagens. O livro é fechado com “Ode aos ciclopes”, que eu já conhecia, uma vez que ele é também publicado no livro acadêmico “Volta Redonda na Era Vargas (1941-1964)”,

“Na curva que o rio faz,
dobrado pelo raio,
nas terras dos Coroados,
os ciclopes chegaram...”

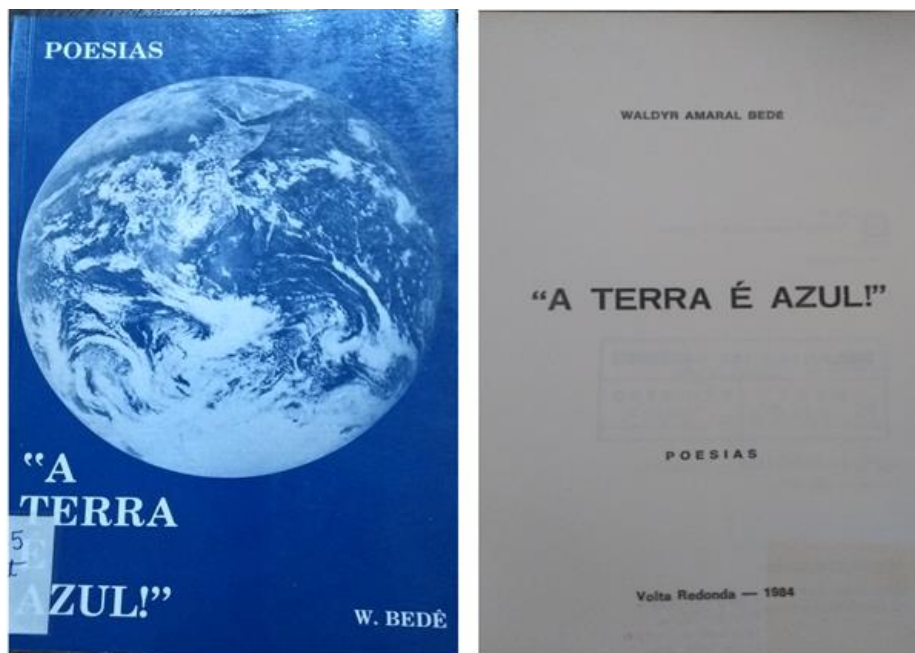
Associa, assim, os ciclopes da mitologia grega, gigantes, ferreiros que forjavam os raios usados por Zeus, aos trabalhadores que chegaram de vários cantos do país, os arigós, para forjarem o aço e, assim, moverem o Brasil.

Voltando ao ano de lançamento, 1984, vemos que nesse tempo a poesia brasileira tinha Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) como seu principal expoente. De fato, há qualquer coisa de drummondiana na obra poética de Bedê. Versos brancos, temática cotidiana e visceralmente... humana. É como se o autor encarnasse a necessidade de “salvar o país”, não somente, mas a América Latina, o mundo, o homem, pois, afinal, “A Terra é azul”.

Aspectos técnicos:

Trata-se de uma produção independente, talvez a única maneira de um poeta fora dos grandes centros publicar sua obra naquele tempo (não muito diferente na atualidade). A capa foi feita por Lelino Lelé, publicitário e amigo lembrado nos agradecimentos do autor. A produção gráfica foi feita pela empresa Gazetilha Limitada, que funcionava no Aterrado.

A diagramação é bem avançada para época, de grande qualidade, os versos ficam confortáveis na folha. O prefácio é de Alkindar Costa, membro fundador da AVL. Abaixo imagem da capa e da folha de rosto.



Capa (esquerda) e folha de rosto do livro “A Terra é azul”, de Waldyr Bedê

O vaqueiro e o jornalista - Resenha

Kyrie Gonçalves Ienaco

A presente resenha visa apresentar descritivamente o romance *O Vaqueiro e o Jornalista*. Lançado em 2018, dividido em 23 capítulos distribuídos ao longo de 172 páginas e com foco narrativo em terceira pessoa, o romance é um recorte muito bem situado, ainda que fictício, da Guerra de Canudos.

Escrito por José Huguenin, Doutor em Física, Professor universitário, contista, romancista e poeta laureado, profundo conhecedor do universo euclidiano, a ponto de aventurar-se numa narrativa muito próxima, e ao mesmo tempo original, da famosa obra *Os Sertões*.

No final do século XIX, a república brasileira recém proclamada foi palco de um sangrento massacre: o exército brasileiro dizimou o povoado de Canudos, situado no norte da Bahia. Um simples arraial composto por pobres-diabos marginalizados, fugindo da grande seca de 1877, uma das maiores da história do Nordeste do Brasil, que deixou mais de cem mil pessoas mortas, vítimas da fome e da sede. Sem outra opção que não fosse juntar as misérias para tentar sobreviver, seguiram Antônio Conselheiro, beato considerado “homem santo” e peregrino.

A maioria da população do Sudeste brasileiro, região próspera, não fazia a mínima ideia do que se passava no restante do país. A empolgação com a Proclamação da República talvez tenha obliterado o senso crítico das pessoas, que preferiram acreditar na justificativa (propaganda?) contra os “insurgentes” de Canudos: subversivos e criminosos! E todo apoio moral, político e financeiro foi dado ao exército em suas violentas incursões para debelar a ousadia de se insurgir contra a miséria, de subverter o destino de fome, do crime de querer viver, sendo pobre.

Muito foi dito, escrito e registrado sobre esse evento, marco histórico do nosso país. E de muitas maneiras (*fake news* é um nome contemporâneo para um comportamento que sempre existiu...). A obra mais conhecida sobre o episódio é, sem dúvida *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, seja pelo seu caráter extremamente descritivo, seja pela sua cruza em ressaltar a violência de várias ordens contra os miseráveis.

E como grande obra, suscita muitos aspectos, sendo este bastante peculiar: a surpresa do autor diante da realidade. Quem seria o criminoso de fato? O sertanejo é antes de tudo um bravo... tantas nuances, tantas observações cabem nessa afirmação, que originaram o romance *O Vaqueiro e o Jornalista*.

Apesar de tratar de um tema tão dolorido, o desenrolar dos acontecimentos é muito sutil, o cenário é envolvente e o lado humano dos protagonistas é evidenciado, a todo momento, com muita sensibilidade.

Os três capítulos iniciais apresentam os protagonistas, já evidenciando a polaridade social e o abismo cultural existente no país. Contrastam a empolgação do *Jornalista* e o

desalento do Vaqueiro diante do mesmo evento: para aquele, um insulto à nação e, para este, a última esperança de dignidade e sobrevivência.

Quando a caatinga se torna o cenário comum para os protagonistas, os ânimos se invertem lenta e diametralmente em ambos. Esvaem-se as dúvidas do Vaqueiro e as certezas do Jornalista.

“- *Virou jagunço - interrompeu o Jornalista.*

- *Virei um chefe de família defendendo seu filho, sua mulé e sua casa.*

O jornalista se calou.”

“*O Vaqueiro, que viu o horror, viu tudo perdido, viu dezenas de sertanejos morrerem (...), só poderia entender os fatos sob uma ótica:*

- É milagre! É milagre de Antônio Conselheiro! É milagre!”

Os capítulos se sucedem com descrição detalhada não só das batalhas e ânimos de sertanejos e militares, mas também das armas utilizadas, da linguagem da época, de personagens e referências políticas ricas em detalhes históricos. E segue a história com baixas de ambos os lados, peculiares à atmosfera de guerra: tocaias, emboscadas, estratégias, sangue, dor, equívocos...

O final, sem deixar de ser cruel, posto que trata de fatos, nos surpreende e emociona.

O formato da obra faz o leitor se aproximar, criar empatia com um universo antes tão distante, porque, de fato, ainda persiste a desigualdade e o contraste social no Brasil. Persistem ainda (retornaram com intensidade assustadora nos ásperos tempos atuais) a fome, a miséria, o preconceito com nordestinos. O Vaqueiro e o Jornalista, no primeiro nível de leitura, pode ser um romance afluente sobre a Guerra de Canudos, mas, num nível mais profundo, facilmente se torna atemporal dentro da realidade dual brasileira.

Poderia ser considerado um crossover, levando em conta que personagens, cenários e universo literário interagem com outras obras; ou mesmo uma *fanfiction*, visto que o autor José Huguenin é claramente um admirador de Os Sertões. Mas é mais do que isso.

Ao passo que *crossovers* e *fanfictions* se comprometem em manter a fidelidade estilística dos autores a quem se propõem contestar/reescrever/homenagear, *O Vaqueiro e o Jornalista* passeia pela não-linearidade, ou melhor dizendo, mostra as histórias paralelas de um e de outro, Vaqueiro e Jornalista, que em dado momento irão se cruzar, sem saber que já estão muito mais do que intrinsecamente ligados sob muitos aspectos e separados por tantos outros.

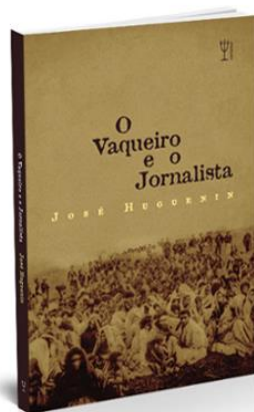
Não possuem nomes expressos ao longo da narrativa, suas condições de Vaqueiro e Jornalista já os definem e isso basta.

Vamos dizer então que é um *crossover*, porém com muita personalidade. Vamos dizer que é uma *fanfiction* que transcendeu. Sobretudo diremos que é uma narrativa feliz na sua proposição, que emociona, convida à reflexão, mantém viva a história do Brasil. É uma leitura para se fazer balançando na rede numa tardezinha preguiçosa, tanto quanto para se

ler como instrumento de análise crítica e/ou comparativa. Fruição ou estudo, o leitor escolhe. E não sairá decepcionado seja qual for a escolha.

Referências

CUNHA, Euclides da. Os Sertões: campanha de Canudos. 3ed. Rio de Janeiro; São Paulo : Laemmert C., 1905. Domínio público. Disp. em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5351>
HUGUENIN, José. O Vaqueiro e o Jornalista. Guaratinguetá: Penalux, 2018.





Textos Literários

Verso

Contemporando

Vicente Melo
Volta Redonda - RJ

Nós somos o todo: a visão, emoção e razão
do início ao fim que, aliás, inventamos,
como pequenos deuses entre nossos sins e nãoos.

Aliás, muito aliás, se bem me lembro
Cantamos por todo canto, em toda fala ou brado,
escrito ou explicado, o que foi mal-feito
e o que virá, sonho, nosso medo do presente,
do espelho reinventado, lapidado e maquiado,

Mas a Divindade esta lá: A culpa, o pretexto e a desculpa.
Fingimos que é só isso que nos destrói e constrói:
Um sobe e desce que nunca aparece
e depois de tentar e brincar, tantas vezes transferir,
vem um peso oculto ocupar o seu lugar, como dói.

Se não somos os tolos da visão, emoção e razão,
por que acabar como sabão?
É só quebrar o espelho e dobrar a esquina da quarta dimensão.

Poema de perfeita amálgama

Márcio Castilho
Volta Redonda - RJ

Na margem, vislumbro a alvura
Das manhãs ensolaradas
Onde não cabem as cargas d'água
Das nuvens carregadas.

Ao longe, vejo-te no sal das ondas
Em tua pisciforme mania
A transnadar pelas águas,
Tuas narinas são guelras
Descerradas para o ar do mar.

Teu mergulho atíça os átomos marítimos
E a água em regozijo
Molda bolhas ao redor de ti.

Na margem, vejo o mais perfeito
Namoro entre teu eu e a praia
E quando se fundem,
Se entregam em beijos quase cósmicos
Tal qual Júpiter a lançar-se sobre Saturno
Num contacto amante.

Teus braços, articulações natatórias em abraços liquefeitos,
Teus pés, cauda ululante a deslizar nas ondas,
Teu corpo, a deriva nas escumas,
Escamas cutâneas de fulgor.

Na margem, meu pensamento divaga
Como areia que anseia tocar a água
Para a ti, me aderir longe,
Lá longe, ao léu,
Na imensidão do mar e do céu.



Cartas de terras áridas

Márcio Castilho
Volta Redonda - RJ

Desvendo, vendo, lendo
Em negrito, em letras pretas,
O Saara que a mim se equipara.

Deserto, de certo, é a vida,
A vida que a milhas da ilha
Migra das quilhas e mastros
Do vasto barco
Para a folha em branco.

O poeta que espeta a caneta
E escreve na verve que ferve,
Não nota que das fartas cartas
Só restam ermos termos
E letras circumspectas.

Entre a pausa que causa a linguagem
Nessa vida remota relembro
Que antes abundantes os víveres
Vinhram a mim e apraziam.

Foram-se tendas,
Fendas, oferendas,
Nem cá há lendas,
Nem calêndulas intactas a apartar
O cheiro grosseiro do tédio.
(Ó longo oblongo ditongo!)

Da vida deserta que hiberna
Onde vaga do poeta a perna
É só eco e peço, e teço.

HaiCaindo Estações

Gisele Giandoni Wolkoff

Volta Redonda - RJ

À tardinha suave
o sol se esconde
silente no solo

No alto, a nuvem
despe a aurora
e se abre à ilimitada luz

É no cair da noite
no claro-escuro do céu
que revoadas reluzem

Do estrondoso frio
das noites claras
começa a se despir a floração primaveril

Os galhos secos reluzem
a relva, relegada do último outono,
vermifuga vívida o que não é verão

Se é verdade que as estrelas cantam no inverno
é porque à noite bailam
os pirilampos em sonhos de se fazer primaveras

Sangue e solidão²

Raquel Leal
Volta Redonda - RJ

Pelas frestas do assoalho
subia, vindo do porão
o cheiro de sangue e mofo.

Preta e encorpada como ela,
era também a bebida que servia.
Do espelho eu a observava.

Preparando o assado,
feriu a própria mão.
O sangue entre os dedos
escorreu-se, vindo ao chão.

No espelho, olhando-me,
cortei a mão. Meu sangue pingou
desfazendo a ilusão. Não era azul.

Chorando, dirigi-me ao quarto,
afundei-me no repositório.
Esperei ela chegar.

- "Ô fia, chora não"..."
Uma mão bruta e calejada
segurou minha mão cortada.
A outra, mansa e perfumada
enxugou-me a face molhada.

Com medo da resposta, a ela perguntei:
- Mãe preta, se meu sangue é vermelho
como o seu, por que eu
não durmo no porão?



Mãe negra [original de arte] / Lucílio de Albuquerque. -- 1912. -- 1 original de arte: óleo sobre tela; 180 x 130 cm.

2 Poema inspirado na tela "Mãe negra" de Lucílio de Albuquerque.

A máscara

Elyane Lacerda
Volta Redonda - RJ

Agora entendo o que é a solidão
Sim, agora entendo...
Não é escolha, mas destino
Um acordar sozinho
E perceber
Que a vida corre e nos impõe
CORAGEM
Não há mais amparo...
A solidão pulsa
E nos indica caminhos
Máscaras cravadas nos rostos
Medo infiltrado
Nos olhares humanos
Agora entendo
O que é a SOLIDÃO
Braços que não abraçam
Mãos que não se encontram
Corpos que não se tocam
Sorriso que se esconde...
A VIDA
O MEDO
A PANDEMIA ...

Os veleiros do mar brasileiro

Nívea Moraes Marques
Barra Mansa - RJ

“Existem
veleiros (...)
as escamas do peixe, a alegria”
Alberto da Costa e Silva

Ponto a ponto no litoral
Dos meus braços
Ancorando verdes abraços
Estão teus veleiros
Teus barcos
Pudessem sair em jornadas
Expedições planejadas
(mas ficam)

Ficam a brincar como os índios
Suas cores e ocre e penas
Ficam a brincar como os negros
Sua forma de noite e músculos,
Suas vozes metálicas de música e dança
que arde
e dói
Tantas raízes para que
se apenas branca de nívea terra,
fosse Portugal meu pai, meu avô, meu irmão
meu filho

Neste largo litoral em que ancoras
Teus sonhos de uma terra nova
Meus sonhos de uma pátria mãe
Nos abraçamos como há tempos não fazíamos

E construímos desse abraço gentes mestiças
Que só dizem poesia
Que só medem fazendas de lã
Que só procuram gentilezas

Doida a febre que nos retém
Retém num passo às vezes lento
Em que na memória só há reticentes barcos
Pinceladas que apagam o que quase não é

Somente o amor molha meus lábios
Riscando-os a sal dessas ondas
Em que eu vou
(mas tu, ficas)

Imprevisto

Edmilson Naves de Oliveira
Resende - RJ

Aconteceu o imprevisto
E dele foi criado à surpresa
E nasceu a ansiedade
...do conhecer
E no encantamento
Deu-se a insônia
E na madrugada fria
Houve a reciprocidade
...da coincidência
...do pensar
...do imaginar
Faltou o sono
Tomando a fadiga
E na iminência de amar
Veio a esperança,
...de um curto encontrar...

Insegurança

Giovani Miguez
Volta Redonda - RJ

É duro ser inseguro.
Mas, eu duro até ser futuro.
Ainda assim, nunca saberei
o que será de mim,
o que serei...
Dizem que serei esquecido.
Outros, que serei aplaudido.
Mas, e daí?
O que importa mesmo
é cachaça com torresmo.
Opinião todos têm.
Eu também.
Por isso, se inseguro
não terei futuro?
Hoje ou amanhã,
vale minha intuição:
viver cada situação.

Olhos vermelhos

Giovani Miguez
Volta Redonda - RJ

Olhei meu reflexo no espelho.
Não era mais eu, mas algum pedaço que se perdeu.
Os olhos deram o conselho:
– Encontre dentro de ti o que você esqueceu.
Na imagem refletida, os sinais eram claros,
as marcas denunciavam que o tempo havia passado.
Nos olhos, uma vermelhidão e muitos desamparos
que eu acreditava ter um dia enterrado.
As sombras, entretanto, lá estavam
ocultas na vastidão dos escombros que ignorei.
Neguei o apoio dos que me amavam.
Construí muros para ocultar o que enterrei.
Aprendi, entretanto, que nada é em vão,
quando encaramos que toda vermelhidão
reflete algo em nosso coração.

Cão-guia

Edir Araújo
Piraí - RJ

Cão-guia

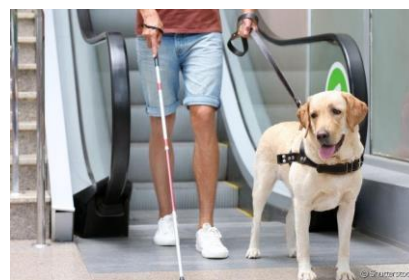
Em teus olhos emprestados e prestativos, há poesia.
A poesia que vaga, na luz do teu olhar, pelas ruas da vida.

Teu olhar é dia, é luz
que conduz, com segurança,
a cegueira que se fez noite,
E faz-se dia... e confiança,
Confia cegamente.

A poesia que vaga, na luz do teu olhar, pelas ruas da vida.

Seguindo-lhe as patas,
empresta teus olhos,
àquele que não pode ver,
na lida, na postura servil
e sóbria da fiel missão.

A poesia que vaga, na luz do teu olhar, pelas ruas da vida



Menina

Robson Chaves
Barra Mansa - RJ

Ela é de sorrisos
Tem leveza na alma
Na hora de sua criação
Da melanina, Deus se esqueceu
O sotaque dela, é diferente do meu
Por trás da beleza física, esconde uma grande força
Que às vezes nem ela sabe de onde vem
Ela é o tipo de mulher, que no olhar carrega um brilho bem particular

Sorriso especial

Jorge Luís dos Santos Barbosa
Barra do Piraí - RJ

No teu sorriso, uma simpatia de amor
No teu gesto um carinho de vida
No seu olhar, uma visão de esplendor
No seu abraço a amizade convida

Sua presença encanta e eterniza
Sua alegria nos deixa muito feliz
Seu afeto incorpora e protagoniza
Seu espaço é o que sempre quis

Você é o personagem do nosso mundo
Você tem a liberdade da mente aberta
Você é a beleza de universo profundo
Você tem o sorriso da descoberta

Seja uma mente brilhante e eficiente
Seja um modelo de pessoa legal
Seja uma ajuda para alguém carente
Seja um sorriso de um poema real

Prosa

O lambari que pensa

Vicente Melo
Volta Redonda-RJ

Não era certa a hora do cardume descer o rio para a caçada costumeira, mas quando as águas do grande rio se enegreciam, os pequenos peixes fugiam para suas tocas, dando lugar à avalanche carnívora. Aquele que porventura se descuidasse na área perigosa, arriscava-se a ser devorado avidamente pelas bocarras aquáticas.

Mesmo os animais de maior porte tinham o seu declarado respeito ao cardume e nenhum deixava de certificar-se da hora do perigo. O rio parecia trazer uma nuvem escura, as águas se apresentavam trêmulas e, ao longe, o estranho estardalhaço era ouvido com repetido pavor. Todos paravam para esperar, timidamente, a passagem das piranhas gigantes. Até que o cardume passasse ninguém ousava transpor o proscênio do formidável espetáculo. Ficavam atentos e concentrados na segurança até que o perigo desaparecesse completamente. As piranhas sempre iam e eles sempre saíam tranquilos, a piruetar entre as algas e pedras nas águas límpidas e frescas do grande rio.

Dentre a miúda sociedade – acarás, lambaris, mandis e outros – nenhum se destacava por sua coragem ou espírito de aventura; muito pelo contrário, todos procuravam a maior segurança

A rotina na vida do grande rio já era muito conhecida por todos os habitantes. Os pequenos peixes escondiam-se nas tocas e mal viam alguma imagem na escuridão das águas tomadas pelos monstros. Depois que passava a maioria, punham-se a observar as piranhas, que devagar iam cortando mais melodicamente as águas e aproveitando melhor o espaço.

Depois de bem acostumados com as operações de segurança, os peixinhos já não tinham tanto medo e estavam familiarizados com a fúria das piranhas e... até que aquelas últimas não eram tão ferozes, pareciam tranquilas e nem se preocupavam tanto com a caçada. Aliás, os peixinhos já estavam mesmo fazendo juízo diferente daquelas últimas e mais calmas piranhas.

Certa vez, depois que o cardume rompeu a área perigosa para os peixinhos, esses ficaram a observar as retardatárias, que eram mais despreocupadas, e intrigaram-se com isso. Um pequeno lambari que olhava atento o comportamento do grande aquático que se afastava cada vez mais do cardume resolveu, depois de tudo normalizado, subir o rio um pouco para ver o que estava acontecendo com aquela solitária piranha.

Lá se foi. Seu medo constante freava o seu desejo de alcançar o monstro; porém, a sua curiosidade ia vencendo o campo da dúvida. Pensava mil coisas e ia cortando as águas mais devagar ou mais rapidamente, tocado pela instabilidade da realização de sonho em cenário tão adverso.

- Quem sabe ela ficou doente e não conseguia prosseguir junto das outras? Quem sabe ela resolveu abandonar o grupo das colegas assassinas? Ou seria um exemplar diferente que não devorava peixes menores?

Tudo podia ser. Tudo é possível.

- Mas, o mais certo é que ela devia estar doente e precisava de ajuda! - pensando, o brilhoso lambari corria rio acima. - Eu sabia que aquelas últimas não eram tão ferozes como as do cardume!

Enquanto aprontava para si as justificativas necessárias para não voltar, continuava nadando já em águas desconhecidas. Embora em sua preocupação não tivesse tempo para observar os terrenos desconhecidos, de repente, sentiu-se só e observou que nenhum outro peixinho estava fora de sua toca. Por um instante sentiu muito medo, mas como nada acontecera até ali, voltou a se perder nos ideais de alcançar o objetivo sonhado: encontrar a piranha que, além de parecer a mais simpática de todas, deveria estar necessitando de ajuda de um outro peixe de boa vontade... e continuou.

Seu desejo de associar-se ao meio dos grandes peixes era mais forte que o medo e sentiu-se o mais audaz dos aquáticos e o mais corajoso ser do planeta. De súbito, lançou-se contra a correnteza. Encontraria a piranha que todos temiam porque não compreendiam o mundo e ele, um pequeno lambari, ia estabelecer o diálogo entre os dois mais diferentes mundos. Quanto maior a velocidade que conseguia imprimir, mais importante se sentia e mais corajoso se tornava.

De repente, sentiu alguma coisa estranha na água: era a piranha que passeava entre algumas pedras. Aproximou-se e em alto e bom tom explicativo, investiu-se de representante dos pequenos, completamente convencido de todo o mal-entendido que até então existiu entre as piranhas e os demais peixes, e que ele estava ali como representante de todos os peixinhos do rio para um diálogo que poria fim à era de terror e estabeleceria a paz.

Realmente, a piranha era diferente das demais, não seguia o grupo e nem se admirou da aproximação do lambari número um daquelas paragens. E o minúsculo herói continuou:

- Eu reconheço que até agora não houve razão para a paz, pois ninguém trabalhou para conquistá-la. Mas, eu quero deixar bem claro que não há necessidade disso tudo, ninguém precisa fugir de ninguém. Nas águas do grande rio há espaço e alimento para todos...

Azul

Saulo Soares

Piraí - RJ

Lembrou-se de quando sentiu um oco no esôfago ao notar que lhe apeteceu a ideia da morte. Não teve medo ou lhe faltou o ar, ou os batimentos aceleraram, ou travou o maxilar, como costumava fazer, de uma forma quase litúrgica, ao mínimo contratempo. Não. Apenas um oco, satisfeito e prazeroso, como uma livre eructação ao final do jantar. Um vácuo, com uma delicada silhueta cianótica.

Pensou em pintar as janelas de sua casa com aquele denim, o que margeava o leitoso vácuo. Todas as janelas e portas do mundo deveriam ser azuis. O mal não poderia habitar numa casa com janelas azuis, não senhor. Havia uma bondade na cor e um inapelável axioma na afirmação: o azul é bom. Bom como as casas simples que vemos nas estradas rurais. Brancas, janelas azuis, um ipê-amarelo e um matuto vira-latas a guardar solenemente a felicidade. "Os homens tentam ser reis, mas desejam ser pastores", dizia Chesterton.

Súbito compreendeu por que o Santo de Assis, o Pobre, chamava a Morte de Irmã e começou a cantarolar a franciscana melodia: "Bro-the-er- sun, si-is-te-er moon". A princípio, quando a ouviu pela primeira vez, achou a ideia de Irmão Sol, Lua, Luz, "ecológica" demais para seus padrões. Falava que estas coisas, assim, eram de "Jagatah" e, imitando um tal Rachid que conhecera ainda jovem, dizia em meio-sorriso: "Zen-zentido". Recordou-se, então, de Belchior, da canção: "Eu não estou interessado em nenhuma teoria, nessas coisas do Oriente, romances astrais. A minha alucinação é suportar o dia a dia e meu delírio é a experiência com coisas reais."

Isto. Deus existia, era real, ou nada neste mundo fazia o menor sentido e Rachid, ao cabo e ao fim, trocava os seus "zês" pelos definitivos "esses". Deus existia, ou sairíamos fabricando deuses aos borbotões, à nossa imagem e semelhança: Divinité Gourmet. Deus existia, ou rastejaríamos alimentando-nos de pequenos insetos, os fugazes prazeres — ervas que definham ao fim do dia. Goela abaixo venceríamos a disfagia com verdades menores e finitas, até que o guloso, inevitável e enorme fastio dos dias nos engolisse num insosso banquete. Deus existia, ou a vida seria um lodoso e fétido absurdo.

Chamar a Morte de Irmã, sim, fazia mais sentido do que tudo o que ele havia lido em toda a sua vida. Morte, Sol, Lua, Luz. Óbvio, tudo agora era de uma clareza meridiana. Não havia teoremas ou fórmulas, idiomas ou espécimes, oceanos ou desertos, galáxias ou partículas, nada; nada lhe era estranho, incompreensível ou descabido. Havia, como que

embutidos na morte, uma insuperável Misericórdia, uma irrefutável Justiça e um cabal Conhecimento. Deus é bom, concluiu. Deus é Azul.

Sentiu um incômodo, como quem calça os chinelos ao contrário ou se corta com uma folha de papel. Como se fosse instado a decidir-se, e a decidir-se logo. Quebrou o seu velho espelho cartesiano e enxergou-se, demasiada e divinamente, humano. Arrependeu-se por ser tão avaro no amor, tão tíbio. Doeu-se dos seus inúmeros e desimportantes orgulhos feridos; da mão que encolhera, de esconder-se feito um menino quando deveria agir como homem, da violência das palavras, da indiferença, do mornidão. Envergonhou-se de si. Chorou, copiosamente, como Pedro à beira da fogueira dos seus pecados, e viu as flâmulas do seu particular incêndio causticar tantas peles.

- Voltou, Doutor! Temos pulso novamente. Graças a Deus!

Abriu seus olhos suicidas e viu os da enfermeira. Lacrimosos. Azuis.

Metamorfose

Lúcia Araújo
Pinheiral - RJ

E se você pudesse deixar sua vida recomeçando tudo do zero escolhendo outros caminhos?

Àquela manhã tudo estava normal, o café servido apressado, as crianças para deixar no colégio e o último beijo dado mecanicamente ao mesmo tempo em que retocava o nó da gravata do marido.

Como fazia há mais de quinze anos Luíza chega para mais um dia de trabalho como ascensorista de elevador em um prédio no centro da cidade, onde ficavam vários consultórios médicos e laboratórios clínicos. O dia corria rotineiro com suas subidas e descidas. Com o sorriso dos mesmos dias e a mesma pergunta:

— Qual o andar?

Já eram quatro da tarde quando uma mulher entrou apressada comentando que estava formando uma tempestade. Outra mulher entrou no último andar dizendo que sairia correndo para chegar em casa antes da chuva.

Luíza também logo estaria indo para casa, seu turno de trabalho estava quase no fim e como todos os dias o jantar a esperava por fazer, assim como todas as outras tarefas domésticas.

Os últimos clientes saíam apressados, e o temporal desaba o vento chegava a quase 100 km por hora diziam os que ficaram e viam as notícias pela internet nas redes sociais. Por instante a luz se apaga deixando-os parados no último andar. Luíza acalma a todos dizendo que era só um momento e logo a energia voltaria.

Uma colega de trabalho conversa sobre o temporal. Eram quase da mesma idade e tinham um porte parecido além da cor dos cabelos e da pele, até os grandes olhos azuis eram idênticos. Sempre tinha alguém perguntando se eram irmãs de tão parecidas que eram. Luíza percebendo o nervosismo da colega diz sorrindo:

— O elevador não desce sem que a energia volte faça alguma coisa para ajudar esta tua irmã vá pegar a minha bolsa lá no armário que assim não preciso voltar aqui em cima

quando esta geringonça resolver funcionar. Seus olhos acompanharam a colega até o final do corredor próximo à salinha do café onde elas deixavam as bolsas.

Fez-se um silêncio perturbador até que um enorme estrondo se ouviu e o prédio sacudiu violentamente jogando Luiza longe. Tudo ficou escuro, não viu mais nada, apagou completamente.

Como no despertar de um pesadelo acordou atordoada em um hospital. A cabeça doía assim como todo o corpo. Queria levantar-se e sair correndo dali, mas não conseguiu estava com uma máscara de oxigênio e ligada a algumas máquinas e ao soro que pingava, deixando-a mais atormentada ainda. Passou a mão pelo rosto e cabeça e viu que estavam envoltas em ataduras. Uma enfermeira sorridente brincou:

— Até que enfim acordou; estava pensando se estava esperando pelo beijo de um príncipe. Doutor Carlos já foi avisado e estará logo aqui.

Não demorou muito e um jovem médico entra e a examina atentamente. Tudo estava muito confuso, mas Luiza não conseguia falar muita coisa; se sentia terrivelmente fatigada. Logo depois que o médico terminou seu exame, uma surpresa terrível a aguardava.

Ele, com um leve sorriso, diz:

— Tudo parece bem, dona Regina. Vou pedir alguns exames complementares.

Dona Regina? Que é isso? Pensou atordoada ao mesmo tempo que tentou se comunicar; ficou agitada e foi contida pela enfermeira para que ficasse calma, pois era normal se sentir assim depois de tantos dias em coma. Uma injeção no soro a fez dormir novamente.

Quando acordou, mais tarde, percebeu que já era noite e o nome de sua colega e amiga não saía de sua cabeça.

— Por que o médico a chamou pelo nome da amiga? O marido não estava lá quando ela acordou. Por que não o chamaram?

Um gosto amargo traz à lembrança a vida sem sabor, sem cor de seus últimos anos. Via sua juventude se esvaindo insatisfeita consigo mesma. Disposta a saber o que houvera, chamou a enfermeira e quis saber o que tinha acontecido, quantos dias se passara. Logo o médico que a atendeu entrou:

—Vamos conversar. É natural que se sinta confusa. Já faz um mês que aconteceu o acidente. O temporal fez desabar o prédio em que trabalhava e você sobreviveu como por milagre. Foi encontrada entre as ferragens por baixo de uma viga que, apoiada em

outra, a protegeu dos destroços. Estava muito ferida, mas conservava a bolsa pendurada e por isto foi fácil sua identificação.

Luiza apenas ouvia e, como um clarão, as imagens do dia do terrível desastre apareceriam. Via sua amiga e colega se afastando e entrando na sala para pegar sua bolsa, enquanto ela ficou com a dela, cruzando suas alças no corpo para liberar suas mãos.

Não precisava de mais nenhuma explicação, elas haviam trocado de lugar. Tantas vezes haviam sido confundidas por causa da aparência. Seu olhar percorre o corpo e para no pé direito que, por ironia do destino, não sofrera nada. Uma tatuagem de borboleta se apresenta contando uma história que só ela sabia:

Luiza e Regina tinham se tornado muito amigas. Regina era só. Não tinha nenhum familiar, sua mãe tinha falecido. Não tinha marido e pelas brincadeiras da aparência das duas, brincava que finalmente havia encontrado a irmã querida. Por isso resolveram tatuar uma borboleta no pé direito, símbolo de feminilidade, de transformação e renascimento. Ambas sonhavam um dia renascer e terem a vida que imaginavam em suas conversas. Quando estavam juntas, havia quase que uma metamorfose, como se saíssem do casulo que as prendia e voassem felizes.

Foi justamente essa tatuagem junto com a bolsa de Luiza que causou todo o engano, levando a família de Luiza a reconhecer o corpo de Regina como se de Luiza fosse. E Luiza foi parar no hospital como se Regina fosse.

Mais um mês se passou e Luíza teve alta. A firma honrou com seus compromissos e pagou as cirurgias que restaurou o rosto de Regina no corpo de Luíza.

A metamorfose enfim se completou e Luiza voa para uma nova vida. Quais caminhos iria percorrer, só o tempo diria.

O caso das gêmeas

Edmilson Naves de Oliveira
Resende - RJ

O caso das gêmeas Clara e Clarice. Vieram ao mundo no dia 18 de junho de 1978, às 10h de uma manhã de domingo. Foi a maior felicidade de Roberto e Mirela, eram pais de primeira viagem e já vieram gêmeas. A primeira a nascer foi Clara; depois Clarice que quase não chorou e essa qualidade de calma seria para toda sua vida. Clara fez um pequeno show chamando a atenção de toda a equipe médica. Foram crescendo e, como todas as crianças gêmeas, usavam roupas e cabelos iguais, só eram distinguidas nas brincadeiras, pois Clara era mais arrojada, falava mais alto e tinha uma risada estridente. Assim foi a infância e a adolescência das gêmeas que eram invejadas por serem tão belas. Uma coisa podia ser notada nas gêmeas até mesmo pelas pessoas que não as conheciam: a proteção e o amor de irmãs entre elas. Os pais tinham certeza disso, pois mesmo idênticas e com personalidades distintas, elas nunca tinham brigado sério e nem ficaram sem se falar por mais de um dia. Seguiram assim até a universidade, sempre juntas. Como já era esperado conhecerem os futuros maridos na mesma festa, começaram a namorar no mesmo dia, Clara com Artur; Clarice com Edson. O namoro rolou por mais de três anos até a formatura das irmãs, então veio o noivado e a data marcada para o casamento duplo. A festa de casamento foi um acontecimento de destaque na cidade, afinal, eram Clara e Clarice que estavam se casando. Formadas as famílias, vieram os filhos, Clara casada com Artur e mãe de Sara, Clarice casada com Edson e mãe de Juliano, os pequenos nasceram no mesmo mês com espaço de quinze dias entre os nascimentos. As irmãs moravam na mesma cidade e, nos fins de semana, almoçavam na casa dos pais ou na casa dos sogros e, um domingo por mês, passavam juntas, quando as crianças podiam brincar e viverem como primos irmãos. Os maridos também eram grandes amigos e sempre estavam juntos, no futebol de quarta-feira à noite e nos fins de semana. Como acontece em todo casamento, no delas também tinham crises e elas sofriam com isso e como sempre o apego entre as duas as colocavam em longas conversas via telefone. A desconfiança principal era a traição de ambos devido às desculpas parecidas dadas pelos dois, também havia a possibilidade dos dois serem cúmplices no caso da traição. Então as gêmeas decidiram que descobririam a causa do afastamento dos maridos nem que levasse algum tempo. Após algumas buscas em bares e clubes, Clara que havia ficado responsável pelas primeiras investigações não descobriu nada, chamou a irmã e fizeram um balanço dos acontecimentos e resolveram que poderiam

fazer um esforço para tentar recuperar a harmonia dentro de suas casas, que faziam jantares românticos e apimentariam a relação comprando lingerie sensuais. Algum tempo se passou e a situação amorosa não melhorou, pelo contrário, durante uma discussão, de ímpeto surgiu à palavra separação pronunciada por Artur, o mesmo acontecendo com Edson. As irmãs choraram juntas e colocaram em dúvidas seus atrativos femininos, eram mulheres loiras, bonitas e inteligentes. Clara tinha uma desconfiança da causa da desavença crescente entre os casais, mas só de pensar tinha medo do que poderia acontecer futuramente. Como a situação não melhorou por mais de quatro meses, Clara resolveu contar para a irmã sua desconfiança e marcaram um encontro. Após uma longa conversa Clarice chorou muito e resolveram marcar um almoço assim poderiam conversar com os maridos juntos. Marcado o almoço para o fim de semana, Clara e Artur passariam na casa de Clarice e Edson para pegá-los. Foram a um self-service, comeram e conversaram sobre várias coisas, menos sobre a situação atual de cada casal; ao fim do almoço, Clarice propôs que fossem a um sítio-modelo, onde as crianças poderiam ver bichos e brincar um pouco. Os maridos inicialmente recusaram, mas por fim aceitaram a proposta das gêmeas. A estrada que levava ao sítio era de terra e cruzava um rio com uma ponte de madeira velha. Ao aproximarem-se do rio que corria entre as árvores, Clara pediu que parassem sobre a ponte para que as crianças vissem o rio lá embaixo; Artur parou o carro, Clara desceu de um lado e Clarice do outro, cada qual com seu filho no colo, os maridos não desceram, disseram que esperariam no veículo. Clarice colocou Juliano no chão, Clara foi para trás do carro segurando pela mão direita sua filha Sara e pela mão esquerda seu sobrinho Juliano. Os dois de apenas dois anos não poderiam imaginar o que se passava naquele momento. Clarice parou diante da porta esquerda do veículo olhando para dentro com um ar sério de questionamento e os dois maridos ficaram sem entender o que se passava. Então Clarice perguntou: - Eu gostaria de saber uma coisa de vocês e queria ouvir a verdade, vocês têm um caso, vocês são gays? Os dois olharam-se e Artur começou a falar exaltado negando e chamando-a de doida e de outras coisas mais. Clarice retirou da bolsa uma arma, que Edson reconheceu: era sua arma que ficava guardada no armário da cozinha, arma que foi do seu pai e que guardava não sabia por quê; arregalou os olhos de apavoramento e os dois entraram em pânico, Clarice fez de novo a pergunta, agora com a arma em punho apontada para dentro do carro. Artur, com medo da situação apresentada, resolveu admitir que tivessem alguma coisa, mas poderiam conversar sobre o assunto e chegar a uma solução. Clara já ia com as crianças a uns trinta metros pelo caminho quando ouviu um estampido que ecoou pelo vale e, logo em seguida, outro. Clara virou-se e ainda pôde ver o carro sendo empurrado para o lado esquerdo da pequena ponte, caindo sobre as pedras lá embaixo e girando sobre a correnteza do rio que estava acima do nível devido às chuvas de verão. A arma foi jogada bem mais à frente em um poço fundo. Clarice foi em direção à irmã, deu a mão ao pequeno Juliano e retornaram pela estrada de terra. Clara olhou para

Clarice, se abraçaram e nenhuma lágrima caiu sobre as faces das gêmeas. Entre elas, o feito tinha um objetivo, que era não ser a vergonha da cidade e que o amor de irmãs estava acima de tudo.

Cartas para se despedir de um grande amor

Natália Barbosa Gomes Vago
Volta Redonda - RJ

1. Marcelo,

Depois de cinco anos, finalmente, eu consigo perceber que acabou. Foi como se uma venda caísse dos meus olhos e eu conseguisse enxergar as coisas como elas realmente são. Você fez tudo que eu pedi pra não fazer: me deixou falando sozinha, nunca me incentivou, debochava dos meus projetos e sonhos, fazia com que eu me sentisse diminuída e incapaz. Sempre achei que nunca seria boa o suficiente para você. E, agora, eu percebo que isso é verdade. Eu não preciso ser boa o suficiente para ninguém além de mim mesma. A pessoa que me amar deverá me aceitar exatamente do jeito que eu sou.

Quem diria que justo você, que sempre pensou que não me perderia para ninguém, conseguiu me perder logo pra mim mesma. Eu percebi que sou incrível e completa. Sou inteligente, engraçada, esperta e só demorei para perceber isso. Ontem, enquanto dobrava as suas camisas e pedi que me trouxesse uma coisa e você simplesmente me ignorou, eu tive uma epifania. Percebi que você nunca me escuta de verdade. E quando eu avisei que iria embora, eu sabia que não ia me escutar.

Durante toda a nossa relação, eu fechei os meus olhos, tampei os ouvidos e me fiz de muda diante dos seus erros. Ontem, em desespero, percebi que passei todos esses anos esperando por uma coisa que você nunca poderá me dar: reciprocidade. Quando eu estiver em uma nova relação, ela será saudável. E sim, eu vou amar. Você não tirou de mim a capacidade de amar e desejar um futuro lindo, uma família e toda a felicidade que eu mereço. Há alguém por aí que vai me amar da maneira como eu mereço. Que vai me amar como eu descobri que eu mereço ser amada.

Algumas pessoas dizem que nunca se esquece de um amor. Entretanto, eu vou esquecer, pois o que eu senti nunca foi amor, apenas medo de ficar sozinha. Eu ainda tenho medo, mas é melhor viver sozinha do que viver ao lado de uma pessoa que eu nunca tive de verdade. Não preciso mais de você. Eu me basto. Fique aqui na sua casa e com as suas coisas. Eu não faço questão de nada. Só levarei minhas roupas e a minha dignidade.

Você foi a melhor coisa que eu nunca tive, Marcelo. Essa relação tóxica nunca fez bem para mim e você era o único beneficiado em tudo. Obrigada pelos dez anos de

equivoco. Obrigada por me mostrar tudo de ruim que pode haver em um homem e em um relacionamento. Muito obrigada por tudo aquilo que nunca fez por mim.

Daniela.

2. Rafael,

Sete anos e sete meses de relacionamento. E parece que a crise, a famosa crise dos sete anos chegou para nós dois. Eu não sei fazer as coisas pela metade. Ou é oito ou é oitenta. Eu me doeí inteiramente para você. Pulei de cabeça em um relacionamento sem me certificar de que havia rede de proteção.

Eu desejei que desse certo, pus tudo de mim em nós dois, coloquei meu coração em suas mãos e parece que você não cuidou muito bem dele. E, por mais que eu me esforce, nunca sou boa o suficiente. Para mim, a relação precisa ser uma via de mão dupla, em que os dois cedem e agora percebo que eu tenho cedido demais.

Eu quero mais do que temos hoje. Eu estou tão cansada de ceder e pedir. Antes eu me preocupava, agora eu me chateio. Eu posso não ser perfeita, mas me esforço todos os dias. Não meço esforços para me dedicar a nós dois. E não há nada que eu queria mais do que fazer você feliz.

Ontem eu chorei durante duas horas na cozinha enquanto fazia a comida que você não comeu e sequer se deu conta. Eu estive ao seu lado em todos os momentos. Eu senti a sua dor como se fosse minha. Eu chorei e ri com você. Eu abri mão das coisas que eu amava. Cansei de precisar arrancar um eu te amo de você. Cansei de me esforçar e nunca ser boa o suficiente. Você, do alto do seu pedestal de onde me julga o tempo todo, sequer percebeu que tem tantos defeitos como eu. A grande diferença é que eu te amo, apesar de todos eles. E eles são muitos. Não fui tola de me casar e imaginar que o casamento seria um conto de fadas e nem achei que você seria perfeito. Se nem eu sou perfeita, como eu poderia exigir isso de você? É isso que você não enxerga. Eu sabia como você era e eu o amei mesmo assim, com todas as suas tempestades. Você se casou comigo sabendo quem e como eu era, mas tenho a sensação de que nunca me aceitou de verdade.

Então, Rafael, é isso. Eu me cansei. Cansei de falar, de reclamar, de bancar a chata, de pedir que ficasse comigo. Cansei das migalhas que você me dá. Cansei de amar sozinha. O amor precisa ser nutrido todos os dias pelo casal. Cansei de nutrir o meu sozinho. Agora, em meu peito, há somente um amor fraco e desnutrido. E quero sair daqui antes que vire ódio. Por muito tempo, as boas lembranças me fizeram ficar com você. No entanto, hoje, nem elas são suficientes para me fazer ficar. Eu teria te amado para sempre, mas você fez questão de destruir qualquer chance de isso acontecer. Você minou meu amor e nosso relacionamento com toda a sua indiferença.

Quando ler esta carta, eu já estarei longe. Pode ser que haja um novo amor para mim, pode ser que não tenha. Se houver, farei diferente. Ainda amarei com intensidade, mas eu sempre estarei em primeiro lugar. Nunca mais serei boba como fui.

Você partiu o meu coração. Entretanto, eu darei um jeito. Colarei cada caquinho e serei feliz, muito feliz. Não lhe desejo nenhum mal, vou demorar para te esquecer, vai doer e eu vou chorar, mas vai passar, eu sei que vai. E, um dia, olharei para trás e verei que toda a nossa história serviu como experiência para que eu não errasse com amores futuros.

Carla.

3. Juliana,

Eu cansei de ficar na friendzone, cansei de ser seu amigo e a pessoa a quem você recorre quando está triste e entediada, cansei de ser o seu amigo fofinho, cansei de ser a pessoa que sempre esteve ao seu lado e você não enxergou.

Acabou. Estou indo embora para a Irlanda e não quero me despedir de você, pois doeria demais ver você e não poder te tocar. Quando essa carta chegar em suas mãos, eu já estarei bem longe de Volta Redonda. Longe o suficiente para me refazer e te esquecer. E o me mais me dói, Juliana, é a certeza de que você sabia o tempo todo que eu te amava e, mesmo assim, nunca se importou com os meus sentimentos.

Eu sei que a culpa é minha por depositar o meu coração em suas mãos mesmo sem você querer. Quando me dei conta do que eu sentia, eu me perguntei "Eu a amo. E agora?". Meu coração ficou tão cheio de felicidade que queria compartilhar tudo com você, mas, infelizmente, não estávamos na mesma vibe. Você me queria por perto, mas não queria me dar a única coisa que eu precisava: o seu amor.

Sei que não é obrigada a ter os mesmos sentimentos que eu, no entanto, sabendo o que eu sentia, deveria pelo menos me preservar e não ficar me contando tudo que fazia com seu namorado, nem me contar com detalhes de cada crush novo que você tinha.

Isso tudo ficará no nosso passado agora. Partirei para uma vida nova onde você não poderá mais me machucar. A única coisa que me entristece é ir embora sem realmente saber o porquê de você nunca querer nada comigo.

Eu sempre amei cada detalhe seu, Juliana. Amei tudo em você, desde a sua beleza arrasadora até as suas partes mais feias. Eu a amei em meio as suas tempestades com toda a força do meu coração. Não foi uma coisa que aconteceu de repente. Eu não me apaixonei assim que pus os olhos em você. Não foi amor à primeira vista. Aconteceu aos poucos e quando vi, já estava louco de amor. Completamente louco por você.

Parece que fico dando voltas no assunto, mas dói me despedir. É difícil pensar que essa é a minha última noite no Brasil e que toda uma vida nova começará em breve. Será

um país novo, com uma nova cultura e com novas pessoas. E eu pretendo me apaixonar novamente. Eu quero muito mais para mim do que um amor platônico. Eu posso não ser o homem ideal para você, mas tenho certeza de que posso ser o homem ideal de alguma outra mulher.

Espero que você fique bem e feliz, Juliana e que encontre aquilo que está procurando. Espero que o homem que finalmente a fisgar, te trate bem e com desvelo, pois você merece o que há de melhor no mundo e, mesmo que tenha maltratado um pouco o meu coração, eu sei que é uma pessoa boa. Eu continuo tendo muita fé em você.

Quando eu estiver bem o suficiente e curado desse amor agudo que sinto, voltarei e vou querer rever você. E conhecer seu amor e, talvez, seus filhos. Eu levarei minha esposa e minhas crianças e poderemos nos relacionar como pessoas civilizadas que têm uma amizade forte e duradoura. Não existirão dramas ou culpas, apenas as boas lembranças dos momentos que passamos juntos e da sólida amizade que construímos ao longo dos anos. Por favor, não fique com raiva de mim se parto como um covarde. Foi mais forte que eu. E sabe muito bem que você é a mais forte de nós dois.

Sei que nunca mais sentirei um amor tão avassalador como o que queima em meu peito exatamente como um vulcão em erupção, mas encontrarei uma mulher que saberá despertar o melhor de mim e fará queimar as brasas dentro de meu coração ferido. Não será aquele fogo da paixão que tudo consome, mas serão as chamas da lareira que aquece e conforta. E é disso que eu preciso.

Como bom canceriano que sou, continuo acreditando na força dos sentimentos, continuo acreditando que há muito mais para mim aí fora, basta que eu tenha coragem o suficiente para ganhar o mundo. E, algumas semanas atrás, quando me ofereceram essa promoção, a coragem finalmente surgiu. Sem nenhum medo ou reserva, eu aceitei e me joguei de cabeça, cometi um ato de ousadia que jamais pensei ser capaz. Acho que nem você deve estar acreditando no que eu fiz. Tem horas que nem mesmo eu acredito.

Eu parto porque não há mais nada que me prenda na cidade do aço. Você era a única pessoa que ainda me restava, a única pessoa que poderia me fazer ficar. No entanto, em nossa última conversa, você deixou bem claro que não havia modo de uma relação entre nós dois acontecer. Suas palavras me deram o empurrão definitivo para encarar o caminho que eu decidi seguir. Naquela noite, eu fui para o tudo ou nada. Eu tomei coragem e declarei o que estava entalado em minha garganta. Eu me declarei, me expus de corpo e alma e não recebi o que queria. Fazer o quê? Nem sempre temos tudo o que queremos. Bem, vou me despedindo. Já escrevi demais.

Daniel.



*Ensaio &
Trabalhos Acadêmicos*

A ausência da mulher na literatura

Giovana Damaceno³ (AVL)

Estávamos a uma semana do Dia Internacional da Mulher, quando fui convidada para dar uma palestra a estudantes de magistério sobre a presença da mulher na literatura. Nenhum material pronto; nada arquivado. Priorizei a tarefa e mergulhei em pesquisa sobre o assunto. Seriam poucos dias para levantar dados históricos, informações atualizadas, situar o tema e roteirizar o discurso. Mal comecei a busca e dei de cara com uma pesquisa coordenada pela professora Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília, que definiu o tom da minha conversa com as alunas – não falaria da presença, mas da ausência da mulher na literatura.

A pesquisa, iniciada em 2003 pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília, concluiu que o perfil do autor de romances no país, publicados pelas grandes editoras (Record, Companhia das Letras e Rocco), manteve-se o mesmo por mais de quarenta anos: esse autor é homem, branco, de classe média, nascido no eixo Rio-São Paulo. Os narradores também estão no mesmo lugar que seus autores, sejam protagonistas ou coadjuvantes: na maioria são homens, brancos, de classe média, heterossexuais e moradores de grandes cidades.

Os resultados da primeira etapa da pesquisa foram divulgados em 2005 e os da segunda etapa em 2018. Foram analisados 692 romances escritos por 383 autores, nos períodos de 1965 a 1979, de 1990 a 2004 e de 2005 a 2014. Os percentuais não surpreendem, no entanto chocam, por se tratar de um registro documental de uma realidade ainda difícil de ser mudada e, pior, negada inclusive por editores.

De 1965 a 1979 foram 82,6% de autores homens contra 17,4% de autoras mulheres; de 1990 a 2004 a maioria masculina baixa para 72,7% contra 27,3% de autoras mulheres; e de 2005 a 2014 livros publicados por homens ficaram em 70,6% e de mulheres

³ Autora correspondente: gidamaceno@gmail.com

em 29,4%. Entre as protagonistas, mulheres também são minoria, e mulheres negras, tanto na posição de autoras como na de personagens protagonistas aparecem abaixo de 10%. Personagens negros, principalmente mulheres, ainda aparecem como serviçais. Os autores são majoritariamente do Rio de Janeiro (33%), São Paulo (27%) e Rio Grande do Sul (9%). O que até então poderia ter sido chamado de “achismo feminista” se revelou uma ausência gritante documentada em pesquisa acadêmica.

Não coincidentemente, à mesma época descobri o projeto “Leia Mulheres”, criado em 2014, pela escritora Joanna Walsh, e já consolidado no país, com tendência a crescer cada vez mais, pois estimula braços em todos os municípios. O projeto consistia basicamente em conclamar a todos e todas a lerem mais escritoras, já que no restrito mercado editorial mulheres não possuíam (e ainda não possuem) tanta visibilidade. A partir de 2015, Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques levaram o Leia Mulheres para espaços físicos, como livrarias e casas de cultura. Hoje, homens e mulheres leem mulheres em cerca de 150 municípios de todos os estados brasileiros e, ainda, na Alemanha, Portugal e Suíça. Uma campanha que circulou na Internet nos convidava a contar “Quantas mulheres você tem na estante” e foi o mote escolhido para não só estimular o hábito da leitura nas alunas de magistério, como conclamá-las a valorizar a produção de escritoras, inclusive com o reforço do “você também pode”. Afinal, mulheres ainda estão ausentes na literatura e em muitos outros segmentos por falta de “autorização” do machismo estrutural que se esforça para mantê-las distantes do desenvolvimento intelectual e do mercado produtivo, em qualquer área.

Registros como o da professora Dalcastagnè existem para que mulheres que escrevem – e também as que leem – tenham conhecimento do lugar que (não) ocupam e saibam que necessitam lutar bravamente para garantir no mínimo o que lhes é de direito: o de poder publicar sua(s) obra(s). Muitas não alcançam uma editora pelo simples fato de serem mulheres – sim, acontece! Em 2015, por exemplo, a escritora Catherine Nichols, depois de ser rejeitada por quase uma dezena de editoras, experimentou enviar seu manuscrito sob o pseudônimo de George. Recebeu oito respostas positivas. Nas festas literárias com grande cobertura da imprensa nacional, quando uma mulher é o foco, quase

nunca é pela qualidade do seu trabalho e, sim, pelos atributos físicos. Torna-se musa do evento e ganha fotos de seu rosto e corpo nos jornais, ao invés das capas de seus livros. Milhares de mulheres têm dificuldade de escrever/publicar por causa das jornadas domésticas. Livros escritos por mulheres ainda são considerados literatura feminina, no sentido de romântico, desinteressante para o mercado, sem qualidade literária que assegure sucesso de vendas.

Pela mesma constatação da ausência da mulher na literatura, foi fundado no Brasil, em 2017, o Movimento Feminista Literário Mulherio das Letras, que atualmente conta com mais de sete mil integrantes, todas escritoras, profissionais de Letras ou que fazem parte da produção de livros, como capistas, designers, diagramadoras, ilustradoras, editoras, etc. O Movimento foi fundado por um grupo de escritoras, reunidas em Paraty durante a Festa Literária Internacional (Flip) de 2016, convictas de que não só as autoras eram menos contempladas no mercado literário, como tinham menor visibilidade e não havia equilíbrio de gênero nos convites para os grandes eventos, até hoje dominados e ocupados por homens. Já no ano seguinte o movimento reuniu mais de quinhentas escritoras em um primeiro encontro nacional, em João Pessoa/PB e não parou mais. Teve encontro em 2018, em Guarujá/SP e, em 2019, em Natal/RN. Em 2020, a pandemia obrigou-as a realizar o encontro on line.

A mentora intelectual do Mulherio das Letras é a escritora santista Maria Valéria Rezende, autora de cinco romances, três livros de contos e nove infantis/juvenis, premiada com Jabuti, São Paulo de Literatura e Casa de Las Americas, entre outros. Freira e educadora popular, viajou o mundo e conheceu a pobreza extrema por todos os cantos. Com a vasta experiência adquirida em suas andanças, conhece a fundo a realidade das populações mais afastadas de nossos olhos urbanos. Poucos fazem ideia de como vivem essas pessoas. Tudo o que aprendeu, sentiu e viveu transporta para suas obras, com delicadeza e sensibilidade, numa literatura que vai do humor à realidade mais dura dos brasileiros esquecidos nas comunidades periféricas. “Eu respirei o mundo inteiro, e isso entrou pelos meus cinco sentidos. Há uma variedade de lembranças, sensações, impressões... e é com isso que eu construo a minha literatura” – ela diz. Há mais de

quarenta anos mora na Paraíba, conhece muito bem a realidade do povo nordestino e transporta essa realidade para sua ficção.

À Maria Valéria Rezende juntam-se centenas de outras romancistas, contistas, cronistas, poetas, acadêmicas, entre as quais posso citar algumas, com certeza deixando muitas de fora: na categoria romance/conto temos Cinthia Kriemler, Deborah Dornellas (Prêmio Casa de Las Americas), Maria José Silveira, Patrícia Melo, Eliana Alves Cruz, Marília Passos, Natália Borges Polesso, Conceição Evaristo (também contista, poeta e ensaísta), Henriette Effenberger, Lindevânia Martins; na poesia, Divanize Carbonieri (também contista e romancista), Marília Kubota, Jeanne Araújo (também romancista e cronista), Diana Pilatti, Nic Cardeal, Dalila Telles Veras, Liria Porto (Prêmio Jabuti), Lia Sena; na pesquisa acadêmica, Eurídice Figueiredo, Regina Dalcastagnè, Lilian Schwarcz, Ana Elisa Ribeiro, Luciana Hidalgo, Candice Azevedo, Djamila Ribeiro. A lista é enorme e só cresce.

Encerro este texto convidando você, leitora(or) a passar os olhos pelas prateleiras de suas estantes e verificar quantas mulheres há nelas. Caso constate que há poucas em relação aos homens ou, na pior hipótese, que as autoras estão ausentes, a relação acima pode ser um ótimo começo para uma grande mudança (sem falar nas autoras consagradas e celebradas no Brasil e mundo afora). Fica aqui, portanto, o convite para que possamos contar com sua colaboração no processo de extinção da desigualdade de gênero na produção editorial brasileira.

O jogo ficcional e a construção da culpa em *O alienista* e *A hora da estrela*

Angeli Rose⁴(CEDERJ)

RESUMO

Este artigo apresenta um exercício de leitura crítica e comparativa sobre *O alienista*, de Machado de Assis, e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, a partir do jogo ficcional identificado na narração de ambos os textos, apontando tanto as peculiaridades de cada um como as possibilidades de aproximação. Para tanto, identifica-se o tipo de narrador em cada texto, o tipo de interação com o leitor que é proposto; em seguida, delinea-se a noção de culpa como forma de fazer o leitor sentir-se comprometido com as ideias de cada um, conto e novela, respectivamente. Num movimento contrário, através da ironia introduz-se o esfacelamento dessa mesma noção de culpa, como modo de dar a ver as implicações sociais em cada contexto e época desse jogo ficcional. A chave de leitura tem no narrador do conto de Machado e no pseudo-autor –narrador da novela de Clarice a perspectiva de dar a ver o potencial de afetar o leitor implícito. Deste modo, estabelece-se um diálogo entre os textos literários em questão e alguns autores selecionados como Sigmund Freud; Etienne La Boétie; Walter Benjamin, entre outros de teoria literária que embasam o roteiro de análise.

Palavras-chave: jogo ficcional; narrador; contação de histórias; culpa.

1. Introdução

Este artigo apresenta um exercício de leitura crítica e comparativa sobre *O alienista* de Machado de Assis e *A hora da estrela* de Clarice Lispector, a partir do jogo ficcional identificado na narração de ambos os textos apontando tanto as peculiaridades de cada um, como as possibilidades de aproximação. Para tanto, identifica-se o tipo de narrador em cada texto, o tipo de interação com o leitor que é proposto; em seguida, delinea-se a noção de culpa como forma de fazer o leitor sentir-se comprometido com as ideias de cada um, conto e novela, respectivamente. Num movimento contrário, através da ironia introduz-se

⁴ Autora correspondente: proftutoraangelirose@gmail.com

o esfacelamento dessa mesma noção de culpa, como modo de dar a ver as implicações sociais em cada contexto e época desse jogo ficcional.

A motivação para desenvolver tal análise adveio originalmente de uma formação realizada há muitos anos, uma especialização na obra de Machado de Assis em Literatura Brasileira, porém, o centenário de Clarice Lispector em 2020 e o fato de ter sido agraciada com o “Prêmio Internacional Machado de Assis” pela Federação Brasileira de Ciências, Letras e Artes (FEBACLA), também em 2020, foram incentivos para atualizar a produção e aprofundar alguns aspectos do estudo realizado.

2. A contação de histórias no jogo ficcional

“*As crônicas da Vila de Itaguaí, dizem, que em tempos remotos vivia ali um certo médico...*”(Assis: 1979,13). Assim tem início *O Alienista* de Machado de Assis, narrativa introduzida como um contar histórias nos antigos tempos, onde o homem tinha o hábito de escutar experiências vividas e inventadas, passando horas nesse prazer. A marca da oralidade presente no fragmento (“dizem”), reforçada pela transmissão de um saber comunitário (“as crônicas da Vila de Itaguaí”), descompromissa-o com a verossimilhança naturalista e apresenta outro tipo de verossimilhança, onde se destaca a versão dos fatos e não exatamente cada fato, até porque existe uma preocupação constante do narrador em lembrar ao leitor que este estará diante de uma ficção, ou pelo menos da interpretação ficcional de realidade.

O narrador deste conto, apenas um narrador, só faz recontar o que os outros diziam: fala de fato já familiar à população de Itaguaí. Mas ao recontá-lo não o fez de modo desinteressado e torna-se um pouco autor da história narrada, se considerarmos o antigo ditado: “quem conta um conto, aumenta um ponto”. Este narrador, portanto, passa a refletir uma imagem de autor implícito, construída a partir das suas intromissões, ou melhor, da consideração que tem com o leitor durante sua façanha.

O leitor sabe que está lendo uma história, (“vinte e quatro horas depois dos sucessos narrados no capítulo anterior...”), sabe que esse narrador é um intermediário entre as supostas crônicas de Itaguaí e ele, assim como aqueles textos também o são entre os fatos e ele, leitor. Mas, mesmo assim, o ouvinte-leitor deixa-se conduzir pelo jogo do narrador-

pseudo-autor-implícito, já que este sagaz narrador utiliza datas e dados históricos, sociedade e lugar reconhecidos e verificáveis pelo leitor, tais como as referências ao período colonial, a Bastilha; a personagens bíblicos (Salomão e Mateus); à cultura clássica (Cícero, Apoleio, Tertuliano, Hipócrates); às cidades de Itaguaí, Lisboa, e Pádua; à Igreja; ao Poder Legislativo; à medicina institucionalizada; enfim, uma série de elementos que conquistam a confiança do leitor, aproximando-o do narrador e, por tabela, da diegese, de tal sorte que este leitor começa um processo de catarse. Porém, o narrador é mais senhor do texto e rompe a possível catarse, que poderia vingar, lembrando que o leitor não é mais do que isto: um leitor: “*E agora prepare-se o leitor para o mesmo Assombro em que ficou a vila ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua.*” (ASSIS,1979,48)

Ao mesmo tempo em que puxa, afasta. Do mesmo modo que demonstra ter consciência de que àquela altura o leitor já se identificou com algum elemento da narrativa, no caso, a população de Itaguaí, o “coro grego”, pois não o fará com Bacamarte, devido ao seu aspecto caricatural. Acaba acometido pelo mesmo sentimento que envolveu a gente daquela cidade, e assim se nomeia como tal: leitor. Pode-se dizer que *O Alienista* cria uma imagem, também, de um leitor virtual, um leitor para o texto em especial.

Instaurado o par necessário à comunicação, o Eu/Tu, emissor e receptor, o canal estão aberto para a transmissão de uma mensagem. O narrador acredita que o leitor o acompanha, por isso dirige-se a ele ao longo da narrativa com a formalidade que merece: “Agora, se imaginais que o Alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conheceis o nosso homem.”

No entanto, subestima-o e dúvida mesmo de que esse leitor seja capaz de captar uma filigrana sequer da alma humana. Nesta parceria, o narrador- pseudo-autor-implícito/leitor virtual cria-se espaço para a procura de uma identidade dentro de uma sociedade. A trajetória de Simão Bacamarte metaforiza a trajetória de uma sociedade que Machado, o autor, vivenciou e tentou compreender, ou compreendeu melhor do que ninguém, procurando situar-se dentro dela. Portanto, se há a construção de um perfil de uma

sociedade, há também a inserção deste leitor virtual nesse grupo, responsabilizando-o pelo narrado.

O narrador de *O Alienista* não deixa escolha para o leitor, e segue inventando uma culpa para estes dois: se o narrador tem o conhecimento da vida de Simão Bacamarte, ao ponto de revelar-nos seus pensamentos, do outro lado existe alguém que deseja saber desses pensamentos.: “ Simão Bacamarte pegou-lhe na mão, e sorriu, um sorriso tanto ou quanto filosófico, além de conjugal, em que parecia traduzir-me este pensamento: - Não há remédio certo para as dores da alma; o Rio de Janeiro , e consola-se.” (ASSIS, 1979, p.56)

Na verdade, o que estou querendo dizer é que o texto de *O Alienista* revela uma visão de homem, o que pode ser estendido a outros textos de Machado de Assis, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Memorial de Aires*, *Dom Casmurro*, *Isaú e Jácó*. A estrutura narrativa, o jogo ficcional instaurado a partir do narrador, metonimiza a estrutura de uma sociedade, ou seja, o domínio que o narrador exerce sobre o leitor acontece este concede ao outro, assim como a tirania, que Simão exerceu em Itaguaí sobre a gente daquela cidade, aconteceu porque esta mesma população outorgou-lhe poder para tanto.

3. A invenção do tirano

O percurso de Bacamarte em Itaguaí é delineado a partir da maior ou menor recepção do povo. Simão chega à cidade munido de saber adquirido em Coimbra e Pádua, dado suficiente para se fazer respeitar, uma vez que o Brasil colônia não dispunha de meios para divulgação de um saber, além do que o momento era muito fecundo para a ciência, pois dominava o pensamento positivista à época, doutrina que redundou no cientificismo pelo qual todos os fatos e fenômenos teriam explicações seguras e científicas.

Bacamarte radicaliza o pensamento positivista vigente no século XIX, trona-se caricatura na representação dessa doutrina: “- A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.” (Assis, 1979,62)

O discurso irônico do narrador e o perfil psicológico de Simão evidenciam essa radicalização do pensamento do século XIX, apontando para uma relativização do positivismo e, por extensão, para um descentramento das verdades científicas.

O Alienista, ao se deter nos estudos profundos sobre a alma humana, objeto nada científico, ao contrário, mítico (a saúde da alma), e em especial sobre a loucura, não parece menos louco do que os confinados na Casa Verde. Entenda-se, aí, que Machado já trabalha com uma visão vanguardista da definição de loucura. Interpreta a atitude de exclusão do louco pela sociedade como o sintoma de uma anormalidade maior. As duas teorias pensadas por Simão Bacamarte e apresentadas ironicamente pelo narrador denunciam sutilmente que a loucura, enquanto tratada como doença, pode ser fabricada, revelando uma sociedade doente. Ora, uma sociedade que cultiva seus muitos loucos tende a ser, no mínimo, louca; pelo menos promove condições para a fabricação da loucura.

Os critérios que fazem afluir das redondezas de Itaguaí vários loucos é que são postos em questão no livro. Que verdades são estas que classificam os seres humanos em normais ou anormais? O Costa seria mais louco por ter desapego aos bens materiais? Ou sua prima, por contar a razão mística que teria levado o primo ao desapego das coisas? Ou a vaidade de Mateus? Não se discute aqui o desapego, a vaidade, ou a mistificação da realidade, mas o poder de decisão que emana de Um, não de um consenso. Assim como se a verdade estivesse apenas no que a ciência estuda e acompanha:

O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque ele induz o comportamento e inibe o pensamento. Este é um dos resultados engraçados (e trágicos) da ciência. Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas), os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam. (ALVES, 1983, p. 107)

Em Itaguaí há inicialmente mitificação de Bacamarte. Este homem goza de prestígios e poder, a tal ponto que ele instala o terror em Itaguaí. A população, liderada também por Um, se revolta; mas mesmo depois da crise, a Casa Verde continua erguida e o

Alienista prossegue em seus estudos, mudando aqui e ali, porém, continuando a deter em seu poder a verdade da loucura:

Este ponto da crise de Itaguaí marca também o grau máximo da influência de Simão Bacamarte. Tudo quanto quis, deu-se-lhe; e uma das mais vivas provas do poder do ilustre médico achamo-la na prontidão com que os vereadores, restituídos a seus lugares, consentiram em que Sebastião Freitas também fosse recolhido ao hospício. O Alienista, sabendo da extraordinária inconsistência das opiniões desse vereador, entendeu que era um caso patológico, e pediu-o. (ASSIS,1979, p. 78)

A mitificação de Bacamarte, realizada pelo povo e fortalecida pelas instituições principais da cidade, a Igreja e o poder legislativo, revela a orfandade em que se encontrava Itaguaí e, por conseguinte, o Brasil. A tutela de Itaguaí concedida a Simão Bacamarte é sintoma de uma carência maior, por ora transferida a Porfírio e depois a João Pina, mas, de qualquer forma, sempre cedida a Um.

O *Alienista* parece vir reforçar um discurso antigo sobre a tirania de uns sobre todos os outros. O povo de Bacamarte procura um “pai” e encontra Bacamarte, por razões que o próprio século explica; a supremacia da doutrina positivista apoiada no cientificismo. Este conto de Machado de Assis quer passar também essa perplexidade diante da tirania, a mesma perplexidade que tomou conta de Etienne La Boétie, por volta de 1550, e o faz pensar seu “Discurso da Servidão voluntária”:

Como é possível que tantos homens às vezes suportem tudo de um tirano só, que tem apenas o poderio que lhe dão, que não tem o poder de prejudica-los senão enquanto aceitam suportá-lo? Coisa realmente surpreende (e no entanto tão comum que se deve mais gemer por ela do que surpreender-se) é ver milhões e milhões de homens subjugados e submissos, não obrigados por força maior, mas porque ficam fascinados e enfeitiçados apenas pelo nome de Um que não deveriam temer, pois ele é só, nem amar, pois é desumanos cruel para com todos eles. Tal parece ser, entretanto, a fraqueza dos homens. Que vício monstruoso é esse ,então, que a

palavra covardia não pode representar, para o qual falta toda expressão, que a natureza desaprova e a língua se recusa nomear? (LA BOÉTIE, 1982, p. 69)

Mas o próprio tirano se assusta diante da servidão que toma conta do povo de Itaguaí, manipulado por Porfírio, o barbeiro, Machado, parece, vai mais fundo na complexidade do ser. Até o tirano se indaga quantos mortos teria havido no conflito. E segue aquela conversa com Porfírio repetindo algumas vezes: “onze mortos e vinte e cinco feridos”.

Se por um lado o discurso de La Boétie incitaria um povo a uma revolução, Machado; por outro lado, também desconfia dos atos revolucionários liderados por Um. Parece o autor trazer um ponto de vista anarco-aristocrata, ao sugerir, na ação revolucionária, sintomas de loucura: “Os sintomas de duplicidade e descaramento deste barbeiro são positivos. Quantos à toleima dos que o aclamaram, não é preciso outra prova além dos onze mortos e vinte e cinco feridos. Dois lindos casos!”.

Não há uma divisão do personagem ou da sociedade que sustenta as instituições desse microcosmo, desse Itaguaí, mas há um permanente entrecruzamento dessas visões de verdade, a oscilação da verdade científica mostrada por Machado confere à ciência um lugar duvidoso na história da humanidade. Deste modo, podemos pensar acompanhados de G. Myrdal quando pensou “A ciência nada mais é do que o senso comum refinado e disciplinado”.

A ciência, como produto do desenvolvimento do raciocínio do homem, é criação do homem, portanto, faz parte das fantasias do homem. Uma vez fantasia, só lhe resta atingir a fantasia coletiva, para que seja, então, reconhecida como verdade. Claro que o texto de Machado se refere diretamente à psicologia, ciência que procura os motivos ocultos para justificar a conduta humana diante dos fatos, porém, isto pode ser ampliado para qualquer conhecimento adquirido pelo homem que o faça esquecer-se de sua espécie.

O Alienista é o alienista não só porque veio de fora para a incoerente Itaguaí, mas também porque se aliena do Outro, não enxerga o Outro, e sonhando apenas com o brilho próprio, passa a ser sombra de si mesmo – como “seus” loucos, como os loucos de todos os alienistas, alienados de si mesmos, sombras de um desejo perdido. Seu sonho é maior que ele, portanto, encobre-o. Este conto vem mostrar-nos o ridículo a que pode chegar o homem quando não percebe, no seu sonho, apenas isto: um sonho. Cabe então pensar a ciência também a partir de Frederic Nietzsche, filósofo alemão (1844-1900): “A ciência pela ciência é a última cilada que nos arma a moral – e é presencialmente essa que envolve a todos inextricavelmente em sua rede”.

4. A (des) invenção de uma culpa

Desde o começo Bacamarte mostrava a sua vocação para o lugar do Pai, mostrava a sua vocação para o lugar de Pai, do ponto de vista simbólico e psicanalítico. Cabe ressaltar que na Psicanálise, o Pai é a figura de interdição e de autoridade, a “lei”, grosso modo. E num contexto em que a ciência é positivada até o extremo em que o Cientificismo torna-se a lei e a palavra de ordem, nada mais coerente para tal racionalidade que o representante da “lei” seja assim reconhecido e respeitado. É nesse “lugar” social que Simão Bacamarte, aquele que queria filhos perfeitos, entretanto, o povo da Vila de Itaguaí lhe concede esse lugar de “lei”, aceitando ser internado na Casa Verde e invertendo a ordem social de maneira que a vocação popular para “Filho” é evidenciada.

Essa inversão nada mais é do que a indicação da impossibilidade de atingir a perfeição pelos outros, a população, assim, tudo é permitido desde que ele, Bacamarte, não perca essa função de autoridade e de Pai. Na matéria de Sigmund Freud há elementos de que em seus escritos aponta-se para que o Pai é Deus glorificado, ora, se tanto é verdade, o tirano será um “Pai” dessacralizado, profano e profanado. E nesse sentido a construção narrativa de Machado de Assis está à frente de seu tempo, pois sua ironia ocorre tanto pela inversão de estruturas como pela preservação de papéis de fácil reconhecimento, causando a falsa impressão de que tudo irá para o seu lugar, em, no entanto, isto de fato ocorrer.

O leitor virtual de *O Alienista* tem vocações para “filho” e passa a se culpar, uma vez identificado com o povo de Itaguaí e não com Bacamarte, pois o narrador a ele se refere como “o nosso ilustre médico”, o “nosso grande homem”, portanto, se incluindo e ao leitor virtual de seu texto, através do pronome possessivo reiterado, como elementos da massa que sustenta a tirania, saciando a necessidade do “Pai” de exercer seu poder sobre os outros.

Se o texto de Machado suscita no leitor uma possível culpa diante da condição humana ali expressa, se um provável pessimismo e desesperança pode tomar conta do leitor, ao identificar-se com o leitor virtual do conto e com tamanha mediocridade humana, a vocação para “filho”. Assim, Machado ao mesmo tempo esfacela essa culpa, dividindo-a, no texto, com Simão, o povo e as instituições; e na vida, entendendo que a culpa também será, afinal, uma fantasia, coisa inventada – mas que pode ser desinventada.

Há, portanto, um processo de invenção da culpa, culpa essa gerada pela imobilidade do ser humano diante da exploração, evidenciando uma potencialidade para tiranos e servos em todos nós. Mas acontece também através da linguagem a desinvenção dessa culpa, pois o que foi narrado é ficção, é narração, e não realidade imediata.

5. É culpa das estrelas (?)

Os “Podres poderes” de Itaguaí reverberam agora. O poeta Caetano Veloso se indigna e explicita a indignação que toma conta de si: “Será que nunca faremos senão confirmar/a incompetência da América católica /que sempre precisará de ridículos tiranos?”. Também em nós (*faremos*) o poeta manifesta de forma inclusiva a responsabilidade pela presença de tiranos na América do Sul, principalmente. Assim, os podres poderes poderosamente apontam para a possível perdição do homem, o poder. A palavra em Caetano Veloso é eco e repetição, assim como a história na América Latina tem sido eco e repetição nesse campo político e social. Por via dessa indignação chegamos a *A Hora da Estrela*. Talvez, a hora de fazer brilhar uma luz que aponte a podridão das relações sociais em determinados contextos.

Então, aliviado daquela culpa construída, inventada e desinventada pelo jogo ficcional em *O Alienista*, partindo para a leitura da novela de Clarice Lispector podemos perguntar o que o leitor encontra nessa chave de leitura que toma a noção de culpa como manifestação da relação entre leitor e texto? Pode-se dizer que novamente um processo semelhante de construção de culpa pelo fato ficcional.

No texto de Clarice Lispector também identificamos um narrador, contador de histórias. Porém, ele não se mostra apenas narrador, ele assume claramente o papel do escritor e se dá nome, forma e origem como Rodrigo S.M., “homem barbudo” com infância passada no Nordeste. E se considerarmos como muitos que “a pátria verdadeira é a infância”, talvez, por isso Rodrigo olhe para a nordestina Macabéa, isto é, preste atenção nela e dela faça seu personagem-alvo.

Num processo comparativo e de breve cotejamento podemos identificar um narrador irônico que denuncia ao longo do conto a inutilidade de uma retórica vazia encontrada em situações sociais que a Vila de Itaguaí dramatiza: “Um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apoleio e Tertuliano”. (ASSIS, 1979, p. 89)

Já em Clarice Lispector na novela em questão, *A hora da Estrela*, o narrador quer e propõe uma narrativa simples, despojada de “termos suculentos”; não vai enfeitar a palavra para que a palavra seja ela mesma. Não há no texto recorrência explícita a qualquer eruditismo, porém, a contradição entre uma personagem datilógrafa semianalfabeta e seu criador, um narrador-pseudo-escritor, condição possível às classes dominantes, denuncia a divisão em classes do ser humano.: “Meus antecedentes de escritor? Sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome”.

E por isso mesmo culpado por essa realidade imaginada que coloca no papel. Os vários títulos possíveis indicam o clima culposo projetado ao longo da narrativa e dividido com o leitor, porque também acreditava nele. É cabível entrever uma “arquitetura” linguística em que frases aparentemente aleatórias abrem o livro *A hora da Estrela*, o que torna

interessante avaliar que a novela transborda do texto compacto, sendo delimitada do título ao ponto final, passando pelo suposto sumário que aqui reproduzimos a título de produzir a visualização tipográfica sugerida na novela (LISPECTOR,1984, p. 8):

A CULPA É MINHA
ELA QUE SE ARRANJE
ELA NÃO SABE GRITAR
EU NÃO POSSO FAZER NADA
SAÍDA DISCRETA PELA PORTA DOS FUNDOS

O importante ponto em comum que se pode observar nos dois textos, o de Machado de Assis e o de Clarice Lispector, é a visão do homem como espécie e não como indivíduo com personalidade X. Aí que Machado ironiza a psicologia; e Clarice defende o ser e não um ser.

A palavra “indivíduo” passa a marcar outro sentido para eles. Não é indivíduo, uno, indivisível, solitário, enxergando apenas o “eu”, e, sim, o (in)divíduo, - divíduo; divisível porque possui todos os outros seres em si. Machado fala “o nosso grande médico”, porque o pronome possessivo, como já indicado anteriormente, inclui-nos a todos e todas como potencialmente “grandes médicos”, ou seja, como tiranos também. Já Clarice Lispector explicita acerca da veracidade da sua história: “que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um...”, ou ainda sobre a latência de tais figuras em todos nós, “o que escrevo, um outro escreveria”. E segue ironizando: “Um outro escritor sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas. E, no entanto, não podemos deixar de lembrar de imediato que Clarice é uma mulher que escreve tal história. Aliás, essa secundarização do indivíduo, enquanto “eu” vai ensaiada em *Paixão segundo G.H.*; ali, do mesmo modo a escritora não quer ligações com a psicologia: “ O olhar psicológico nunca me interessou...sou tão maior do que aquilo que eu chamava de eu...”.

O chamamento do leitor para enxergar a culpa que o responsabiliza pelos destinos dos homens é iniciado pela identificação criada entre narrador-pseudo-escritor e personagem.

Ele criou Macabéa “à sua imagem e semelhança”. Ele a criou. Mais do que ele, Maca é um alter-ego, ou uma extensão de seu criador, o desenvolvimento de uma possibilidade de ser. Assim como a ficção é um real imaginado e possível de acontecer. Portanto, Clarice também rompe com a verossimilhança, ao explicita a criação dessa personagem, embora ela possa “estar tão viva quanto eu”. Essa identificação de Rodrigo S.M. com Macabéa, esse alter-ego criado, é que abre espaço para o narrador se ver: “Vejo a nordestina se olhando no espelho e – um ruflar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos inter- trocamos.” (ASSIS, 1984, p. 59)

Por tabela, o leitor se identificará também com Maca, levado a identificar-se junto com Rodrigo S. M. Primeiro exteriormente, o narrador se garante de dados históricos e pertencentes ao mundo real. Ele familiariza, aproxima a narrativa do leitor-virtual, citando o “patrocinador” dessa história, a *Coca-Cola*, introduzindo a categoria “tempo” pela rádio-relógio, ouvida por Maca; e situa o narrado no Rio de Janeiro de modo a utilizar o fenômeno social muito comum no nosso tempo, o êxodo rural, pois os nordestinos que vêm para a cidade grande num ambiente urbano e diverso daquele, à procura da felicidade. Enfim, puxando pela memória do leitor, para que este reconheça nesta novela a história de si mesmo, nem que seja por se encontrar na classe social do personagem-pseudo-escritor, marcando presença da cultura dominante, ou da classe mais alta, podendo ainda identificar-se por estar ao lado de Macabéa. De qualquer maneira, acaba-se em um processo de identificação.

Embora aqui também o narrador duvide da sensibilidade do leitor-virtual, como em Machado: “Não estão me entendendo e eu ouço escuro que estão rindo de mim”. No caso de Rodrigo S. M., este estabelece no ato de escrever a abertura para a possibilidade de comunicação com o leitor, procurando, inclusive, “usar as palavras que vos sustentam”.

Com isso, através do abuso da função fática, acredita que o leitor o acompanha e ama, sofre se culpa e se pergunta junto com ele: “Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa humana?”. E ainda outra pergunta mais provocadora:

“Não sou escritor? Na verdade, sou mais ator porque com apenas um modo de pontuar, faço malabarismos de entonação, obrigo o respirar alheio a me acompanhar o texto”. E continuando nessa indagação infundável, porque o livro é uma grande pergunta, depois de matar Macabéa, ele se volta para si mesmo e pergunta: “Até tu, Brutus?”

Nessa linha de se utilizar o recurso da função fática, Machado de Assis é mestre. Vejamos em *Dom Casmurro* o que o narrador elabora estrategicamente em relação ao leitor implícito: “Eu, leitor amigo, aceito a teoria do meu velho Marcolini, não só pela verossimilhança, que é muita vez toda a verdade, mas porque a minha vida se casa bem à definição. Cantei um duo tecnicismo, depois um trio, depois um quatro... Mas não adiantemos; vamos à primeira parte, em que eu vim a saber que já cantava, porque a denúncia de José Dias, meu caro leitor, foi dada principalmente a mim. A mim é que ele me denunciou” (ASSIS,2006, p. 93).

Tanto em *O Alienista* quanto em *A hora da Estrela* não importam os fatos, mas a coloração que estes fatos podem tomar. Poderíamos precipitadamente reduzir o conto de Machado a apenas um momento da história de Itaguaí, à trajetória de um médico naquela pequena cidade, assim como na novela de Clarice Lispector, à vida da nordestina no Rio de Janeiro. Mas as narrativas suplantam os fatos, pois estes são para Clarice definíveis e banais. Assim, o que interessa é o “sussurro dos fatos”, pois “os fatos são sonoros, mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona”, esclarece. Qual um investigador policial a atenção voltada para os detalhes ou entrelinhas, para aquilo que pode ser desconsiderado pelo senso comum, ou tal qual um historiador que precisa “escovar a história a contrapelo”.

Aquilo que os fatos podem revelar sobre a condição humana, isso é o que importa para tais escritores, Machado e Clarice e, claro, suas criaturas. Por isso, acompanhar a miséria, a falta de luz, a relação que a personagem estabelece com o mundo são importantes na medida em que revelam possíveis comportamentos do homem, portanto, suas potencialidades: “Quando penso que eu podia ter nascido ela – e por que não? – estremeço”. É a questão chave do texto de Clarice para envolver e comprometer o leitor

implícito e assim produzir a identificação e posterior catarse sobre uma culpa construída acerca da realidade nordestina, mas que poderia ser da humanidade abandonada a própria sorte.

É também a questão chave da Literatura: criar outros mundos possíveis, ou indicar, sugerir o que poderia ter sido, sendo diferente do que a feição dos fatos foi apresentada num primeiro momento. Literatura é potência porque traz em si, em cada palavra em estado poético toda a força do que pode ser forjado nas relações e interações humanas imaginadas, até aquelas que as crenças limitantes evitam fabular. Nesse sentido, encontramos o aspecto clínico do fato literário, pois ele confronta uma vez elaborado o dado inaugural que cada texto introduz no imaginário leitor.

De desvio em desvio, de versão em versão, Macabéa inicia sua trajetória como figura opaca, franzina, com fome (“alguém tira seu brilho e seu pão”), pois Rodrigo S.M. começa a narrativa falando mais de si mesmo do que dela, enxergando mais o próprio ego. Porém, a importância (o brilho) da nordestina vai crescendo à medida que o narrador-pseudo-escritor escreve mais sobre ela, deixando chegar o momento máximo para enxergá-la (iluminá-la), a “hora da estrela”, isto é, o momento da “transfiguração” de humana a astro celeste, estrela. Essa condição celeste é interessante porque é destituída de qualquer valor religioso, ela vai para o céu como é comum se dizer às crianças, por exemplo, para explicar a condição de ausência pela morte de alguém, entretanto, essa subida aos céus sugerida introduz o mundo paralelo ao terreno, desencarnado, porém com forma definida, a de uma estrela. E por quê? Porque a “morte parece dizer sobre a vida”, assevera a narrativa clariciana. Foi preciso olhar o outro para que se pudesse ver a espécie: “Meu Deus, só agora me lembrei de que a gente morre, Mas eu também?!”. A surpresa e a perplexidade do narrador são equivalentes ao susto que o tirano de Machado tem sobre a realidade da população de Itaguaí que confere a ele tanto poder. Tais situações falam de um absurdo real e de difícil aceitação pelo humano na relação com o poder sobre a vida, um falso poder.

Rodrigo S. M., além de apaixonado por sua criação – “só eu a acho encantadora e a amo” -, é também medroso, adiando por páginas a morte de Maca. Sente-se culpado pelo destino dado a ela, e isso inclui perceber que costumamos ter medo do novo quando este representa o desconhecido. Macabéa é revelação - é epifania. Ela não nos é dada, tampouco ao narrador. Ela é a revelação consequente de uma descoberta, viabilizada pela morte da personagem. Sendo assim, o medo deste narrador é o medo-leitor do que possa se lhe apresentar à frente, o medo desse final grandiloquente anunciado por Rodrigo. No entanto, também é um final que desnuda e aponta o medo que os adultos passam a ter, quando crescem, cientes das dificuldades que a vida impõe. O medo de falar de suas fantasias para o outro. Talvez por isso os dois textos, o de Machado e o de Clarice, tragicamente façam um jogo com o leitor e “brinquem” com ele ao dramatizarem a morte e a loucura. Nesse sentido, em ambos, o tom conversacional é o recurso sugestivamente terapêutico para que através da leitura o leitor possa conhecer melhor a si mesmo, reafirmando a dimensão clínica da palavra em condição de literatura.

6. A brincadeira do jogo ficcional

Sigmund Freud em sua obra registra acerca do brincar na vida adulta e a função desse ato na condição humana:

Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade nunca renunciamos a nada, apenas trocamos uma coisa pela outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento para de brincar, só abdica do elo com os objetos reais, em vez de brincar, ela agora fantasia. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de devaneios. Acredito que a maioria das pessoas construa fantasias em algum período de suas vidas. Este é um fato a que, por muito tempo, não se deu atenção, e cuja importância não foi, assim, suficientemente considerada. (FREUD,1974, p.287)

Ao brincar com o leitor-interlocutor, o texto demonstra que cria fantasias, assim como a culpa: “eu sou culpado, mas de quê?”. Este sentimento de culpa, tal qual o mito, imobiliza o ser, inibe o seu pensamento. Assim é que os dois narradores, de Machado e de Clarice esfacelam suas culpas, lembrando aos leitores de que tudo o que foi narrado é apenas ficção e, como tal, não se supera, não supera a vida. Imagina a vida, mas não a vive.

Depois da invenção da culpa criada no leitor-virtual por aproximação insistente do narrador-autor que a carrega, Clarice desinventa e esfacela a culpa pela vida miserável da(s) nordestina(s), pela morte solidária de personagem, e divide essa fantasia com os outros personagens (Glória, Olímpico, o chefe do escritório, as amigas do quarto, a cartomante), dominados, dominadores e oportunistas que se beneficiam dos dois lados, como Madame Carlota. Entretanto, todas essas figuras humanas são também potencialidades do “eu”; tanto o são que existem. Rodrigo S. M. também reparte o sentimento de culpa com o próprio ato de escrever, uma vez que este foi o veículo da revelação. E ao incluir a ficção como corresponsável pela culpa criada no leitor, ele dissolve e evapora, quase que magicamente: “Silêncio... O final foi bastante grandiloquente para vossa necessidade?”. Sacode o leitor e chama-o a si, lembrando-o de que isso é uma história que está chegando ao fim...

Se Macabéa morre, o narrador morreu junto, assim como o leitor, no entanto, a morte foi um instante necessário, fecundo, gera (dor) da liberdade e, portanto, libertador de Macabéa – “Ela estava enfim livre de si e de nós” – livrando, simultaneamente, o leitor dessa culpa e a ficção de uma missão: A de ser bandeira para alguma qualquer reivindicação. O narrador livra-se do peso de certo realismo naturalista-engajado: “E quero aceitar minha liberdade sem pensar o que muitos acham: que existir é coisa de doido. Caso de loucura. Porque parece. Existir não é lógico.”(LISPECTOR,1977, p. 36)

7. Considerações (quase) finais

Embora *A hora da Estrela* construa um microcosmo ficcional bem próximo de uma realidade social do nosso tempo, não é projeto prioritário do livro a indagação e resolução

da miséria nordestina, ao contrário, esse pequeno mundo que é o Rio de Janeiro mostra-se metonímia de uma miséria maior. Clarice universaliza a questão da existência da miséria e a amplia para uma miséria interna que parece residir no homem. Ao largo disso, persegue um alvo, o de atingir a palavra como palavra, tendo que parecer com palavra: “Atingi-la é o meu primeiro dever comigo.” Assevera o narrador.

Enquanto Machado usa a loucura para falar da insensatez humana, levando seus personagens ao ridículo; Clarice usa a razão para também falar da insensatez. Machado: sutil, veladamente; Clarice, mais explícita, apaixonada. O isolamento dos dois personagens, Bacamarte e Macabéa, não responde às perguntas dos livros, não revela a identidade verdadeira do homem, apenas algumas facetas da espécie: Simão, o tirano; Macabéa, o servo.

A ironia que perpassa os dois textos em questão critica o lugar comum que as coisas e as situações passam a ocupar quando esvaziadas dos sentidos originais. A presença deste kitsch em *O alienista* e em *A hora da Estrela* vem reforçar a tentativa de compreensão acerca da condição humana. O kitsch, enquanto estilo de vida ou modo de relação com os objetos que faz o indivíduo aceitar o meio-termo e contentar-se com o lugar próximo do belo, denuncia a prostração e a alienação do ser ante seu desejo e sua potencialidade existencial. Aponta a existência do desejo, porém, revela tendência para a acomodação e para a imobilidade. A alienação de um “eu” perante espécie é objeto da observação dos dois narradores. Tanto o tirano, como subserviente Macabéa são formas de alienação. Abraham Moles em seu estudo clássico sobre o Kitsch comenta: A alienação constitui um traço essencial do Kitsch. Manifesta-se como uma soma de alterações globais das atitudes componentes.

A estranha vocação que o ser apresenta para assistir a certos espetáculos parece mostrar-lhe que todos somos capazes para tudo, por isso culpados por tudo. Contudo, enquanto esta culpa estiver criada na ficção, ela não passa de imagem: possível, mas imagem. Se os dois livros são perguntas, a resposta cabe a nós, leitores. Afinal, “*sentir?/Sinta quem lê!*”.

Referências

- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência: Introdução ao jogo e a suas regras**. Rio de Janeiro: Edições Loyola; 19ª edição, 2000.
- ASSIS, Machado de. **Obra completa**. LEITE Neto, A.; CECÍLIO, A. L.; JAHN, H. (Orgs.). 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4v.
- _____. **Dom Casmurro**. São Paulo: Sol, 2006.
- _____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- _____. **O Alienista**. São Paulo: Editora Ática. 1979.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**, v. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CANDIDO, Antônio (Org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- LA BOÉTIE, Ettiéne de. **Discurso Sobre a Servidão Voluntária**. Trad. Laymaert G. dos Santos, 2º edição. São Paulo: Brasiliense, edição bilíngue. 1982.
- LEITA, Lígia Chappiani Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 3ª. Ed. 1985.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: José Olympio, 5ª. Ed., 1977.
- _____. **A hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 7ª.ed., 1984.
- MOLES, Abraham. **O Kitsch**. São Paulo: Perspectiva, 2ª. Ed., 1975.
- NIETZSCHE, Frederic Wilhelm. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Hemus, 1981.
- PESSOA, Fernando. **Poemas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª ed., 1985.
- SHWARZ, Roberto. **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- VELOSO, Caetano. **Velô**. Rio de Janeiro: Philips-Polygran Discos, 1984.

A duplicidade do tempo e o espaço nos romances “*O homem*”, de Aluísio Azevedo e “*Ópera dos mortos*”, de Autran Dourado

Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça⁵ (FIC)

RESUMO

Este artigo é um breve estudo acerca dos limites e a fusão entre o tempo e o espaço nos romances *O homem*, de Aluísio Azevedo e *Ópera dos mortos*, de Autran Dourado. Neste estudo serão enfocados os limites entre o mundo real e o imaginário, as várias faces do tempo e do espaço. A personificação desse último também será tratada neste trabalho, mesmo de forma breve, pois é importante destacar a vida que os respectivos autores dão aos lugares.

Palavras-chave: Tempo; Espaço; Duplicidade.

1. Introdução

Este trabalho é uma breve análise sobre a fusão e disfunção do tempo e do espaço nos romances *O homem*, de Aluísio Azevedo e *Ópera dos mortos*, de Autran Dourado. Serão analisadas as diferentes realidades, mundos e personalidades das personagens Magdá, de *O homem*, e Rosalina, de *Ópera dos mortos*, enfatizando os limites entre sonhos e realidade, mundo ideal e mundo idealizado. Será também abordada a importância dos objetos para definição dos limites, da duplicidade entre o tempo e o espaço, principalmente os relógios, do romance de Autran Dourado. A personificação dos lugares também será destacada, tanto a chácara e a Ilha do Segredo, de *O homem*, quanto o sobrado, de *Ópera dos mortos*.

⁵ Autor correspondente: jemagalhaes@yahoo.com.br

2. *O homem*: A disfunção de duas realidades

Quando falamos de Aluísio Azevedo, logo vem à mente de um leitor comum obras como *O mulato* e *O Cortiço*, mais propriamente o segundo, que é o mais conhecido pelo grande público. De fato, as duas obras citadas ao lado de *Casa de pensão* são as mais lidas e conhecidas pelas pessoas, mas é válido lembrarmos que Azevedo, durante um período, viveu de sua escrita, por isso possui uma obra considerada extensa. Aliás, trata-se de um caso raro e precoce da profissionalização literária (BOSI, 1994, p. 188).

Publicado em 1887, o romance *O homem*, de Aluísio Azevedo apresenta a trajetória de Madalena, mais conhecida por Magdá, que vive com seu pai, o Conselheiro Pinto Marques; Camila, sua tia beata, e o “afilhado” de seu pai, Fernando, seu companheiro de infância pelo qual, desde menina, nutre uma paixão. Fernando e Magdá têm um forte sentimento um mútuo, conforme podemos perceber neste trecho do romance de Azevedo:

Fernando fora o seu companheiro de infância, o seu amigo: cresceram juntos. Quando ela nasceu, encontrou-o já em casa do pai com cinco anos de idade, e desde muito cedo habituaram-se ambos à ideia de que nunca pertenceriam senão um ao outro (AZEVEDO, 2003, p. 21).

Percebendo a ligação entre os dois, o Conselheiro chama Fernando e conta-lhe que ele e Magdá são irmãos. Tal revelação leva o rapaz a um gradativo afastamento, caindo em profunda tristeza; o pai da dela ainda lhe aconselha a olhar para Fernando como se fosse um irmão (AZEVEDO, 2003, p. 26).

Ele, que é estudante de medicina, começa a ficar cada vez mais distante de Magdá, que depois da formatura dele, cobra-lhe que a peça em casamento. O irmão comunica que vai para a Europa e não sabe quando volta, fazendo com que Magdá tenha uma crise de choro. Aconselhado por Fernando, o Conselheiro conta a verdade para a filha. O jovem médico parte para a Europa e morre com problema nos brônquios.

Ao notar a profunda tristeza da jovem e seu conseqüente processo de histerismo, o doutor Lobão, médico da família, orienta o pai a arranjar um marido para a filha, na verdade, um casamento. É um modo sutil, um eufemismo para dizer “falta de homem”, como depois o próprio médico define como um modo de dizer, ela precisa de coito, de homem (AZEVEDO, 2003, p. 43).

O Conselheiro promove bailes em sua casa, e aparecem vários pretendentes à mão de Magdá, dentre eles um Comendador já velho, e o Dr. Tolentino, que teria um futuro na advocacia se os seus pulmões lhe permitissem (AZEVEDO, 2003, p. 45). A filha do Conselheiro recusa a todos. Em companhia do pai, Magdá faz uma viagem à Europa e pensa na hipótese de ir para um convento, ideia que é logo descartada por ele, que alega não ter criado uma filha com tanto esmero para ser freira (AZEVEDO, 2003, p. 49).

Por ser considerada uma obra naturalista, *O homem* aborda o patológico; o Naturalismo introduz a ciência no plano da obra de arte e faz dessa um meio de teses científicas, especialmente de psicopatologia (CUNHA, 1992, p. 154). O gradativo processo de enlouquecimento e histeria da protagonista é uma visão científica e patológica do adoecimento da personagem.

Observemos esta afirmação de Néelson Werneck Sodré:

O homem é um romance fraco, que não resiste à menor análise; seu valor como exemplo de naturalismo de obediência aos moldes muito rígidos, entretanto, é indiscutível, e sua influência seria muito grande como se verá.

Trata-se de um caso clínico, o de Magdá, cujo histerismo é minuciosamente analisado e cuja análise constitui o romance (SODRÉ, 1992, p. 216).

Não intentamos, neste artigo, discutir a qualidade da obra, mas é válido percebermos que o romance possui diversos ingredientes diretamente vinculados ao Naturalismo, com ênfase na histeria de linha marcadamente cientificista (FILHO, 1999, p. 255). Assim, o processo de enfermidade e histeria de Madalena começa a se agravar ainda mais e, por recomendação médica, o Conselheiro resolve levar a filha para uma chácara na Tijuca.

Com a morte da tia Camila, foi colocada a serviço da casa e de Magdá uma criada, chamada Justina, que morava na vizinhança e com vocação para cuidar de enfermos e por quem Magdá cria enorme laço de dependência, tornando-se indispensável a presença da empregada na casa (AZEVEDO, 2003, p. 65).

Na chácara, da janela de seu quarto, observa os trabalhadores de uma pedreira que fica nos arredores. Em um passeio por ali, Magdá convence o pai a subir a pedreira para se aproximar dos trabalhadores e, quando chega ao topo, desmaia, sendo socorrida por Luís, um dos cavouqueiros. Importante destacar, nesse processo, a libido e desejo de Magdá, como podemos observar neste trecho quando o trabalhador a carrega nos braços:

Achava-se muito bem no tépido aconchego daquele corpo de homem; toda ela se penetrava do calor vivificante que vinha dele; toda ela aspirava até pelos poros, a vida forte daquela vigorosa e boa carnadura, criada ao ar livre e quotidianamente enriquecida pelo trabalho braçal e pelo pródigo sol americano. Aquele calor de carne sã era uma esmola atirada à fome do seu miserável sangue. E Magdá, sentindo-se no rosto o resfolegar ardente e acelerado do cavouqueiro e, e nas carnes macias da garganta o roçar das barbas dele, ásperas e maltratadas, gemia e suspirava baixinho como se estivessem a acarinhá-la depois de longa e assanhada pugna de amor (AZEVEDO, 2003, p. 71).

Notamos a questão sensorial, do tato, do olfato, do desejo e da sexualidade de uma forma geral, ou seja, o diagnóstico do Dr. Lobão se confirma: Magdá precisa de coito, está com a sexualidade aflorada. Ela sente um homem forte lhe segurar, rude e com um forte odor, algo que a atrai e excita.

Temos, então, o divisor de águas desse romance. A partir do desmaio no alto da pedreira e o conseqüente socorro do jovem cavouqueiro, Magdá passa a sonhar constantemente com Luís: a moça fica entre dois mundos, entre dois tempos e espaços, o real e o imaginário. Em um dos seus sonhos, entrega-se ao trabalhador na pedreira e acabam caindo aos pés do seu pai, o Conselheiro, que a condena pelo seu ato. Ainda em sonho, o pai de Magdá a questiona por não ter escolhido nenhum dos pretendentes, todos

com prestígio. Madalena, nesse diálogo imaginário, alega não precisar de nobreza, de dinheiro, de ciência, apenas de um homem. O pai a enxota de casa.

Esse capítulo marca o início dos delírios, da divisão do mundo real e o mundo imaginário, o apego de Madalena aos seus objetos no momento em que o pai a coloca para fora, Magdá pede para buscar suas joias, suas roupas e seus livros (AZEVEDO, 2003, p. 77), sendo impedida pelo Conselheiro, pois ele alega que tais coisas são para nobres, ricos e sábios. Apesar de estar em outro plano, de viver uma vida paralela no seu sonho, Madalena não se desprende de seus objetos. Tal afirmação ainda fica mais evidente quando ela desperta, voltando para o mundo real e olha em torno de si, sua cama e seu quarto. O narrador onisciente enfatiza e descreve o seu pequeno relógio Luís XV, de bronze dourado, com mostrador de porcelana esmaltada.

Luís, no mundo real, é noivo de Rosinha, irmã mais nova de Justina, que vive nas imediações da pedreira. Analfabeto, estava se preparando para o casamento, mas vivia a frequentar os sonhos e delírios da filha do Conselheiro – que têm sequência e continuidade, pois percebemos, na realidade onírica de Magdá, uma harmonia e contemplação da natureza. O narrador descreve a floresta virgem que se abre quando o casal, no mundo imaginário, sobe a pedreira que também está toda coberta de flores.

Apesar de *O homem* ser uma obra Naturalista, há, nos delírios de Magdá, um ideal romântico, no qual o casal vive feliz e em total sintonia com a natureza. O seu mundo é idealizado, pois até as mãos do cavouqueiro ao tocá-la, deixam de ser ásperas e passam a ser lisas e bem torneadas; sua barba passa a ser macia e seu hálito agora tem perfume de murta. Ou seja, no seu sonho, no seu mundo ideal, Luís é o homem perfeito, o herói romântico. Dessa forma, esta afirmação de Lúcia Miguel Pereira em relação aos escritores realistas e naturalistas corrobora com nossa proposta: a linguagem, na maioria desses escritores, ainda era a dos românticos, alambicada e frouxa, pertencia ao romantismo o seu abuso de natureza (PEREIRA, 1988, p. 39).

No sonho Luís jura amor eterno a Magdá. Temos, nesse mundo imaginário, o amor idealizado: o cavouqueiro, que aqui deixa de ser um homem rude, jura-lhe amor eterno.

Novamente vemos a valorização da simplicidade da vida e a ênfase nos objetos, como podemos perceber nesta fala de Luís, sonhada por Magdá:

Não tenho para te oferecer aposentos como os de teu pai; não tenho carruagens, nem sedas, nem baixelas de prata; mas, em compensação, nenhuma outra te disputará o poder sobre estes teus domínios, nem o amor deste teu escravo! Quando sentires vontade de comer, eu irei buscar os pomos mais suculentos e gostosos; quando sentires sede, eu trarei nas minhas mãos a água mais cristalina das nossas fontes; quando te sentires cansada, eu te carregarei nos meus braços. Eu percorrerei o mundo inteiro para te matar um desejo! E, quando dormires, estarei ao teu lado, pedindo a Deus que te dê bons sonhos e encha tua alma de consolações (AZEVEDO, 2003, p. 89).

É importante destacarmos que a imagem do cavouqueiro, em um cenário perfeito entre imagens, aromas e todos os outros aspectos sensoriais, se projeta na figura do homem idealizado, ideal em todos os sentidos. Também é válido observarmos o discurso de Luís quanto ao fato de não poder oferecer os objetos que para ele não são importantes, mas que para Magdá têm grande valor, como poderemos perceber mais adiante.

Quando desperta do sonho, Magdá se sente humilhada, porque não consegue tirar o homem da pedreira da cabeça. Assim, temos na obra duas Madalenas: a do mundo real, que vive na chácara com o seu pai e a do mundo dos sonhos, que vive na pedreira e, posteriormente, em uma ilha ao lado de seu “homem ideal”. Nessa esteira, podemos dizer que também temos dois Luíses: o rude cavouqueiro do mundo real e o homem perfeito com mãos macias e hálito com aroma de murta. A própria Madalena, que no mundo real vive a definhar, torna-se cada vez mais cadavérica e com os olhos fundos, enquanto que, no seu sonho, está sempre bonita e saudável, aliás, um mundo paralelo, o qual para ela passa a ser o seu mundo real.

Observemos este diálogo entre Magdá e o cavouqueiro quando acorda no sonho, mas que na sua confusão de tempo e espaço, pensa que acordou de um sonho:

- Sonhei.
- Alí! Sonhaste comigo?
- Todo o tempo que levei a dormir.

- E que sonhaste, meu amor?
- Que estava ainda na minha primitiva existência, no mundo que troquei por este, e do qual não tenho saudades, a não ser por meu pai (AZEVEDO, 2003, p. 105).

Neste diálogo, percebemos nitidamente que Magdá fez sua escolha entre os dois tempos e espaços: o espaço imaginário tornou-se o seu real e preferido lugar.

Luís a chama para conhecer um lugar desconhecido chamado Ilha do Segredo: carrega-a nos braços, quando o narrador descreve a sintonia do casal, com a natureza entre borboletas, árvores e flores. Saem da gruta onde viviam e atravessam um rio. A ilha imaginária é um lugar paradisíaco, um cenário perfeito para se viver uma história de amor.

No sonho, Luís avisa a Magdá que ela não pode colher nenhuma flor da ilha. Sem querer, ela desobedece, o que provoca uma pororoca, formando um imenso mar e eles ficam isolados. A moça acorda gritando, sentindo o mesmo perfume das flores de seu sonho. Isso deixa clara a confusão da filha do Conselheiro entre os dois mundos, tempo e espaço em que vive.

No mundo real, tem febres e definha a olhos vistos; fica indignada ao sondar com Justina a respeito do caráter do noivo de Rosinha e saber que ele é um homem trabalhador, sem vícios e digno: preferia que fosse um vagabundo dado a bebida. No imaginário, andam nus na Ilha do Segredo e Luís constrói uma cabana de bambu para viverem. Temos nesse espaço a sua descrição, com objetos e utensílios domésticos, como cama, bancos, armário para guardar frutas, potes para mel, leite de cabra e vinho de caju (AZEVEDO, 2003, p. 126). Percebemos, assim, no mundo ideal toda a necessidade de um conforto e a improvisação de utensílios que são utilizados no mundo real.

Ainda nesta ilha imaginária, acontece o casamento entre Magdá e Luís. O Conselheiro desembarca num escaler, junto com Fernando e quatro marinheiros na praia. No sonho, o pai a perdoa e também a Luís por ter salvado a filha.

Foi construída uma cabana maior ainda com bambu e folha de pindoba. Dessa forma, temos neste trecho do romance uma fusão entre os dois mundos, entre os dois espaços, um misto entre o real e o imaginário, entre o selvagem e o urbano. A nova cabana é

mobiliada com porcelanas, jarros, quadros, piano, tudo levado pelo seu pai, que não deixou de abastecê-los com mantimentos em conserva, vinhos e bolachas inglesas. Observemos este trecho do romance:

Com efeito, vinha tudo; lá estavam as louças da saxônia, os candelabros bizantinos, as peles da Sibéria, as velhas tapeçarias do Salão de Botafogo, os espelhos, os damascos bordados a ouro e prata, e os consolos com mosaicos de Florença. É que o Conselheiro, uma vez que a filha não estivesse resolvida a acompanhá-lo, voltaria à vida inconstante do mar, para nunca mais se desprender no seu navio (AZEVEDO, 2003, p. 129).

Percebemos que a filha do Conselheiro, apesar de ter, num mundo imaginário, o ideal de um amor e uma cabana em uma ilha deserta, precisa dos objetos luxuosos e de uma alimentação requintada – vindos de seu mundo real – também no espaço imaginário, ou seja, precisa de bens materiais para um mundo idealizado; em seu delírio, não se desprende totalmente do conforto da casa de seu pai, pois a partir do que ele leva para uma ilha imaginária, objetos e provisões, é porque tudo indica que Magdá sente falta disso.

O casal, em sua Ilha do Segredo, ainda tem um filho que Magdá logo escolhe o nome do primo/irmão: Fernando. No mundo real, na casa de seu pai, Magdá adoecerá cada vez mais, confunde os dois mundos, faz do sonho o verdadeiro, pois acha que o verdadeiro Luís não é o trabalhador da pedreira, mas sim o da Ilha do Segredo; não faz mais distinção entre o delírio e a realidade, entre o espaço idealizado e o verdadeiro, tendo como elo entre esses dois tempos e espaços os objetos, pois na Ilha do Segredo, que agora era o seu mundo real, o casal comia em baixelas de prata e porcelanas da Índia; bebia em taças de cristal e vestia roupas de linho e seda. Magdá, logo, começa a preferir o sonho à realidade (AZEVEDO, 2003, p. 137).

A mobília da casa imaginária se completa quando, no mundo real, vê a cama do casal passando para o cortiço onde Luís mora, e vai viver com Rosinha depois do casamento. A imagem da cama se fixa em seu pensamento, reaparecendo na casa da ilha com Luís dormindo nu em cima dela. Se no mundo real aquele objeto é para o cavouqueiro e sua noiva, no mundo imaginário da Ilha do Segredo é a alcova de amor do casal apaixonado.

Depois do casamento de Luís e Rosinha, Magdá pede para Justina levar o casal até a chácara, pois quer lhes dar um presente, mas os mata com um vinho envenenado. Magdá, ao ser presa, continua delirando e, em seu devaneio, está voltando para a ilha, enquanto na verdade, está sendo presa.

3. *Ópera dos mortos*: as várias faces de Rosalina

Se em *O homem* temos dois tempos e espaços que são divididos entre sonho e realidade, em *Ópera dos mortos*, de Autran Dourado, temos Rosalina, a protagonista dividida entre o tempo e espaço pela vida diurna e noturna.

Publicado em 1967, o romance retrata a trajetória de Rosalina que vive reclusa em um sobrado decadente no interior de Minas, junto com Quiquina, a empregada muda. A personagem, durante o dia toma o seu tempo a fazer flores de pano, e à noite, em seu quarto, embriaga-se com vinho.

Ópera dos mortos é um romance rico tanto em sua narrativa, na descrição entre os vários tempos e espaços, quanto na construção das personagens, com seus aspectos psicológicos. Segundo Carlos Nejar:

A narrativa, em regra, equilibra o que relata, onipresente e o que vai se abarcando no desenvolvimento dos personagens e esses emergem das situações, e elas, do risco do bordado, o cerzimento de baixo para cima, nas linhas de febre, lucidez, sarcasmo e de cima para baixo, com os alinhavos (NEJAR, 2011, p. 769).

Na afirmação acima, temos a síntese da construção das personagens de Autran Dourado em sua obra, criando uma relação entre o oscilar da costura – que vai, volta e avança no complexo tecido – com a embriaguez quase febril de Rosalina, tal como a agulha a cerzir flores, uma alternância entre seus dois estados de espírito, dia e noite, altos e baixos.

O sobrado foi construído por seus antepassados: seu avô Lucas Procópio começou a construção e seu pai, João Capistrano, fez a parte de cima. Logo no início do romance,

temos a descrição física dos edifícios e sua fachada, enfatizando o seu aspecto decadente, como podemos observar neste trecho inicial:

Ainda conserva a imponência e o porte senhorial, o ar solarengo que o tempo de todo não comeu. As cores das janelas e da porta estão lavadas de velhas, o reboco caído em alguns trechos como grandes placas de ferida a mostra mesmo as pedras e os tijolos e as taipas de sua carne e ossos, feitos para durar toda a vida; vidros quebrados nas vidraças, resultado do ataque da meninada nos dias de reinação, quando vinham provocar Rosalina (DOURADO, 1973, p. 9).

O romance trata, além do tema da decadência, do isolamento e da solidão, no qual predominam as ações no sobrado, e o tempo oscila entre o presente e o passado, a partir das lembranças e dos objetos.

É correto afirmarmos que o sobrado não é um simples objeto do cenário, apenas um elemento onde se desencadeia a trama, mas sim uma personificação da decadência e dos dramas pessoais de Rosalina, como podemos notar nesta afirmação de Eni de Paiva Celidônio e Vera Lúcia Lenz Vianna:

Os conflitos que o romance expõe são desencadeados através dessa problemática. O imponente casarão construído pelo avô, Lucas Procópio e restaurado mais tarde pelo pai, desempenha papel fundamental no romance, uma vez que ele se caracteriza como o único espaço percorrido pela protagonista. Sua vida se reduz aos limites físicos do mesmo. É no interior do sobrado que Rosalina vive seu drama, tentando sobreviver como a última representante da honra e da glória de uma classe social em decadência. A ênfase dada ao casarão tem um propósito específico, ou seja, apresentá-lo não apenas como mais um elemento do cenário, mas também como um elemento decisivo da trama romanesca (CELIDÔNIO / VIANNA, sd, p. 1-2).

Podemos chegar à conclusão de que o sobrado do romance de Autran Dourado, assim como o cortiço de *O cortiço* e a Ilha de Segredo e a chácara de *O homem*, ambos de Aluísio Azevedo, são muito mais do que espaços físicos: são personagens. O sobrado

representa a memória, a história da ascensão e o declínio daquela família, das três gerações; o avô constrói a austera parte de baixo e o pai a mais leve parte de cima.

Seu pai se isola no sobrado depois de uma derrota política. João Capistrano é um sonhador, idealista, ao contrário de seu pai Lucas Procópio, que era um verdadeiro coronel. Houve uma fraude nas eleições, no início todos mostraram indignação, mas com o tempo, João fica sozinho, que para o relógio após a morte da esposa; Rosalina fez o mesmo com outro relógio após a morte do pai. Sendo assim, ela vive isolada com a empregada, entre os relógios parados, as paredes carcomidas e os fantasmas do passado. De seu pai, João Capistrano Honório Cota, Rosalina herda o isolamento.

É válido destacarmos os fantasmas do sobrado: além do avô e dos pais de Rosalina, há também os anjinhos, ou seja, os filhos de dona Genu, mãe de Rosalina, que não vinham e não vingavam. Nasciam temporãos e mortos, ou não iam além do meio ano (DOURADO, 1973, p. 27).

Em *Ópera dos mortos*, podemos afirmar que os objetos têm vida, sofrem uma personificação. Neste romance, os objetos são testemunhas dos acontecimentos e possuem grande influência no desencadeamento do tempo e do espaço. Observemos este trecho do romance:

Agora chegou a vez do tempo passar, o tempo passou. Chegou a vez do tempo passar para que outra morte se suceda e a gente possa novamente voltar ao velho sobrado, ver os seus móveis, o seu piano de rabo, as riquezas que deliciavam as vistas, as opalinas, os cristais, a caixa de música sobre o consolo de mármore, a corola do gramofone nunca mais tocado, o relógio-armário para sempre nas três horas (DOURADO, 1973, p. 38).

Percebemos a importância dos objetos do sobrado, principalmente o gramofone que não toca e o relógio que não funciona, deixando clara a rotina, o marasmo do sobrado. Cada objeto, cada canto do sobrado representam a personalidade de seus habitantes, sobretudo os relógios parados que caracterizam a narrativa.

Rosalina tem um pretendente a sua mão, Emanuel, filho de seu padrinho Quincas Ciriaco: é a única pessoa que entra no sobrado e foram criados juntos. Ela recusa a sua mão, mas toda vez que ele vai ao sobrado, Quiquina, a empregada muda, não conseguia

entender sua recusa. Aliás, é importante destacarmos que, assim como Magdá, de *O homem*, que sentia falta de Justina, Rosalina também possui uma dependência de Quiquina, sua criada, pois sem ela não podia viver (DOURADO, 1973, p. 49)

Outra característica importante em comum de Rosalina com a protagonista de *O homem* é sua tendência de querer fugir do mundo real. A personagem já leu várias vezes os romances *As pupilas do senhor reitor*, de Julio Dinis, *Mulheres de bronze*, de Xavier de Montepain, e *A vingança do judeu*, de J. W. Rochester. Sempre movida a vinho, Rosalina entra nas histórias, principalmente n'*As pupilas do senhor reitor*, quando ingressa em seu mundo imaginário do romance, fazendo de conta ser Margarida, personagem do romance de Júlio Dinis:

O pensamento boiava longe, num azul. Lá longe numa paisagem sonhada, era como se sonhasse. Morava num outro país, era Margarida, o senhor reitor tinha sempre muitas conversas com ela. O outro homem, cavalheiro. Aquele amor tão puro, tão bom, os sentimentos tão delicados. Tinha gente assim no mundo? Só numa aldeia em Portugal, há muitos e muitos anos. Era onde vivia às vezes, quando fechava o livro e se punha a sonhar. Será que aquilo tudo aconteceu mesmo? Havia? Misturava a sua vida com a vida das personagens do livro, e se via a rir, a amar, a chorar, a chorar de pura alegria. As emoções claras, límpidas, o grande amor. Emanuel nunca que seria assim, mesmo vestindo outras roupas. Será que tudo aquilo se passou daquele jeito? O homem inventou, eles sempre inventaram, o mundo não tem criaturas assim (DOURADO, 1973, p. 129).

Nessa breve intertextualidade, temos um mundo paralelo: Rosalina, em seus devaneios literários, constrói seu mundo, imaginava Emanuel entrando no livro e lhe dizendo coisas lindas. Tal como Magdá, traz em seu comportamento a idealização romântica do homem amado; ultrapassando o pensamento, extrapola ao mundo onírico.

A rotina de Rosalina e do sobrado muda com a chegada de José Feliciano, mais conhecido por Juca Passarinho, um homem de vida errante, sem rumo certo. Juca Passarinho quer trabalhar no sobrado e, para sua surpresa, Rosalina lhe dá o emprego.

Inicialmente, ela procura manter distância do seu novo empregado, mas, aos poucos começa a lhe despertar o desejo. Numa, noite, depois de estar embriagada, quase se

entrega a Juca Passarinho, mas o breve aparecimento de Quiquina acaba por interromper o acontecimento. Ao acordar, depois da embriaguez, Rosalina se sente culpada, coloca a culpa no desejo, mas ao mesmo tempo não tem certeza do real tempo e espaço; confunde sonho com realidade, não pode afirmar se realmente aconteceu ou se sonhou (DOURADO, 1973, p. 156) e, na verdade, nem tem certeza de que realmente viu Quiquina espiando na porta. A confusão de pensamentos faz com que Rosalina questione acerca de seu marasmo, da monotonia de sua vida, tendo como signo do seu tempo e espaço os objetos, principalmente os relógios, como podemos observar neste trecho do romance:

O relógio-armário parado nas três horas. Nas três horas quando mamãe morreu. Tudo começou com eles, malditos relógios. O relógio da Independência foi o primeiro. Depois o relógio-armário. Chegou a minha vez de colocar na parede o relógio de ouro. Por que aquilo tudo? Por que todos aqueles gestos repetidos com a meticulosidade de quem prepara um crime longamente meditado? (...) Ali estava sufocada pelo tempo, vencida pelo mundo. Os relógios na sua linguagem muda (DOURADO, 1973, p. 162).

Assim, percebemos, neste pensamento de Rosalina, toda a simbologia dos relógios, como a representação do tempo que não passa, que a aprisiona e daquela vida sem sentido; ela culpa o relógio e tem até o impulso de destruí-los para destruir as horas de seu passado.

De fato, a chegada de Juca Passarinho ocasiona uma mudança na vida de Rosalina, quando se entrega ao empregado e age no dia seguinte como se nada tivesse acontecido. A personagem passa a fazer isso ao anoitecer, o que demarca a mudança de comportamento: durante o dia, ela é dona Rosalina, a patroa que trata secamente o empregado como se não existisse nada entre os dois; à noite, é Rosalina, a mulher ferosa que se entrega de corpo e alma ao seu homem. Oscila, assim, como a agulha de seu trabalho na costura, cerzindo o próprio destino, tal como um bordado acontece, cada vez mais denso, mais envolvido na trama.

Observemos esta afirmação de Osmar Pereira Oliva e Elizabeth Marly Martins Pereira:

O início do romance clandestino com Juca passarinho, o conhecimento do prazer sexual não concede à protagonista uma adequação ao mundo real. Ao contrário, todas as noites, após a consumação do ato sexual, passado o efeito do álcool, Rosalina fechava-se novamente em seu casulo. Rosalina passou a ser para o amante, durante o dia, Dona Rosalina, fabricando flores no andar térreo do sobrado. E à noite, no segundo pavimento, Rosalina, a mulher devassa, amante de um homem sobre o qual nada sabe. No espaço construído pelo avô, manifesta-se uma moça inocente, pura, sem nenhum vestígio do comportamento noturno. No pavimento construído pelo pai, homem de respeito, macula a memória que deveria perpetuar. Ao dividir-se em duas, Rosalina perde ainda mais a sua essência (OLIVA; PEREIRA, 2015, p. 260)

É importante percebermos que, se antes tínhamos a Rosalina do sobrado e a Rosalina que adentrava nos livros, que se dividiam em dois tempos e espaços – o real e o literário – temos agora a dona Rosalina, a patroa, e a Rosalina amante, a primeira tendo como espaço e tempo, respectivamente, o térreo do sobrado e o período diurno; enquanto a segunda, a parte de cima e o período noturno. Logo, há dois mundos: de dia ela era sua patroa. Tratava-a com respeito, como se houvesse um pacto silencioso entre os dois (DOURADO, 1973, p. 196-197).

Na percepção de Juca Passarinho, ainda há uma terceira Rosalina. Tínhamos a dona Rosalina, seca e distante, que já não existia mais; a Rosalina amante e a dona Rosalina, que apesar de ainda ser a patroa, é mais doce. Nesse sentido, ela também, em seus sonhos e em suas recordações de infância, substitui a figura de Emanuel pela de Juca Passarinho, quando ainda meninos, correm pela fazenda de Pedra Bonita, lugar onde passou a infância. Percebemos, então, várias realidades, variações de tempo e espaço no âmago das personagens, desaguando em um comportamento estritamente romântico.

Rosalina começa a ter enjoos e outros sintomas estranhos, até que a gravidez é mantida em sigilo. Na visão de Quiquina, a criança não deveria nascer. Deseja a morte do bebê, segundo a criada, mais um anjinho que o sobrado paria, toda vez dona Genu, a sina desta gente Honório Cota (DOURADO, 1973 p. 226). Dessa forma, na visão de Quiquina, parir anjinhos, ou seja, crianças mortas, é uma sinal que a patroa herdaria de sua mãe o mesmo fardo. Notamos também a personificação do sobrado. Não é Rosalina que gera um

anjinho, mas sim o sobrado e, de fato o bebê, nasce morto. Quiquina entrega a Juca Passarinho o feto embrulhado para ele enterrar e que, em seguida, vai embora da cidade.

Rosalina começa a ser vista andando vestida de branco pelos arredores do cemitério, dando indícios de loucura e é levada por Emanuel para fora da cidade. O sobrado, que vive sempre vazio e as pessoas só aparecem no caso das mortes das pessoas da casa, dos velórios, e com a remoção de Rosalina para fora da cidade, volta a ficar lotado de pessoas da cidade.

Segundo Osmar Pereira Oliva e Elizabeth Marly Martins Pereira:

O festivo e alegre casarão da gente Honório Cota que nos é apresentado no início da narrativa, quando a política o envolvia e o enchia de pessoas da cidade de Duas Pontes, vai se esvaziando aos poucos, restando apenas Rosalina, Quiquina e o agregado, a caminho de uma solidão trágica, silenciosa, determinada pelo destino dessas personagens. À incomunicabilidade da casa para com o mundo exterior – a sociedade de Duas Pontes – o narrador opõe o canto final de Rosalina, a ópera que interpreta à noite, no cemitério, escandalizando os que a conheciam. O público e coletivo reingressa no que a personagem tanto lutou para preservar – a vida íntima, privada, honrada de seus familiares. A história termina com toda a gente de Duas Pontes dentro do casarão, acompanhando a partida de Rosalina para o sanatório, última visão que temos da artesã de rosas – rosas lindas, Rosalina (OLIVA / PEREIRA, 2015, p. 265).

A cena da personagem descendo as escadas, amparada por Emanuel diante dos olhos de toda cidade, de certa forma, representa a morte da protagonista, enfatizada pela ação de Quiquina, que para o terceiro relógio, uma atitude feita anteriormente na morte dos pais de Rosalina, ou seja, recaindo na sina familiar que caracteriza o espaço da construção.

4. Considerações finais

Tanto Magdá de *O homem*, quanto Rosalina de *Ópera dos mortos* possuem em comum a indefinição e divisão entre suas personalidades e seus mundos divididos entre tempos e

espaços diferentes. A protagonista do romance de Aluísio Azevedo vive em dois mundos, o real, constituído pela vida doméstica ao lado do pai e a imaginária, na qual projeta na imagem de um trabalhador de uma pedreira, um homem ideal e, juntos, vivem na imaginária Ilha do Segredo.

Rosalina, do romance de Autran Dourado, divide-se em mais de duas; temos, além da dona Rosalina, patroa diurna e a Rosalina, amante noturna, a que entra nos livros e se transforma em personagem; ainda, na visão de Juca Passarinho, a patroa, só que mais doce e atenciosa.

É válido destacar que ambas as personagens são marcadas pelos objetos, e devemos lembrar que Magdá os leva de sua casa para o seu sonho; e o tempo e o espaço de Rosalina são marcados pelos relógios parados, pelo próprio empenho dessa última em tornar a vida, naquele espaço, mais privada e longe dos olhos alheios, seguindo a sina familiar.

Logo, a loucura das personagens representa uma morte em vida, na qual se transportam de vez para um mundo à parte, espaço esse que é constantemente associado à loucura – dados os seus respectivos finais – mas que são alimentados por uma visão romântica da vida, o que, na tese de Azevedo e Autram, corrobora com o pensamento naturalista: de que a idealização exacerbada leva à patologia. Incutir nas mulheres tais ideais é levar-lhes à desgraça mental e social.

Referências

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Círculo do Livro, sd.

_____. *O homem*. São Paulo Martin Claret, 2003.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo Cultrix, 1994.

CELIDÔNIO, Eni de Paiva. VIANNA, Vera Lúcia Lenz. *Rosalina: Rosa viva / emudecida em Opera dos mortos*.
In:<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/VERA%20LUCIA%20LENZ%20VIANNA.pdf>

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, vol. 3, 1969.

_____. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, vol. 5, 1970.

CUNHA, Helena Parente. “Periodização e História Literária”. In: SAMUEL, Roger (Org.). *Manual de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 1992.

DOURADO, Autran. *Ópera dos mortos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

FILHO, Domício Proença. “Aluísio Azevedo”. In: CASTRO, Sílvio. (Org.) *História da Literatura Brasileira*. Lisboa: Publicações Alfa, vol. 2, 1999.

NEJAR, Carlos. *Historia da Literatura Brasileira*. São Paulo: Leya, 2011.

OLIVA, Osmar Pereira; PEREIRA, Elizabeth Marly Martins. *Personagens como metáforas – um estudo de Ópera dos mortos, de Autran Dourado*. Itabaiana: Revista Fórum de Identidades, vol 19, 2015.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.

SODRÉ. Nelson Werneck. *O Naturalismo no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

A física nas letras de canções: diálogos interdisciplinares

Benone Gabriel Carvalho Barros (UFMA)

Igo Tôrres Lima (UFMA)

Márcia A. G. Molina ⁶(UFMA)

RESUMO

Os fenômenos físicos podem ser explicados de muitas maneiras como também aplicados a diversas situações do cotidiano, a compreensão de sua ocorrência dependerá do grau de conhecimento do sujeito-leitor a respeito do assunto. Dada sua importância é que a finalidade deste trabalho foi o de depositar um olhar interdisciplinar (FAZENDA, 2008) em quatro letras de músicas: *Cinemática*, *Vou colocar a força* e *Campo Magnético*, do professor e compositor Pachecão⁷ como também a canção *Ondas sonoras*, de Ed Motta, observando os aspectos linguísticos que lhes garantem o estabelecimento da coesão e coerência, favorecendo a compreensão do texto. O aporte teórico que norteia as análises é tanto da Linguística Textual, sobretudo Fávero (2002), Marcuschi (2008) e Cavalcante (2013) quanto da Física, como Halliday/Resnick (2008), Nussenzweig (2002) e Young e Freedman (2008). Ao final dos trabalhos foi possível verificar que, em especial nas letras utilizadas como aporte e memorização de conteúdo, somente os leitores que detêm conhecimento sobre a área leem-nas com facilidade. Em relação à letra de Ed Motta, como plurissignificante, favorece uma leitura mais amena.

Palavras-chave: Coesão e coerência; linguística; fenômenos físicos; Interdisciplinaridade

1. Introdução

⁶ Autora correspondente: maguemol@yahoo.com.br

⁷“Mineiro, natural de Laranjal, José Inácio da Silva Pereira, o Professor Pachecão, é sinônimo de alegria, criatividade e irreverência. Engenheiro mecânico, com pós-graduação em gestão de negócios pela UFMG, Gestão ambiental e desenvolvimento sustentável pela FGV. Em mais de vinte anos de dedicação ao ensino, Pachecão é o precursor do estilo “aula show”, que mudou sobremaneira o processo de ensino no Brasil. Pachecão foi professor de cursinho em São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Salvador e Joinville e lecionou Física para aproximadamente 250 mil jovens durante 25 anos” (<https://faculdadebarretos.com.br/noticias/conheca-um-pouco-do-professor-pachecao/> - acesso em 05/12/2018)

A Física, compreendida em sua essência, está presente em nosso cotidiano desde a forma como abrimos uma porta, até os recursos usados para se ler um texto mesmo com baixa visão, ou seja, são várias as maneiras como os fenômenos físicos se manifestam em nossas vidas. Compreendendo que essa ciência é responsável pelo estudo das leis que regem os fenômenos naturais, seus principais campos de estudo são: mecânica, termodinâmica, óptica, ondulatória, eletromagnetismo e a acústica.

Dada a sua importância é que se resolveu realizar este trabalho, avaliando como essa ciência ocorre em letras de canções do cancioneiro brasileiro. Trata-se, portanto, de um trabalho interdisciplinar, entendendo a interdisciplinaridade como união, parceria, diálogo entre distintas áreas do saber (FAZENDA, 2008), tornando a construção do conhecimento mais ampla em relação aos métodos de ensino tradicionais, permitindo o fim de análises unilaterais. Para Japiassú (1976, p.76): “A interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa.”

O corpus do trabalho foi constituído pelas letras de música: *Cinemática, Vou colocar a força e Campo Magnético*, do professor e compositor Pacheco como também a canção *Ondas sonoras*, de Ed Motta.

O processo de escolha das músicas foi feito por pesquisa na internet buscando-se letras de canções⁸, relacionadas aos assuntos ministrados nas disciplinas de física: *Fenômenos Mecânicos, Fenômenos Eletromagnéticos e Fenômenos Oscilatórios, Ondas e Óptica*, do núcleo comum do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (BICT) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Vale ressaltar que as letras das canções *Cinemática e Vou colocar a força* são baseadas em conteúdos da mecânica clássica nas subdivisões cinemática e dinâmica já *Campo*

⁸ A análise debruçar-se-á sobre a letra da canção, tocando-se na melodia, somente quando necessário.

Magnético e *Ondas Sonoras* são músicas inspiradas em assuntos do Eletromagnetismo e Ondulatória, respectivamente.

O trabalho foi realizado à luz de autores da Linguística Textual, como Marcuschi (2008), Fávero (2002) e da Física, como Halliday/Resnick (2008), Nussenzveig (2002) e Young e Freedman (2008).

2. Texto e fatores de Textualidade

A interação social dá-se de diversas maneiras, por meios verbais (palavras escritas ou faladas) e não-verbais (como gestos, olhares, quadros, cores etc.) mas o que garante o sucesso na interação é se essa forma de comunicação se caracteriza ou não como um texto.

Segundo Beaugrande (1997, p.10, *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 72), texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas. Percebe-se então que texto não é apenas a união de frases. Para constituir-se texto até valores culturais veem-se envolvidos.

Coutinho (2004, p. 29) informa que os textos são produções linguísticas atestadas que realizam uma função comunicativa e se inserem numa prática social. Uma placa de trânsito, por exemplo, tem a função de transmitir uma informação dentro um contexto social, no entanto essa informação só é decodificada por pessoas que conhecem a legislação que a regulamentou. Isso quer dizer que para alguns a placa de trânsito estará sendo um texto enquanto para outros apenas uma informação sem sentido. Isso se explica pelo fato de o texto ser um evento interativo, precisando da cooperação entre as partes envolvidas.

Beaugrande (1997, p.13 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 89) garante que “Um texto não existe, como texto, a menos que alguém o processe como tal”. É necessário um conjunto de elementos que possibilite a sua construção e entendimento, os quais dependem integralmente da carga cultural dos produtores e receptores envolvidos.

Fávero (2002, p. 6) ensina que “texto consiste, então, em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão”.

Um forte aliado na formação de textos é a coerência, deste modo ela receberá uma atenção especial nesse trabalho. Um desafio no estudo e compreensão sobre coerência é o entendimento e relação com a ideia de coesão.

Alguns autores não as distinguem e tratam coesão e coerência como uma espécie de sinônimos, um exemplo a ser tomado é o de Halliday e Hasan em cujos estudos concluíram que a distinção de um texto um não texto são a relações coesivas com e entre as sentenças, que criam o que eles chamam de textura. Afirmam: “Um texto tem uma textura e é isto que o distingue de um não texto. O texto é formado pela relação semântica de coesão”, entende-se que a coesão para eles é elemento mais importante da textualidade.

Contudo, estudos que separam as definições de coesão e coerência têm em sua essência de forma geral a proposição de que a coesão trabalha na relação de união entre os elementos básicos que constituem linguagem escrita/falada enquanto coerência é algo mais subjetivo, depende do leitor e não é “palpável”, mas tem função de garantir sentido. É importante salientar que frases independentes podem formar um texto, caso exista uma coerência em seus enunciados. Enquanto se apenas existir coesão entre frases essa não será condição suficiente para se tornar um texto.

Beaugrande e Dressler (1981, *apud* FÁVERO, 2002, p. 10) assim postulam a diferença entre coesão e coerência, colocando-as em níveis diferentes de análise:

A coesão, manifestada no nível microtextual, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligados entre si dentro de uma sequência. A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macro textualmente, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações subjacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. Assim a coerência é o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários e não mero traço dos textos.

Na trilha de Beaugrande e Dressler consideraremos coerência e coesão eventos distintos, em cuja junção se tem o evento comunicativo e, para este trabalho, dada sua especificidade, deter-nos-emos os atributos da coerência e sua importância na constituição de um texto e, dada a constituição dos textos em análise (poéticos) à coesão recorrencial.

2.1 Coerência: o que é, como se dá

É a coerência, como já falamos, a responsável por garantir o sentido do texto, tornando-o compreensível para um todo uma dada situação comunicativa, contudo, frisamos, ela não é uma característica exclusiva do texto.

Dentro dessa perspectiva, segundo Charolles (1983), esse fenômeno pode ser entendido como “um princípio da interpretação do discurso” e das ações humanas de modo geral.

A coerência dependerá de fatores inerentes tanto para o locutor quanto para o interlocutor, pois é uma atividade interpretativa, portanto os envolvidos em uma situação comunicativa, para compreendê-la, precisam ser dotados de conhecimento conforme a sua bagagem cultural. Isso implica uma situação similar ao exemplo das placas semafóricas, provavelmente a coerência não se dará para todos em uma mesma situação.

Segundo observam Beaugrande & Dressler (1981, *apud* MARCUSCHI, 2008 p. 121) “diz respeito ao modo como os componentes do universo textual, ou seja, os conceitos e relações subjacentes ao texto de superfície são mutuamente acessíveis e relevantes entre si, entrando numa configuração veiculadora de sentidos”. Garantindo que a coerência ocorre de diversas maneiras, desse modo percebe-se a razão de comumente usar-se a expressão “isso não faz sentido” (não existe coerência) para uma situação do dia a dia que naturalmente não aconteceria, naturalmente existe a noção de coerência dentre os indivíduos. Coerência é a fonte essencial para a textualidade ao passo que é ela quem garante as interações sociais.

Fávero (2002, p. 7) considera a intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade como os elementos da coerência que são os responsáveis pela textualidade e informa que o conhecimento partilhado linguístico e de mundo o leitor/ouvinte já deve trazer.

Intencionalidade é o que do autor espera que o leitor/ouvinte venha assimilar através do seu texto, e aceitabilidade é como receptor venha receber as informações. Marcuschi (2008, p. 126) mostra que “a intencionalidade diz respeito ao que os produtores do texto pretendiam, tinham em mente ou queriam que eu fizesse com aquilo. Já a aceitabilidade diz respeito a como eu reajo e como eu aceito, considero ou me engajo nas intenções pretendidas”.

Situacionalidade refere-se à relação dos eventos textuais com a situação a qual está inserida seja ela social, cultural, ambiental etc. Marcuschi (2008, p.129) deixa claro que “a situacionalidade pode ser vista como um critério de adequação textual”, ou seja, cada tipo de texto terá uma forma peculiar de apresentação.

Informatividade é o conteúdo do texto para o leitor/ouvinte. Marcuschi (2008, p.132) nos alerta que: “O essencial desse princípio é postular que num texto deve ser possível distinguir entre o que ele quer transmitir e o que é possível extrair dele, e o que não é pretendido. Ser informativo significa, pois, ser capaz de dirimir incertezas.”

Intertextualidade é conexão entre os textos, todo texto se relaciona de alguma forma com outro. Nenhum texto é uma ilha. Marcuschi (2008, p. 129) diz que “não existem textos que não mantenha algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado ou solitário”.

São esses elementos que serão analisados a seguir nas letras de canções objetos deste trabalho.

2.2 Coesão e coesão recorrencial

Entendida como responsável pela união dos elementos textuais. Consoante Fávero (2002, p. 11) a coesão, como já citado, não é condição suficiente para o estabelecimento da textualidade, pois existem sequências com fortes encadeações entre suas sentenças, mas pecam no estabelecimento do sentido.

Fávero propõe uma classificação para a coesão que se baseia na forma que ela se apresenta no âmbito textual. Podendo ter então a coesão referencial, responsável pela referência a termos já mencionados no texto ou fora dele; sequencial, que dá sequenciação ao texto; e recorrencial. Dada a especificidade do objeto de análise, apresentar-se-á a coesão recorrencial.

2.2.1 Coesão recorrencial

Segundo Fávero (2002, p.26) a coesão recorrencial se dá quando, apesar de haver retomada de estruturas, itens ou sentenças, o fluxo informacional caminha, progride. Constituem casos de coesão recorrencial: recorrência de termos; paralelismo (= recorrência de estruturas); paráfrase (= recorrência semântica); recursos fonológicos segmentais e suprasegmentais.

2.2.1.1 Recorrência de termos e estrutura

Dressler (1982, p. 34-5, *apud* Fávero, 2002, p. 27) reconhece, na recorrência de termos, dentre outras, as funções de ênfase, intensificação e “um meio para deixar fluir o texto”. Vem com o objetivo de enfatizar o termo.

2.2.1.2 Paralelismo

Fávero (2002, p. 27) diz que ocorre paralelismo quando as estruturas são reutilizadas, mas com diferentes conteúdos.

2.2.1.3 Paráfrase

Entende-se como um tipo de releitura, chamada por Fávero (2002, p. 28) de atividade efetiva de reformulação, que contribui para coesão dos textos, visto que atua como articuladora de informações antigas com novas.

2.2.1.4 Recursos fonológicos segmentais e suprasegmentais.

Recursos pouco estudado no âmbito da linguística como aponta Fávero (2002, p. 29). No entanto os recursos fonéticos também podem ser utilizados para o estabelecimento da coesão, especialmente quando se trata de letra de canções que são o nosso objeto de estudo. Temos como exemplo o ritmo e os recursos de motivação sonora.

2.2.1.4.1 Ritmo

Fávero (2002, p. 30) diz que “Para que fique clara a função do ritmo na obtenção da coesão (e da coerência também), deve-se entendê-lo como uma sucessão de movimentos num jogo de tensão e distensão; assim a análise rítmica é indissociável da rede complexa de significantes que compõem o texto”.

2.2.1.4.2 Recursos de motivação sonora

A expressividade das vogais e das consoantes, aliterações, ecos, assonâncias etc. Em canções, os autores utilizam desses recursos para gerar sensações no leitor/ouvinte, contribuindo para coesão e também coerência do texto. (FÁVERO, 2002, p. 31)

A análise das letras ocupar-se-á dessa Coesão, tocando nas demais quando e se necessário.

3. A textualidade em letra de canções

3.1 Cinemática

O autor inicia mencionando o vestibular:

*“Na hora do vestibular
Você precisa saber”*

Sabemos que no Brasil o ingresso no ensino superior se dá mediante a nota no Enem ou aprovação nos vestibulares tradicionais. Trata-se de um momento mágico e decisivo na vida de um estudante, assim ao chamar esse fato, o autor alerta para a importância na fixação dos elementos que ele apresentará em seguida.

A cinemática é assunto bastante explorado nos vestibulares em geral, devido às suas vastas aplicações. Halliday/Resnick (2008, p. 15) tratam a cinemática como a responsável pela comparação e classificação dos movimentos. Vale ressaltar que a cinemática estuda o movimento sem questionar suas causas. Para o estabelecimento da coerência o leitor/ouvinte deve ter conhecimento de mundo e partilhado suficiente sobre cinemática.

O autor continua citando os tipos de movimentos e quais fórmulas deve-se usar em cada um dos casos.

*“Que no Movimento Uniforme só usa $d = v.t$
E se ele for variado, se ligue no que falei depois:*

$$V = v_0 + at \text{ e } d = v_0t + \frac{1}{2} at^2”$$

Compreende-se por movimento uniforme o que permanece com velocidade constante por conta de não existir aceleração ao longo do plano horizontal, por ser o mais simples de compreensão e, por conseguinte possuir uma fórmula mais básica é o primeiro a ser apresentado. O movimento uniformemente variado é aquele com ganho e perda de velocidade por conta da presença de uma aceleração, que pode ser natural no caso da gravidade para movimentos verticais, como também decorrente da utilização por exemplo de um motor.

As três equações são centrais para a resolução de exercícios, no entanto para as provas que os prováveis alunos, que são o principal público-alvo da música estudada, o tempo é algo precioso e não deve ser desperdiçado.

Logo, para os casos em que não é informado o valor do tempo “t” é adequado a utilização da fórmula de Torricelli, pois a mesma fornece todos os outros dados seja qual for o valor do tempo. Na letra, apresenta-se o intertexto na evocação à Torricelli, físico e matemático responsável pela formulação da equação citada.

“mas se não tiver o "t"”

Torricelli você tem que lembrar

$(v^2 = v_0^2 + 2.a.d)$ ”

A coerência é estabelecida mediante a intencionalidade do autor em ajudar os vestibulandos, público alvo da canção, na memorização do conteúdo. E o leitor/ouvinte, tendo como suposição ser apenas vestibulandos, possuem a informativa e aceitabilidade em avaliar e considerar a canção como conteúdo.

Em relação a coesão recorrencial, em especial de termos e estrutura, observa-se que elas não estão presentes na letra, mas na execução, visto que o autor a repete por completo duas vezes.

Quanto à recorrência de rimas, quando as há, são emparelhadas:

- *sabe(r)*

- *v.t*

-.....*movimento*

-.....*lançamento*

-.....*depois*

-.....*at²*

Quanto ao ritmo, para mostrar o ritmo do baião, a tônica ocorre na última sílaba, predominantemente:

*“Na hora do vestibular
Você precisa saber”*

3.2 Vou colocar à força

Pachecão inicia esta música cujo ritmo é funk, cumprimentando o leitor/ouvinte:

*“E aí, meu irmão, beleza, cara?
Essa aí é pra você que não
Sabe colocar a força no corpo.
Falou?”*

e já leva a canção para um tom de brincadeira com seu jogo de palavras que servem para gerar uma ambiguidade, como o próprio título da música sugere:

“Vou colocar à força”

Ao assim proceder, estabelece um intertexto com o funk ostentação cujo conteúdo costuma banalizar o sexo para atrair os ouvintes e ao longo de toda letra ele continuará utilizando dessa característica do funk. Outra leitura que pode inferida é que colocará “à força” o conteúdo de física que virá ser ministrado.

Na sequência, diz que pretende lembrar o leitor/ouvinte:

“Eu quero te lembrar”

Mostrando a intencionalidade do texto de forma clara e direta. Pode-se considerar a canção como uma breve revisão, logo existe a necessidade da informatividade por parte do leitor/ouvinte.

“Vou colocar à força” é uma canção baseada nos conceitos físicos da dinâmica. Como discutido anteriormente a cinemática estuda os movimentos sem tratar de suas causas. Dinâmica por sua vez estuda as forças que ocasionam um deslocamento e sua relação com o mesmo. Moyses (2002, p. 64) diz que: “Nossa ideia intuitiva de forças está relacionada com o esforço muscular, e sabemos que, exercendo ‘forças’ deste tipo, somos capazes de colocar objetos em movimento ou, mais geralmente, alterar o seu estado de movimento.”

O autor continua discutindo sobre as relações dos corpos com as forças. E nos apresenta um belo macete para que se descubra rapidamente o número de forças em corpo.

*“Número de forças igual
número de contatos mais um
(sem atrito)
Número de forças igual
número de contatos mais dois
(com atrito)”*

Essa “dica” favorece a aceitabilidade, pois encoraja do leitor/ouvinte mostrando como pode ser simples a análise.

Pachecão finda a letra da canção listando alguns tipos de forças e a forma que elas se apresentam.

*“A força peso sempre está
Atuando, para baixo
Força normal só existe em corpo
Apoiado e é perpendicular à superfície.
Se tiver fio puxando tem a tensão saindo
Do corpo e na mesma direção do fio
Força de atrito pode estar para*

qualquer lado.
Corpo arrastado força de atrito
Contra o movimento
Corpo tracionado força de atrito
A favor do movimento.”

Quanto à recorrência de rimas, quando as há, temos:

Internas:

-.....irmão
 -.....não

E

-.....existe
 -.....superfície

Emparelhadas:

-.....lembrar
 -.....está

E

-.....depende
 -.....ver

Quanto recorrência de termos e estruturas:

Corpo arrastado força de atrito
Corpo tracionado força de atrito

E a utilização da palavra força várias vezes na letra.

3.3 Campo magnético

Construída na forma de marchinha de carnaval, Campo magnético é uma canção muito chiclete, então muito simples de ser memorizada. A utilização da coesão recorrential com repetição de termos é clara ao passo que se reutiliza os termos e prossegue

gradativamente com o avanço do conteúdo, apresentando a cada verso uma fórmula diferente.

*“Mi zero i sobre dois pi dê
Mi zero i sobre dois érre
Mi zero ene i,
Mi zero ene i sobre éle”*

Durante toda a música essa estrofe será o centro das atenções, pois assim a intencionalidade do autor, em fazer com que o leitor/ouvinte venha fixar as fórmulas citadas por cada uma delas venha, seja atendida.

Quanto ao ritmo, ele é instaurado na marcação das tônicas e subtônicas na ordem 2-4-6-8 características das marchinhas carnavalescas.

Ainda em relação à coesão temos a utilização de rimas emparelhada:

*“Xizinho bê está entrando
Pontinho bê está saindo”*

E o recurso fonológico aliteração: “*fiu fura*”

Pachecão utiliza a segunda estrofe como explicação da anterior:

*“É pra calcular o campo
criado por corrente
num fio, espira ou solenóide,
sentido deste campo
regra da mão direita
campo fio e corrente.”*

Vale lembrar que para definir o campo magnético considera-se que este exerce forças sobre cargas em movimento, diferentemente do campo elétrico em que a força que atua sobre uma carga de prova puntiforme colocada num campo elétrico. Também é

importante lembrar que a força magnética é proporcional à carga e à magnitude da velocidade da partícula, e que, a direção da força é perpendicular às direções da velocidade e do campo magnético⁹.

Com base nas estrofes apresentadas, percebe-se que existe a necessidade de um conhecimento prévio do assunto tratado na canção. Por mais didática que ela seja, a cantiga por si só não ensina o conteúdo, mas funciona como uma ferramenta de fixação, logo o leitor/ouvinte deve ser dotado de informatividade sobre eletromagnetismo para que consiga o estabelecimento da coerência.

A regra da mão direita faz-se importante de ser utilizada, pois determina o sentido do campo magnético de forma prática. Exatamente, por conta de sua importância e aplicabilidade o autor dedica a terceira estrofe para dizer como ela se aplica e as conversões de utilização.

3.4 Ondas sonoras

Diferentemente das outras canções, *Ondas sonoras* não é uma letra em que se utiliza a física de modo educativo. A utilização do fenômeno físico é usada de forma poética, para pintar um cenário romântico:

*“Ondas sonoras
A banbar as tardes, de sol”*

Entendendo ondas sonoras como ondas longitudinais que necessitam de um meio para se propagar Young e Freedman (2008, 141). Ed Motta, na letra em questão, mostra-as a seus ouvintes de uma forma poética.

O autor inicia a canção externando as reminiscências de um provável relacionamento amoroso à medida em que consegue escutar a sonoridade de uma música e

9 Nussenzveig, H.M., Curso de Física Básica: eletromagnetismo, vol 3, 2ªed., São Paulo: Blücher Ltda, 2015.)

parece interpelar a amada para que compartilhe com ele dessas lembranças: “Ouvir nessa canção/nossa canção”; “...ouvir nossos sinos/ nossas coisas”, mostrando o conhecimento partilhado entre ele e a amada.

Na estrofe:

*“de longe tu se levás
Perto de ti
Além de longe ela me leva
Tudo de mim”*

É mostrada a capacidade de as ondas transportarem energia, comparando-as metaforicamente aos sentimentos do eu-lírico cujos sentimentos são levados para perto da amada.

Por meio da leitura dos versos e audiência da música, percebe-se a intencionalidade, tanto em relação à batida rítmica, quanto pela recorrência dos pronomes “nosso/nossa”, favorecendo a que leitor/ouvinte tenha a sensação de ser “abraçado” pela canção, fato intensificado pelo estilo musical adotado por Ed Motta: Soul10.

Quanto coesão, observa-se também a coesão recorrencial com a repetição de termos e estruturas:

*“Nessa canção
Nossa canção”,*

*“Baby, ouvir
Nossa sinos
Nossas coisas, baby”*

O verbo **ouvir** é o centro da canção repetido várias vezes durante a letra.

10 Soul é um gênero musical da cultura norte americano, mas especificamente dos Estados Unidos, que nasceu do Blues e do Gospel na década de 50. Tornou-se conhecido entre os negros, e seu termo apareceu justamente na época em que existiam diversos movimentos de liberalismo social, principalmente em relação à manifestação contra o racismo que era forte na época. (<https://proddigital.com.br/musica/soul-music-o-estilo-musical-que-dominou-o-mundo/> - acesso em 06/12/2018)

E a estrutura:

*“Ondas sonoras
A banhar as tardes, de sol”*

repetida no fim da letra.

Finalmente, importa pontuar que, nos versos, mais uma vez a repetição:

*“Nossos sinos
Nossas coisas”*

Além de favorecer a sensação de pertencimento, que o eu-lírico quer evocar na amada, evoca a memória de ondas sonoras, já que os sons dos sinos delas dependem para soar.

Considerações Finais

É de conhecimento geral que todos os textos têm uma intenção comunicativa, estabelecida por meio dos elementos textuais que lhe garantem a coesão e a coerência. A coesão, fator microtextual, colaboração na “amarração do texto” e a coerência, macrotextual, colabora com o estabelecimento do sentido, numa relação texto-leitor. As análises aqui realizadas, apontam quão importantes são esses elementos para que o texto efetivamente cumpra sua intenção.

Nas músicas criadas pelo professor Pachecão, a intenção é auxiliar na memorização do conteúdo e conta, para isso, com um leitor que já tem noção dos fenômenos físicos tratados nas letras. Recursos recorrentes auxiliam a repetição e essa, com a musicalidade, a decorar fórmulas que por si só seriam complicadas para os alunos. Trata-se de um meio lúdico para ensinar o que normalmente poderia parecer enfadonho para os jovens.

Por outro lado, a canção de Ed Motta, embora também conte com um ouvinte que entenda algo de ondas sonoras, título da canção, joga com a poeticidade, para chamar atenção da amada distante e do ouvinte virtual e fazê-los “ouvir” sua saudade.

Assim, ao final dos trabalhos, podemos afirmar que os autores construíram seus textos utilizando recursos de coesão recorrencial e coerência de forma a garantir sua compreensão e assimilação, para que suas intenções comunicativas fossem atingidas. Nesse sentido, lembrando Cavalcante (2013, p.20) texto é um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos. É, também, um evento de interação entre locutor e interlocutor, os quais se encontram em um diálogo constante.

Referências

- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo. Contexto, 2013.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e Coerência Textuais**. São Paulo: Ática, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- JAPIASSÚ, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FAZENDA, Ivani (org.). **O Que é interdisciplinaridade?**. São Paulo: Cortez, 2008.
- HALLIDAY D.; RESNICK R. e WALKER J. **Fundamentos de Física: Mecânica. Volume 1. 8ª edição**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- NUSSENZVEIG, H.M. **Curso de Física Básica, Volume 1. 4ª edição**. São Paulo: Edgar Blücher LTDA, 2002.
- YOUNG, H. D.; FREEDMAN. **Física II: Termodinâmica e ondas. 12 ed.** São Paulo: Addison Wesley, 2008.



Relatos Historiográficos

Abolição da escravidão no Vale do Paraíba fluminense: os impactos da Lei Áurea em Barra Mansa

André Rocha Carneiro¹¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar os impactos da Lei Áurea em um município do Vale do Paraíba fluminense, mais precisamente, Barra Mansa. Para isso, analisa uma publicação do jornal liberal de José Celestino de Aguiar, denominado *A Imprensa Barramansense*. A região em questão muito se utilizou da mão de obra escravizada durante o Segundo Reinado, o que colaborou para torná-la a mais rica do país. A abolição da escravidão, portanto, foi um duro golpe para seus escravagistas, representando o aprofundamento de uma crise econômica e a perda do seu apoio político ao Império.

Palavras-chave: Lei Áurea; Vale do Paraíba; Barra Mansa.

1. Introdução

O processo de abolição da escravidão no Brasil foi um caminho longo e tortuoso. Depois de três séculos de escravidão colonial que introduziu uma cultura arraigada do escravismo entre a população brasileira, quando o ideal era ser dono de homens e terras, a crise do sistema colonial como um todo também provocou a crise do escravismo. A história do Brasil independente já nasceu sob o signo da crise da mão de obra escrava. A pressão inglesa para o fim do tráfico já se fizera notar nos tratados de 1810 com Portugal, quando D. João procurou ganhar tempo e restringiu a ação do império português apenas aos territórios africanos dominados por Portugal. Em 1815, após o fim das guerras napoleônicas, a Inglaterra proibira o tráfico de escravos

¹¹ Autor correspondente: andrerochacarneiro780@gmail.com.br

africanos acima da linha do Equador. Em 1817, os ingleses passaram a ter o direito de visita em alto-mar aos navios negreiros. Em 1826, juntamente com o tratado que formalizava o reconhecimento da independência brasileira e a ratificação, por parte do governo imperial brasileiro, dos acordos anteriores feitos entre Inglaterra e Portugal, o Brasil se comprometera a terminar com o tráfico no prazo máximo, isto é, até 1830. Esse acordo foi um dos fatores do desgaste de D. Pedro I com a classe senhorial brasileira, principalmente do Vale do Paraíba Fluminense, que não pretendia abrir mão de sua força de trabalho escrava. Finalmente é votada, já na Regência, em 1831, a primeira lei antitráfico. Apesar dos primeiros esforços dos liberais para acabar com o tráfico, o movimento do Regresso apoiou sua continuação na forma de contrabando, ganhando o apoio dos cafeicultores escravagistas do Vale do Paraíba Fluminense, que começava a implantar o complexo cafeeiro na região¹. Os africanos escravizados continuavam entrando no país por portos clandestinos, com a complacência do governo imperial. A proibição do tráfico traria grandes dificuldades para a manutenção dessa força de trabalho. Houve mesmo pressão para que a lei fosse revogada.

2. A abolição

Estávamos em um período em que a produção do café no Vale do Paraíba Fluminense provocara o recrudescimento da mão de obra escrava, devido à necessidade de se ter trabalhadores para as diversas atividades a serem desenvolvidas nas fazendas de café, como o plantio, a colheita, o beneficiamento, o conserto de estradas, pontes e cercas, o cuidado com as tropas de mulas que transportavam o café, etc². Essa passagem da escravidão colonial para a do período da economia de livre mercado Dale Tomich chamou de *Segunda Escravidão*³.

A pressão inglesa pelo fim definitivo do tráfico (o que levaria à aprovação do Bill Aberdeen em 1845, em que os ingleses, na prática, não reconheciam mais a soberania brasileira em nosso próprio território, pois apreendiam cargas mesmo em águas nacionais,

sendo seus executores julgados por pirataria pelos tribunais do almirantado inglês) e o haitianismo⁴ resultaram na aprovação da Lei Eusébio de Queirós, em 1850. Esta lei, que desta vez foi levada a sério devido aos problemas que o Brasil e os escravocratas poderiam enfrentar, apontava um primeiro limite temporal à subsistência desta forma de trabalho no país.

A década de 1870 marcou o início do fim do escravismo no Brasil. A participação do Brasil na Guerra do Paraguai, na década de 1860, demonstrou os limites de uma sociedade escravista em uma guerra. Sem ter soldados suficientes, o governo liberou os seus próprios e apelou para que os fazendeiros liberassem os seus escravos para a guerra. Muitos desses escravagistas alistaram seus cativos no exército tendo por objetivo conseguir honrarias e títulos nobiliárquicos, além do agradecimento do Imperador, como também receber dispensa do alistamento próprio ou de seus parentes. Os escravos que participassem da guerra seriam libertos, juntamente com sua família.

A grande quantidade de escravizados em meio aos exércitos brasileiro e aliados constrangeu o governo imperial e seus generais. Além disso, a derrota dos confederados na Guerra de Secessão americana e a abolição da escravidão naquele país em 1865 colocava o Brasil em uma posição isolada na América, já que era o único país independente a manter a escravidão (secundado apenas pela possessão espanhola de Cuba). A Coroa brasileira temia que as potências estrangeiras, principalmente Inglaterra e EUA, aumentassem a pressão sobre o país e o nosso constrangimento⁵. Assim, o seguinte passo foi a Lei do Ventre Livre, de 1871, que colocou o governo imperial em rota de colisão com sua principal base de sustentação política, os cafeicultores do Vale do Paraíba⁶.

Apesar de um novo limite temporal ter sido estabelecido para o fim da escravatura com a Lei do Ventre Livre, posto para libertar os filhos dos escravos, o governo se apressou em aprovar a Lei dos Sexagenários, em 1885, o que, na verdade, aliviou para os escravistas os custos da manutenção dos devidos escravos idosos. O movimento abolicionista, ainda incipiente nas décadas anteriores, estava a pleno vapor na década de

1880. Vários setores sociais não dependiam mais do trabalho escravo e, aos poucos, aqueles que ainda o utilizavam, começaram a se desfazer de seus escravos. Fazendeiros paulistas começaram a se utilizar da mão de obra do imigrante europeu. Clubes abolicionistas foram criados, como também fundos para a compra e libertação dos cativos⁷. Os fazendeiros que resistiam viam-se ameaçados pelas constantes revoltas e fugas de seus plantéis, agora com apoio popular. A imprensa abolicionista se expandia criticando a desumanidade do tratamento dado aos escravizados e a falta de nossa sintonia com os países civilizados e o restante da América (até mesmo Cuba extinguiu o trabalho escravo em 1880).

Entretanto, apesar dos sinais dos tempos apontarem para o término não muito distante da escravidão, muitos escravocratas mantiveram-se apegados a esse patrimônio. Isso ocorrera principalmente com os fazendeiros do Vale do Paraíba Fluminense, pois os das demais regiões já vinham fazendo a transição ao trabalho livre há décadas e os paulistas estavam substituindo o trabalho escravo pelo do imigrante, mais rentável. A Lei Áurea veio pegar muitos destes escravagistas fluminenses em uma situação já de fragilidade, pois o café também estava em decadência nesta província, principalmente, devido ao esgotamento dos solos⁸. A crise destes setores afetou também a monarquia, que acabou não resistindo por muito tempo.

Quanto aos libertos de 13 de maio de 1888, a situação não mudou significativamente. Muitos não foram avisados por seus ex-proprietários, trabalhando ainda um bom tempo como escravos. Os demais tinham liberdade para escolherem onde trabalhar e ganhariam agora um salário. Entretanto, a crise na província fluminense não deixaria a eles muita escolha de emprego. Vários deles nem saíram de suas fazendas. Outros foram para as cidades, onde eram mal vistos e discriminados pela população que tanto comemorara sua libertação, para viver em bairros pobres. Nem os abolicionistas e nem o governo se preocuparam com o seu destino, abandonando-os à própria sorte.

3. Os Impactos da Lei Áurea em Barra Mansa – Vale do Paraíba Fluminense

A Lei Áurea, que aboliu a escravidão no Brasil, foi promulgada em 13 de maio de 1888 e é um marco no movimento de afirmação do negro como cidadão na sociedade brasileira. Entretanto, como se sabe, essa abolição, no Brasil, não ocorreu de um dia para o outro; foi, ao contrário, um processo que perdurou durante décadas. Sua implantação também não ocorreu de modo exatamente pacífico e definitivo, o que se comprova no fato de o Brasil ter sido o último país independente do continente americano a abolir completamente a escravatura. As consequências do fim da escravidão foram enormes para o país e para a própria monarquia que, segundo o Barão de Cotegipe, um político escravagista da época, juntamente com a Lei Áurea, escrevia seu próprio atestado de óbito.

Vejamos especificamente o caso do impacto da Lei Áurea sobre a cidade de Barra Mansa, a partir das notícias veiculadas pelo jornal semanal *A Imprensa Barramansense*, fundado em 5 abril 1887, por José Celestino de Aguiar.

Segundo este periódico, no mês de maio de 1888, o movimento abolicionista teria ganhado mais força na região do Vale do Paraíba Fluminense e também no Brasil, pois, devido aos debates no parlamento, já se sabia que a abolição integral estava prestes a acontecer. Muitos senhores de escravos começaram, então, a libertar seus cativos para demonstrar um abolicionismo de última hora e não serem mal vistos pela sociedade⁹. Muitas vezes, esse acontecimento ocorria em meio a uma festividade ou sarau para que desse à “filantropo” maior visibilidade da sua “boa ação”. Foi o que ocorreu no dia 8 de maio, com o fazendeiro barramansense Custódio de Carvalho, que libertou seus negros escravizados¹⁰.

De acordo com *A Imprensa Barramansense*¹¹, a promulgação da Lei Áurea em 13 de maio parece que foi bastante comemorada em Barra Mansa, cidade que muito havia contado com a força de trabalho escravo durante o período em que o Vale do Paraíba

Fluminense foi o maior produtor de café do Brasil, no século XIX. Para comemorar, o povo saiu em manifestação de júbilo pelas ruas, parando, em cortejo, em frente às casas das personalidades ilustres do município, tendo à frente a banda de música Recreio dos Artistas.

Manuel Ribeiro de Souza Barata era um desses ilustres; ele discursou ressaltando a satisfação que a abolição causara e foi muito aplaudido. Na rua do conselheiro Andrade Figueira (escravagista renitente), o vigário José Martins Pereira de Barros também discursou pelo dever e a honra do povo barramansense, recebendo vivas da multidão à Princesa Izabel, ao imperador D. Pedro II, ao Gabinete ministerial formado em 10 de março, aos abolicionistas Joaquim Nabuco, Quintino Bocayuva e José do Patrocínio. O povo passou ainda pelo largo da Matriz com novas vivas e se dispersou apenas por volta das 21 horas. Durante as manifestações, o comércio e demais estabelecimentos fecharam as portas em sinal de respeito.

Entretanto, nem tudo eram flores na terra de Macunaíma. Muitos fazendeiros não estavam contentes com a perda, sem indenização, de seus escravizados. Importa refletir que ninguém cogitara indenizar o escravizado pelo trabalho forçado a que fora submetido. Nesse ainda clima de tensão, foram espalhados boatos sobre a intenção dos fazendeiros de Bananal, cidade do Vale do Paraíba paulista muito próxima de Barra Mansa, em sinal de protesto. Dizia-se que eles pretendiam alugar um trem para mandar seus ex-escravos para a princesa regente, a fim de que ela deles cuidasse. Apesar do boato ter sido desmentido por J.A. Magini, redator do jornal *Nova Phase*, de Bananal, o simples fato de ter existido já demonstra o clima de animosidade quanto à abolição da escravidão.

Sinais dessa animosidade podem ainda ser encontrados nas notícias que circulavam no jornal *A Imprensa Barramansense*, periódico de tendência liberal que, segundo nele mesmo noticiado, parece ter sido o único jornal que comemorou a abolição da escravidão em Barra Mansa. A edição veiculada no dia 24 de maio de 1888 noticiava que um liberto, de nome Benedicto do Norte, fora à fazenda do Sr. Manoel Cardoso, na freguesia do Amparo, buscar uma liberta com quem vivia e a filha de ambos. O fazendeiro, entretanto,

opôs-se a entregá-las e discutiu com Benedicto, que foi preso e teve o braço fraturado em dois lugares. Essa ocorrência demonstrava a conivência das autoridades competentes quanto à manutenção da situação de cativo dos já libertos. Se não fosse por isso, não haveria motivo para o aprisionamento do liberto, que estava, apenas, requerendo o direito recém-adquirido por sua companheira e filha. O jornal termina a matéria com o emprego da expressão “Bonito”, o que demonstra certa ironia e revela seu posicionamento crítico em relação ao fato ocorrido. No mesmo exemplar, na seção seguinte, *A Imprensa Barramansense* publicava o poema *Não mais*, do poeta abolicionista Castro Alves.

O *Jornal do Comércio*, um periódico da Corte, em 22 de maio publicou um artigo denunciando que pedidos teriam sido feitos às autoridades do município de Barra Mansa para prenderem os libertos que vagavam pela cidade, o que foi desmentido, no *A Imprensa Barramansense*, por alguém que se intitulava *O Abolicionista*. Segundo esse “*Abolicionista*”, a notícia dos pedidos era falsa, já que era raro ver libertos “vadiando”, pois “eles têm se portado como ‘devem’”. Provavelmente, para “O Abolicionista”, os libertos não deveriam andar pelas ruas da cidade.

Corriam, ainda, boatos sobre o fato de a população querer “correr” com os negros que se ajuntavam nas “casas de negócios” aos domingos. Como antes os escravos nem podiam ir à cidade fazer suas compras, possivelmente essa nova situação incomodava muita gente¹².

Outra ocorrência importante em relação ao posicionamento dos cidadãos barramansenses ante a abolição é o fato de muitos ex-escravos continuarem mantidos nas fazendas sem serem informados do grande acontecimento por seus “ex-proprietários”, ou, se informados por outra forma, os fazendeiros não permitiam que partissem, teimando em burlar a Lei Áurea. Um deles, o fazendeiro Rocha Velho, chegou a ser denunciado pela manutenção do trabalho escravo em sua fazenda¹³. Por isso, o Chefe de Polícia da província, Salvador A. Muniz Barreto, enviou circulares aos delegados, nos dias 26 e 28 de maio, informando que a exigência dos serviços dos escravizados com condição de liberdade e dos serviços dos ingênuos (filhos de escravizados) tinha terminado com a

extinção da escravidão. Portanto, as “autoridades” e fazendeiros não lhes podiam embarçar o livre gozo da liberdade, numa alusão à participação e/ou convivência, inclusive, das autoridades do município.

Aos delegados cabia apenas manter a ordem pública, “obrigando” os libertos a tomarem ocupação quando se entregassem à vadiagem ou se aglomerassem nas estradas e centros populosos, uma vez que as aglomerações, principalmente em domingos e dias santos, eram muito temidas pela população barramansense. A *Imprensa Barramansense*¹⁴ noticiou que, por conta disso, no dia 5 de junho, a polícia prendeu 13 “vagabundos”. Ou seja, os negros eram livres, mas não tinham um dos direitos humanos mais básicos, o de ir e vir.

Embora o Visconde de Rio Branco, político e autor da Lei do Ventre Livre, já tivesse prevenido os escravagistas para o fim da mão de obra escrava, previsto para ocorrer em 10 anos após a Lei do Ventre Livre¹⁵, muitos senhores de escravos mantiveram o trabalho cativo até o fim. Teimavam em não acreditar que a abolição integral ocorreria, mesmo assistindo ao incremento do movimento abolicionista, às emancipações voluntárias cada vez em maior número, à Lei do Ventre Livre, de 1871, que libertava os filhos dos escravos, que deveriam ser criados pelos proprietários até os 8 anos de idade, o que por si só projetava o fim da escravidão para o futuro, e à Lei dos Sexagenários, de 1885, que libertava os escravos acima dos 60 anos (um presente para os escravocratas, pois não precisavam sustentá-los na velhice)¹⁶. Devido a essa atitude, a abolição criou um problema para a mão de obra dos fazendeiros fluminenses que não se prepararam para a nova realidade.

Jornais da região, como *O Resendense* e o *Itatiaya*, citavam a possibilidade de ruína da lavoura devido ao abandono das terras pelos ex-escravizados. Comentavam que teria sido conveniente (para os dois lados) que os fazendeiros tivessem, aos poucos, cedido a liberdade aos escravizados, com incentivo a que ficassem nas fazendas. A conveniência residia em manter a mão de obra e, ainda, impedir que libertos fossem “atirados de chofre

à sociedade, sem recursos e sem tirocínio da vida social, convencidos de estarem melhor do que na fazenda”¹⁷.

O que ocorreu, entretanto, foi o contrário do que recomendara os jornais resendenses. O jornal *A Imprensa Barramansense*, em 24 de maio, afirmou que os libertos de 13 de maio abandonavam as fazendas em Barra Mansa, pois seus senhores não lhes tinham a confiança e não eram vistos como “amigos” e sim como interesseiros que não lhes minoraram antes a condição de escravos. Afirmou também que ainda era tempo de se tratar os libertos com “agrado” e “delicadeza”; era importante que se combinasse um ordenado fixo para que ficassem, pois o abandono se acirrava com o aparecimento de agricultores que acorriam de outras localidades para contratar colonos de Barra Mansa, retirando mais braços do município. Segundo o jornal, foram observadores e inteligentes o Tenente Coronel Caetano Ferraz, o Alferes Quintino de Medeiros (ambos da Guarda Nacional - força paramilitar criada em 1831 para manter a ordem oligárquica local), João Pedro de Carvalho, Francisco Ferreira Franco e outros poucos fazendeiros de Barra Mansa que implantaram o sistema colonizador e tiveram como seus colonos os próprios libertos de suas fazendas. A Lei Áurea, portanto, não lhes teria causado abalo algum.

A abolição foi fatal para a monarquia que tinha nos escravocratas fluminenses sua principal base de sustentação política. Políticos monarquistas tradicionais, em desagravo, começaram a passar para o lado dos republicanos, os chamados “republicanos de última hora”. Câmaras municipais de todo o país representavam aos poderes competentes sobre a necessidade de se rever a Constituição. Chegou-se mesmo a eleger comissões assinando manifestos que combatiam o 3º Reinado¹⁸. Em Barra Mansa, não foi diferente. Políticos do partido dominante na cidade, o Conservador¹⁹, marcaram uma reunião, no dia 12 de junho, na freguesia do Amparo, para constituir o Partido Republicano no município. O jornal *A Imprensa Barramansense*, no dia 12 de julho, publicou um editorial no qual se demonstrava perplexo com o incremento do movimento republicano de Barra Mansa; reportava-se ao fato de conservadores e liberais “de sempre” terem passado a sustentar, repentinamente, com todo o entusiasmo, as ideias republicanas. Não foi à toa que, apenas

um ano e meio depois da abolição da escravidão, em 15 de novembro de 1889, a monarquia ruiu e ocorreu a Proclamação da República.

4. Considerações Finais

Como se pôde observar, também no Vale do Paraíba Fluminense o processo de abolição da escravatura e de inserção do negro na sociedade não ocorreu de forma tranquila. A história reconstruída no exame do jornal *A Imprensa Barramansense* mostra-nos que, diferentemente do que deveria ocorrer, a abolição jogou o ex-escravo sem indenização, sem estudo, sem dinheiro e sem qualquer programa de inclusão social em uma sociedade que não havia se preparado para recebê-lo e, portanto, discriminava-o²⁰. Essa situação, aliás, foi um dos fatores da marginalização negra durante o século XX, que, de certa forma, perdura na atualidade. Ainda hoje, mais de cem anos depois de assinada a Lei Áurea, movimentos sociais lutam pela afirmação do negro como cidadão na sociedade brasileira.

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹ PARRON, Tâmis. *A política da escravidão no Império do Brasil, 1826-1865*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 30 e MAMIGONIAM, Beatriz Gallotti. A proibição do tráfico atlântico e a manutenção da escravidão, in GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 223 e 226.

² A força da escravidão como projeto hegemônico no Brasil se explica pelo alto grau de disseminação que possuía na sociedade Oitocentista. Quase todos os setores sociais livres dispunham de pelo menos um escravo. A propriedade sobre a pessoa escravizada era, portanto, um valor e uma prática comum aos homens livres do Império. Cf. MUAZE, M. O Vale do Paraíba Fluminense e a Dinâmica Imperial, p. 330. Disponível em http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/?page_id=8. Acesso em 07/09/2012.

³ TOMICH, Dale. *Pelo prisma da escravidão*. Trabalho, Capital e Economia Mundial. São Paulo: Edusp, 2011.

⁴ Terror em relação às revoltas escravas, como ocorrera no Haiti, em 1891.

⁵ SALLES, Ricardo. As Águas do Niágara. 1871: crise da escravidão e o ocaso saquarema, in *O Brasil Imperial*, vol. III – 1870 – 1889, in Grimberg, Keila e Salles, Ricardo (org.), Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2009.

⁶ Segundo Ricardo Salles, Paranhos teria observado com plena clareza a má impressão e o isolamento internacional que a manutenção da escravidão trazia ao Império, devido à presença de negros, mestiços e libertos com a finalidade de recrutamento, nas fileiras do exército. A partir de 1870, a coesão da classe senhorial começou a entrar em crise, principalmente em relação às divergências quanto à escravidão. SALLES, Ricardo. *E o vale era o escravo*. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 56 e 120.

⁷ COSTA, Emília Viotti da. *A Abolição*. São Paulo: UNESP, 2008.

⁸ MACHADO, Humberto F. *Escravos, Senhores e Café*. A Crise da Cafeicultura Escravista do Vale do Paraíba Fluminense: 1860-1888. Niterói: Cromos, 1993.

⁹ A Imprensa Barramansense, 3/05/1888. Biblioteca Nacional, seção de periódicos.

¹⁰ A Imprensa Barramansense, 10/05/1888. Biblioteca Nacional, seção de periódicos. ¹¹ A Imprensa Barramansense, 17/05/ 1888. Biblioteca Nacional, seção de periódicos. ¹² A Imprensa Barramansense, 24/05/ 1888. Biblioteca Nacional, seção de periódicos. ¹³ A Imprensa Barramansense, 7/06/1888. Biblioteca Nacional, seção de periódicos.

¹⁴ A Imprensa Barramansense, 14/06/1888. Biblioteca Nacional, seção de periódicos.

¹⁵ A Imprensa Barramansense, 24/05/1888. Biblioteca Nacional, seção de periódicos.

¹⁶ As décadas de 1850 e 1860 foram de dificuldades econômicas, seja pelo aumento inicial do valor do escravizado, seja pela diminuição gradativa das terras agricultáveis, seja pela super utilização da terra para o cultivo do café, provocando crises de abastecimento alimentício, seja pelo crescente endividamento dos fazendeiros produtores de café frente ao sistema financeiro, seja pelas crises financeiras de 1857 e 1864, seja pelos gastos governamentais com a Guerra do Paraguai, etc. Diante dessa situação, os escravocratas procuraram manter sua propriedade escravizada, já que não apenas representavam capital empatado, como também era fonte de produção de sua principal riqueza, o café. Essa situação, juntamente com a estabilização reprodutiva dos plantéis cativos no Vale, os impedia de ver os riscos que o país corria (juntamente com seus próprios interesses de classe) quanto à manutenção da escravidão. Até o final da década de 1870, devido aos ganhos com os preços do café, a demanda por escravos continuou forte no Vale do Paraíba Fluminense, com crescimento em torno de 1,6% ao ano. Isso fazia com que os escravocratas previssem uma sobrevida para a escravidão no país até a primeira década do século XX. Cf. GOUVEA, Maria de Fátima Silva. *O Império das Províncias*. Rio de Janeiro,

1822 – 1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 162, SALLES, Ricardo, *E o vale era o escravo*, caps. 3 e 7; SLENES, Robert. Grandeza ou decadência? O mercado de escravos e a economia cafeeira na província do Rio de Janeiro 1850-1888, in COSTA, Iraci del Nero da (org.). *Brasil: história econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, 1986, p. 111 e MELLO, Pedro Carvalho de. Aspectos econômicos da organização do trabalho da economia cafeeira no Rio de Janeiro, 1850-1888. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, v. 32, n 1, jan/mar 1978.

¹⁷ A Imprensa Barramansense, 24/05/ 1888. Biblioteca Nacional, seção de periódicos.

¹⁸ A Imprensa Barramansense, 12/07/1888. Biblioteca Nacional, seção de periódicos.

¹⁹ Apesar de o período imperial ter visto passar diversos partidos, tais como Partido Brasileiro, Partido Português, Liberais Exaltados, Liberais Moderados, Restauradores, Progressistas, Regressistas, Partido Abolicionista, Partido Cristão, Partido Republicano, etc., os principais partidos que ajudaram a formar a estrutura política desse período da história do Brasil foram o Partido Liberal e o Partido Conservador, pois foram os mais bem estruturados em nível nacional e que mais atuaram de forma importante no governo do país.

²⁰ Para a historiadora Hebe Mattos “A crescente hegemonia dos paradigmas naturalista e do darwinismo social, especialmente após 1888, acabaria por relegar ao ostracismo a luta contra a discriminação racial durante o período monárquico, restando na memória nacional apenas os intelectuais negros diretamente engajados na luta abolicionista, como André Rebouças, José do Patrocínio e, em alguma medida, o próprio Luís Gama”. MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 60.

O Vale do Paraíba como palco de lutas: a insurreição que não eclodiu e a presença de três pontos maçônicos (1838-1848)

Maiara Aparecida dos Santos Monsores¹²

RESUMO

O presente trabalho aborda e desdobra os fatos contidos em uma reportagem apresentada pela revista O Cruzeiro, que relata desde a insurreição de escravos difundida por Manuel Congo a outra revolta que não eclodiu no dia 24 de junho de 1847 na cidade de Vassouras, Rio de Janeiro. Apresenta uma discussão associando os ideais de liberdade dos escravos com o estalão maçom, o comportamento e posicionamento das autoridades da época a respeito das insurgências advindas de uma classe, cujas necessidades básicas inerentes a sua condição humana eram tolhidas e sufocadas em detrimento de interesses pessoais, políticos e econômicos.

Palavras-chave: Século XIX; Vassouras; O Cruzeiro; Maçonaria; Insurreição.

1. Introdução

Revista O Cruzeiro foi lançada no Rio de Janeiro em 10 de novembro de 1928, divulgada semanalmente, editada pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand, tendo, como diretores, Carlos Malheiros Dias, Antonio Accioly Neto e José Amádio.

A revista ilustrada brasileira abordava diversos assuntos: da vida da elite jovem brasileira aos valores da sociedade da época. Em sua publicação número 51 do dia 6 de outubro de 1951 trazia à tona acontecimentos de uma insurreição escrava que não eclodiu na cidade de Vassouras, no sul do estado do Rio de Janeiro, cuja manchete foi: A Maçonaria Negra de Vassouras - As revoltas de escravos em 1838 a 1847- O enforcamento do rei Manuel Congo - Uma bela rainha absolvida - As sociedades secretas dos negros - El-Banda e os Tates-corongos- A cabeça oculta, escrita por Gustavo Barroso, da Academia Brasileira de Letras - Diretor do Museu História.

¹² Autor correspondente: magisterio.monsores@gmail.com

A reportagem disserta sobre a Revolta de Manuel Congo, muito conhecida nacionalmente e abre espaço para dissecar outra rebelião pouco conhecida na atualidade, orquestrada para explodir no dia 24 de junho de 1847 libertando diversos escravos que se reuniam de maneira a serem caracterizados como uma organização secreta composta por pretos vassourenses denominados malês, que eram negros mulçumanos muitas vezes instruídos e apesar da condição de cativo eram muito ativos. A organização era considerada de cunho místico, disposta de forma ordenada hierarquicamente por pequenos grupos articulados em cinco indivíduos tendo como chefe um líder pardo, livre e oficial de pedreiro, posta sob a proteção de Santo Antônio, considerada a Maçonaria Negra de Vassouras e que deixava à sombra da curiosidade a identidade do seu chefe supremo ou real organizador que se tornou uma verdadeira cabeça oculta dando margem a interpretação de que o membro orquestrador desse agrupamento instrumental que reverberou latente anseio de liberdade naquele século era um membro de alto valor da sociedade da época.

O tema abordado pelo periódico revela momentos que ficaram presos a reminiscências de muitos que já nem estão entre nós, deixando a memória de acontecimentos locais sucumbirem à força do tempo. Aborda-se nesse trabalho o real sentido de Maçonaria no contexto citado, faz-se um paralelo da insurreição com os ideais maçônicos e a incessante luta por liberdade provinda de grupo social étnico subjugado, apontando um desejo pulsante de equidade cimentados em três fortes colunas: igualdade, liberdade e fraternidade.

2. Percorso metodológico

Este trabalho caracteriza-se como uma proposição de pesquisa de natureza qualitativa que, segundo Creswell (2007, p.184 e 188), baseia-se “em dados de texto e imagem, tem passos únicos na análise de dados de texto, imagem de dados e usam estratégias diversas de investigação” A opção pelo método de investigação qualitativo se justifica pela possibilidade de um olhar pormenorizado para a maneira como diferentes sujeitos estabelecem relações interpessoais, com a época e o lugar onde vivem. Buscou-se a construção de um corpus documental, por meio da perspectiva da historiografia pluralista, conduzida com pressupostos da publicação de número 51 da Revista O Cruzeiro nas páginas 38 e 44, além de artigos científicos e livros que retratam a escravidão de sua época e as insurreições de maneira a municiar com riqueza de detalhes a pesquisa, tendo condições de, a partir dela, desenvolver análises acerca das relações estabelecidas entre grupos de indivíduos envolvidos com o tema e suas conexões com os processos de mudanças sociais. A historiografia pluralista é definida por Barbosa (2011) como estudos que ora enfocam uma abordagem biográfica, ora temática, além de estudos bibliométricos.

Apoia-se também na pesquisa descritiva que, segundo Cervo e Bervian (2011), observa, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos variáveis sem manipulá-los. No caso em questão, seria impossível moldá-los à nossa vontade ou direcionar o fluxo do processo. Afinal, o corte temporal abordado se inicia no ano de 1838 e se estende até o ano de 1848.

Será analisada a insurreição que não eclodiu na cidade de Vassouras no dia 24 de junho de 1847, as razões da revolta, os motivos que levariam a esse feito, quais fatores colaboraram para que os escravos não atingissem seu objetivo, como eles eram vistos na época e quais as consequências que geraram essa ação, incluindo o momento histórico que os envolvia e o que a última insurreição, a de Manuel Congo, deixou como legado para esse grupo que ansiava por liberdade.

O método histórico que foca investigar acontecimentos, processos, instituições e ações passadas para entender a influência que exercem no presente é utilizado nessa pesquisa. Através da leitura do periódico O Cruzeiro e do material descrito em bibliografia, as seguintes etapas serão seguidas: observação; indagação; interpretação; reflexão e análise de todo o material.

3. A hegemonia do poder nas relações escravo, senhoria e memórias

*Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar... (O Navio Negreiro, Castro Alves)*

O Século XIX foi o período de ascensão e consolidação da hegemonia do poder disciplinar na França, uma nova forma de organização social e de expressão do poder e das práticas punitivas, que condicionava seres, adestrava pela e para produtividade dos corpos e mentes, a partir da vigilância permanente, obrigando indivíduos a passarem por processos pelos quais incorpora valores e pensamentos que não são seus, conforme salientam Salla, Gauto e Alvarez (2006), fazendo deles, ao mesmo tempo,

um procedimento técnico e um ritual. Como procedimento técnico, o suplício pretende produzir uma quantidade de sofrimento que possa ser apreciada, comparada, hierarquizada, modulada de acordo com o ato cometido. [...] Como ritual, visa marcar o corpo da vítima, tornar infame o criminoso, ao mesmo tempo que a violência que

marca é ostensiva, caracteriza-se pela demonstração excessiva do poder daquele que pune (SALLA; GAUTO; ALVAREZ, 2006, p.337).

Em concomitância com esses desdobramentos, no Brasil o regime escravista se mantinha fervoroso alimentando a política e economia local. A escravidão era uma prática social em que um ser humano assume direitos de propriedade sobre outro, por meio da força e o ressignifica como escravo, mantendo-o em cativeiro desprovido de direitos, sujeito a um senhor que determina sua maneira de viver e explora de sua força laboral. Conforme explica Taynay (2001), tal força de trabalho nos campos é submetida por rigorosa disciplina. O pesquisador salienta ainda que:

mormente nas grandes fábricas, onde uma perpétua vigilância e regra intransgressível deve presidir aos trabalhos, ao descanso, às comidas e a qualquer movimento dos escravos, com o castigo sempre à vista. A maior ou menor perfeição nessa disciplina determina o maior ou menor grau de prosperidade dos estabelecimentos. (TAYNAY, 2001, p. 55).

Mas apesar de todo condicionamento, controle físico, moral, espiritual exercido na subjugação do ser, este possui natureza livre, dotada de pensamentos e desejos que nenhuma organização social, que subjugação alguma pode alcançar, controlar, determinar, fazendo nascer diante da inquietação e descontentamento forças para travar lutas que repentinamente seu corpo sucumbiria, mas o ideal coletivo ascenderia, proporcionando, ainda que tardiamente, um futuro de liberdade, igualdade e fraternidade, deixando nas entranhas do meio social, memórias de insurreições, como aconteceu no Rio de Janeiro, especificamente em Vassouras, centro da cafeicultura fluminense, núcleo urbano mais importante do Vale, lócus da manutenção da ordem senhorial e do tráfico de escravos, cidade das palmeiras, da sociabilidade, dos encontros, que para sempre será marcada por lutas desiguais entre autoridades públicas, senhores e escravos que deixaram como legado palacetes e uma memória com um discurso seletivo do passado.

4. A sublevação contra a ordem estabelecida: de Manuel Congo à ação da reflexão

Nunca se deve deixar que aconteça uma desordem para evitar uma guerra, pois ela é inevitável, mas, sendo protelada, resulta em tua desvantagem. (Maquiavel)

Um movimento de luta, seja por qual for o motivo, precisa de uma identidade que una os envolvidos, algo tão profundamente forte e interpessoal que sucumba a individualidade a torna-se algo maior, o conjunto de ideias alinhadas ao objetivo faz nascer uma célula altamente funcional. Agora, com uma identidade grupal, os escravos estavam ligados por sentimentos, desejos, crenças e forças capazes de torná-los um.

A sensação de identidade, advém de uma organização social formada por grupos, cujos ideais conversam entre si e geram um ideal coletivo derivado de uma partilha de hábitos, valores, costumes, interação social, consciência grupal e continuidade que se formalizam naturalmente entre si hierarquizando relações onde todos os indivíduos estão envolvidos como geradores ou receptores, criando, admitindo normas, organizando espaços, sedimentando ideias, gerando um organismo vivo, uma máquina social com engrenagens próprias, capazes de direcionar e gerar nessa coletividade, então estabelecida, o sentimento de pertencimento, construídos e constituídos dialogicamente, a partir de uma autodescrição da cultura. Vassouras, em meados do século XIX era alimentada pela mão de obra escrava que formava entre si redes de sociabilidade e solidariedade, “Os cativos de modo algum viviam em situação de anomia social e completa submissão à vontade de seus senhores” (Ricardo Salles, 2008)

[...] no dia-a-dia da relação com os senhores, os escravos paulatinamente ampliavam sua autonomia, testando os limites das atitudes não reprimidas. Furtivas andanças pelos, mais variados locais e horários, relações amorosas e sociabilidades não consentidas ampliavam-se até ser efetivamente interrompidas pelo poder dos senhores, que não raras vezes receberam dos cativos respostas violentas, embora nem sempre imediatas (FERREIRA, 2005, P.154)

Naturalmente, os escravos desejavam para si equidade social. A massa oprimida pelas condições impostas pelos brancos ricos, partilhava de princípios, crenças e angústias que os uniriam numa tomada de consciência coletiva de que precisavam para fazer frente ao seu modo de vida. A privação da liberdade, acompanhada dos castigos e maus tratos funcionaram como combustível, que colocou em movimento insurreições que trouxeram, muitas vezes por violência, incitações capazes de abalar os moldes sociais e econômicos, além de despertar, numa visão holística, todo o sentimento de um povo.

[...] o recurso às soluções violentas para os desacertos do cotidiano permeava tanto as relações extremas dos cativos com seus senhores, quanto os conflitos estabelecidos com a população em geral. No pequeno núcleo urbano, nos subúrbios da vila e na zona rural, durante os dias e as noites, as disputas por jogos, pela possibilidade de frequentar os mesmos lugares, pelos mesmos amores, por dinheiro, pela posse de animais ou objetos de valor pessoal levavam livres, libertos e escravos a travarem disputas que acabavam em ferimentos e mortes. (FERREIRA, 2006, p. 187).

Não obstante, em 1838, Vassouras foi palco de uma insurreição, que liderada por Manuel Congo, um escravo africano, deu início a uma rebelião violenta após assassinar um lavrador branco e afugentar os feitores da fazenda, de onde marchou com seus seguidores saqueando e depredando outras propriedades. A cidade, então surpresa, se viu acuada e amedrontada, temendo o encorajamento dos milhares de escravos que a serviam, associando-os aos malês que se rebelaram em Salvador no ano de 1835. Os malês eram escravos africanos, muçulmanos que eram, muitas vezes, mais instruídos que seus senhores, eram altivos e pouco submissos. Os rebeldes se afugentaram nas matas de Santa Catarina, onde Manuel Congo e Maria Crioula foram aclamados Rei e Rainha quilombola. Com a moral elevada e ânimos exaltados, os escravos rebeldes enfrentaram a primeira expedição que tentou desalojá-los, dispostos de armas e munição que haviam pilhado. A expedição era composta pela Guarda Nacional de Vassouras, comandada pelo futuro Barão de Campo Belo, Laureano Correia e Castro que, assessorado pelo Major Lourenço Luís de Athayde e outros oficiais como Antônio Correia e Castro e Carlos Teixeira Leite, foi derrotado e partiu em retirada. A situação, agora mais agravada, forçou o Governo Imperial a enviar para Vassouras tropas regulares, derrotando os rebeldes com grande derramamento de sangue, resultando em prisões, castigos severos, enforcamento do líder Manuel Congo e na espantosa ou articulada absolvição da rainha quilombola Maria Crioula.

Enquanto perdurou a ameaça ocasionada pelo quilombo de Manuel Congo, a Câmara Municipal de Vassouras manteve-se em sessão permanente, sob a presidência de Laureano Correia e Castro que se manteve em alerta durante o processo da sedição negra com vistas a ter descoberto uma associação secreta entre os negros.

Os lavradores constituíram, pois, uma comissão formada por homens de responsabilidade, da qual faziam parte o advogado e futuro Visconde de Araxá, Domiciano Leite Ribeiro, Joaquim Francisco de Faria, Lauriano Correia e Castro e Joaquim José Ferreira Leite, mais tarde Barão de Vassouras. Essa comissão, após estudos e debates sobre o assunto, apresentou um relatório que refletiu, segundo Alberto Brandão, um documento

digno de seus autores e revelador da grandeza de vistas e sentimentos dos homens daquele tempo. Entretanto, a comissão não tomou nenhuma providência ou ação enérgica.

4.1 A Sociedade secreta e a revolta que gorou

O verdadeiro espírito de revolta consiste justamente em exigir a felicidade aqui na vida.

Henrik Ibsen

Em 1847, quase uma década depois de Manuel Congo, a cidade de Vassouras se viu novamente ameaçada por um movimento negro. O movimento foi identificado pela Guarda Nacional de Vassouras através dos depoimentos dos escravos, como uma associação secreta organizada, composta por células de cinco indivíduos hierarquicamente sobrepostos, tendo como chefe um pardo livre oficial de pedreiro, chamado Estevão Pimenta. Contudo, acreditaram que esse organismo secreto possuía um superior supremo e organizador, nunca descoberto e apontado como homem de mais valor e mais inteligência que um simples pedreiro, uma cabeça oculta. A sociedade secreta era de caráter místico, posta sob a proteção de Santo Antônio, denominada EL-BANDA.

A revolta deveria explodir no dia 24 de junho de 1847, no dia de São João, mas foi descoberta e sucumbiu levando à derrocada sonhos de fuga associados a uma liberdade tão querida.

4.2 A cabeça oculta e a Maçonaria

O que fizemos apenas por nós mesmos morre conosco; o que fizemos pelos outros e pelo mundo permanece e é imortal.

Albert Pike

A maçonaria é uma fraternidade universal de caráter iniciático, composta por homens livres que, pautada nos pilares fundamentais de igualdade, liberdade e fraternidade, as três grandes luzes de uma sociedade, os três pontos maçônicos, buscam o aprimoramento moral e intelectual de seus membros. Pode ser entendida como uma escola de filosofia, que através dos seus ritos, ensinam o amor à pátria, o progresso e almejam tornar feliz a humanidade, como se lê na explanação de Masil (1986):

Ordem Universal formada de homens de todas as raças, credos e nacionalidades, acolhidos por suas qualidades morais e intelectuais e reunidos com a finalidade de construir uma Sociedade Humana, fundada no Amor Fraternal, na esperança com amor a Deus, à Pátria, à Família e ao Próximo, com Tolerância, Virtude e Sabedoria e com a constante investigação da Verdade e sob a tríade Liberdade,

Igualdade e Fraternidade, dentro dos princípios da Ordem, da Razão e da Justiça, o mundo alcance a Felicidade Geral e a Paz Universal (MASIL, 1986, p.12).

O jornal O Cruzeiro intitulou esse ocorrido como “A Maçonaria Negra de Vassouras”, conforme mostra a Figura 1.



Figura 1 - Imagem retirada do Jornal O Comércio, publicação nº51, página 38.

Trata-se de uma analogia por ser também a maçonaria vista como uma organização secreta organizada. Além disso, alguns elementos da revolta não eclodida são facilmente assimilados com a Ordem Maçônica, a começar pela data escolhida, dia de São João, que é patrono da Maçonaria e, especialmente, pelos objetivos da revolta que, pautados nos pilares maçônicos de igualdade, liberdade e fraternidade, a esta se assemelham. O número de membros das células também merece apontamento com a referida ordem: o número cinco na maçonaria é entendido como ideia de mediação, o passo do meio. Podendo ainda extrapolar outras palavras-chave como adaptabilidade, justiça, intervenção, acomodação, ajustamento, reconciliação e, por fim, intuição. Esta última, vista como consciência que nos avisa sobre o melhor curso para nossa vida. Percebe-se, portanto, a forte correlação entre o movimento secreto dos escravos com a Ordem Maçônica.

Outro paralelo interessante pode ser estabelecido com os homens de alto valor, integrantes daquela comissão que, cerca de vinte anos mais tarde, já em 1867, estes eram homens ainda mais influentes que antes e por sua vez, junto a outros homens influentes, afiliaram-se à Loja Maçônica Estrella do Oriente de Vassouras. Este fato nos instiga sobre a citada cabeça oculta, para além da chefia do oficial de pedreiro Estevão Pimenta. Os homens de alto valor, aqueles que não tomaram providências eficazes, e mais tarde maçons, poderiam partilhar, afinal, dos ideais que categorizavam a maçonaria negra. Nesse ponto, deparamos com a possibilidade dedutiva de que algum dos membros daquela comissão era

o orquestrador, homem de maior inteligência e poder ou, senão, um protetor discreto infiltrado da organização secreta dos negros, o nunca descoberto, cabeça oculta do movimento.

A maçonaria, defensora da liberdade, havia chegado ao Rio de Janeiro em 1827 e não tardou espalhar seus ideais, recrutando homens de poder e influência, outrora envolvidos no mencionado movimento escravista. A Tabela 1 mostra

Tabela 1 – listagem de presidentes da Câmara Municipal de Vassouras

Ano da presidência na câmara	Presidentes da Câmara Municipal de Vassouras, maçons e homens de valor da época
1833 – 1840	Laureano Correa e Castro (Barão de Campo Belo)
1840 – 1844	Francisco José Teixeira Leite (Barão de Vassouras)
1844 – 1848	Joaquim José Teixeira Leite
1848 – 1852	João Evangelista Teixeira Leite
1853 – 1856	Carlos Teixeira Leite
1857 – 1860	Caetano Furquim de Almeida
1861 – 1864	Joaquim José Teixeira Leite
1864	José Eugenio Teixeira Leite
1864 – 1867	Bernardino Rodrigues de Avellar (Visconde de Cananéa)
1867 – 1873	Francisco José Teixeira Leite (Barão de Vassouras)
1873 – 1877	Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
1877	Domiciano Leite Ribeiro (Visconde de Araxá)
1877 – 1882	Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
1886	Rodolfo Leite Ribeiro
1888	Joaquim Francisco Moreira

Fonte: Machado, 2006 (organizado pela autora).

5. Resultado e discussão: a ciência dos homens no tempo

*A história é absolutamente fundamental para um povo.
Quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai.
(Dom Bertrand de Orleans e Bragança.)*

Esse trabalho permite o resgate de acontecimentos históricos que acaloraram o Vale do Paraíba no século XIX entre os anos de 1838 a 1848, vieram à lume personagens perdidos no tempo e que travaram grandes lutas em prol da liberdade, da igualdade e da fraternidade. As discussões feitas possibilitam o leitor uma reflexão atemporal que inclusive incorre ao cenário atual, o século XXI, repleto de incertezas, medos e desigualdade social. Denota a luta de um povo que tinha como o grilhão dos ferros das correntes que os amarravam a uma realidade cruel que passeava entre separação de seus entes queridos a mortes tortuosas, a sede de dias mais justos, servindo de inspiração para que na atualidade as lutas travadas sejam mais conscientes, maduras e seguras em prol daquilo que liberta de cenários, cujos atores se modificam, mas as histórias com novas facetas se repetem. “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas não vale a pena esgotar-se para compreender o passado quando nada se sabe do presente” (March Bloch, p.100)

O artigo em tela elucidada sobre as memórias que são construídas por hegemonias, por interesses políticos, por sobreposições étnicas, mostra que a beleza da Princesinha do café deixa à sombra de seu manto composto de ruas de pedras, palacetes, grandes palmeiras a história de um povo que insurgiu, resistiu, persistiu e sangrou por uma liberdade ainda que tardia. O resgate a memórias traz a história do homem no tempo e de como o tempo reage ao homem.

Os pressupostos documentais construídos com base em nome de grandes pesquisadores e no Jornal O Comércio foi correlacionado às ideias profundas e libertárias de Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês que exerceu grande influência sobre os intelectuais contemporâneos a si, conhecido por suas posições contrárias ao sistema prisional tradicional e o que era o regime escravista, senão um sistema prisional e, para a época, por qual razão não dizer tradicional?

A investigação das fontes primárias e históricas selecionadas possibilitou uma melhor compreensão de conceitos historicamente construídos que fundamentam o conhecimento do passado e das ações do homem negro e branco e suas posições e atuações no seio social do século XIX, na cidade de Vassouras, Rio de Janeiro.

Deambula-se ainda, por toda Ordem Maçônica que agregava valores à época gerando frutos de solidariedade que são saboreados atualmente e serão mais bem trabalhados em uma próxima pesquisa.

Revive-se valores políticos, econômicos, sociais e hierárquicos embutidos na insurreição que não eclodiu e no momento histórico que a abraçava que nos geram reflexões profundamente tácitas acerca de nosso cenário histórico atual, banhado de lutas também silenciadas que reverberam no coração dos mais incautos.

Considerando-se os dizeres de Paulo Freire (1987): “a leitura de mundo precede a leitura das palavras”, por vezes as interpretações dos documentos e da própria história local podem ser incompletas e/ou parciais, por não considerarem uma interlocução de saberes e a aplicação de práticas baseadas no conjunto de ideias e na pluralidade cultural de um recorte temporal e científico ainda mais amplo, partindo desse ponto evidenciamos que o presente trabalho contribui para explicações de fatos e práticas do passado a partir de convicções posteriores aos fatos estudados.

6. Considerações finais

*Salve, Salve, Vassouras gloriosa
Salve, berço de tantas tradições
Do teu passado a imagem grandiosa
Gravada vive em nossos corações
Se orgulhosos nos faz o teu passado
O teu presente nos traz esperanças mil
Salve, lindo torrão idolatrado
Salve, ó terra risonha do Brasil
(Hino de Vassouras-RJ)*

Esta pesquisa contribui para a apropriação de conhecimentos históricos e locais do Vale do Café, interior do Rio de Janeiro. Propicia aos moradores da região a sensação de inclusão em um contexto literário e científico, resgata a importância social de uma determinada massa acorrentada aos moldes comportamentais, legais, psicológicos, geográficos, étnicos, religiosos, econômicos e políticos de uma época e entrega a ela o seu lugar no tempo e na História, mostrando que lutas de outrora motivam ideais de perseverança, igualdade e justiça em tempos longínquos, que a limitação consciencial de hoje não alcança, assim como a de um passado bem mais remoto não alcançaria o que promoveu e o que se tornou seu momento presente.

Os estudos das fontes históricas permitiram uma primeira reflexão sobre o posicionamento do homem no tempo, mostrou o transcorrer de uma insurreição e que ela foi além da oposição de uma ordem preestabelecida e determinada, ultrapassando os limites de uma revolta que transcendia a um crime que configurava uma oposição direcionada a um poder com propósito de derrubá-lo. A insurreição que não eclodiu foi um grito sufocado e retumbante de liberdade, de um povo heroico que desafiou o seu peito à própria morte erguendo um ideal de justiça com clava forte. Afinal: um filho teu não foge à luta. (Hino Nacional Brasileiro, 1831)

Referências

ADORNO, Sérgio. Foucault, a Lei e o Direito. In: SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard. (Orgs.). **O Legado de Foucault**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

ALVES, Castro, 1847-1871. **O navio negreiro e outros poemas / Castro Alves** – São Paulo: Saraiva, 2007 – (Clássicos Saraiva).

BARBOSA, Débora Rosária. Estudos para uma história da psicologia educacional e escolar no Brasil. 2011. 674 f. **Tese** (Doutorado –Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escola e do Desenvolvimento Humano) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar E Punir: O Nascimento Da Prisão**. Tradução de Raquel Ramalheite. 29ª Edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

_____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Senhores de poucos escravos**. Cativo e criminalidade num ambiente rural (1830-1888). São Paulo: UNESP, 2005.

FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Crimes em comum**. Escravidão e liberdade no extremo nordeste da Província de São Paulo (Franca 1830-1888). 2006. (Tese de doutorado) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social/UNESP, Franca, 2006.

GOMES, Flávio dos S. e MOTA, Isadora M. “Rituais e poder: controle social, temores e violência no Brasil escravista”. In: BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha e MOURA, José Francisco de. **Violência na História**. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad X, 2009.

GRINBERG, Keila; BORGES, Magno Fonseca; SALLES, Ricardo. Rebeliões Escravas antes da extinção do Tráfico. In:GRINBERG Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil Imperial**. Volume II –1831-1870. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira,2009.

MASIL, Curtis. **O que é Maçonaria?** Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A, 1986.

MACHADO, L. L. **Vassouras, recanto histórico do Brasil**. Vassouras – RJ, 2006, 3ª ed. Gráfica Palmeiras, 201 páginas.

SALLES, Ricardo. **E o vale era o escravo**. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SALLA, Fernando; GAUTO,Maitê; ALVAREZ, Marcos Cesar. **A Contribuição de David Garland: a Sociologia da Punição**.Tempo Social, São Paulo: FFLCH/USP, vol. 18, nº 1, pp. 329-350, 2006.

SOUSA, José Antônio Soares de. **Vassouras e suas Residências Urbanas**. Revista do IHGB, nº 290, jan-mar.,1971.

TAUNAY, Carlos Augusto. **Manual do Agricultor Brasileiro** (1ª ed., 1839). Organização de Rafael de Bivar Marquese. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TOMICH, Dale. **Pelo Prisma da Escravidão**. São Paulo: Edusp, 2011.

Casa do poeta¹³

Raquel Leal

É impossível explicar como nasce o amor, mas os movimentos que se dão entorno dele, sim. Partindo dessa premissa, podemos afirmar categoricamente que amamos a literatura e toda a importância que ela possui em si.

Movidas pelo amor à literatura, não apenas por ser a escolha profissional, eu, como professora de língua portuguesa e literaturas, e Elisa, com sua paixão pelas palavras e seus desdobramentos, escolhemos dedicar uma parte significativa de nosso tempo ao trabalho pelo acesso e valorização da produção literária construída em Volta Redonda. Estarmos conselheiras de cultura nos oportuniza trabalhar de forma efetiva entorno desse amor e a partir daí transformarmos sonhos populares em realidade.

Da vontade de trazermos a poesia produzida com extrema qualidade pelos autores de nossa cidade à luz e aproximá-la dos leitores, surgiu a ideia de construirmos a "Casa do Poeta", projeto que foi abraçado de forma ampla e fraterna pela Secretaria Municipal de Cultura. Começaram assim os trabalhos para que a edificação do sonho fosse transformada em concreto armado pelo amor à arte.

A "Casa do Poeta" é um projeto embasado pelo extremo respeito aos autores de Volta Redonda, em suas estilísticas, idiosincrasias, poéticas.

Então, já que temos poesia, começamos a pensar como seria a "Casa do Poeta". Onde escreve, sonha, se inspira e encontra espaço para que a arte se dê? Inspiradas pela imagem do quarto de Vincent van Gogh, pintor pós-impressionista holandês, começamos a projetar a instalação artística, porque de fato o poeta precisa de pouco para realizar sua arte, no auge da criação ele precisa mesmo de si.

E onde mora esse Eu, se não dentro do próprio coração?

Nasce assim a porta-corção que dá acesso ao interior do mundo do poeta, sua casa de íntima conexão consigo e com o mundo. Para tal sonho - que se era grande no papel - tornou-se imenso na realidade, foram selecionados onze poetas da cidade. Todos repletos

13 Relato contemporâneo sobre a instalação artística "Casa do poeta", realizada pelas escritoras Raquel Leal e Elisa Carvalho (acadêmica da AVL), atuais ocupantes da cadeira de Literatura do Conselho de Cultura. O projeto foi apoiado pela Secretaria Municipal de Cultura de Volta Redonda.

de força e potência em suas poesias, e todos com escritas totalmente distintas, para que houvesse a possibilidade de vários tipos de identificação entre o público visitante e poeta exposto.

Dentro da instalação artística, que se adentra através do simbólico coração do poeta, encontram-se paredes azuis adornadas com retratos emoldurados de cada artista, com seus respectivos nomes. Cama, mesa de cabeceira, uma jarra com água, muitos papéis, canetas e principalmente poemas.

Cada poeta apresentou ao público dez de seus poemas, alguns objetos pessoais que provocam inspiração e assim criam uma conexão de maior identificação com os visitantes e suas caligrafias, traços tão únicos quanto as digitais e os versos. Sim, a "Casa do Poeta" foi assinada por cada artista que ali coabita. Nada foi construí à revelia, tudo foi partilhado, pensado e amado em coletivo.

A equipe da Secretaria Municipal de Cultura trabalhou de forma ímpar para que as paredes da "Casa do Poeta" se sustentassem. Paredes foram construídas com a arte do trabalho braçal realizado com esmero. Por dentro dessas paredes azuis, amor. E se o amor possuísse nesse momento uma cor, seria a de realização.

A "Casa do Poeta" foi inaugurada no dia 20 de outubro, dia do poeta e permaneceu montada por um mês no saguão da Biblioteca Municipal Raul de Leoni. Por ela passaram inúmeros visitantes, escolas, CRAS, adultos, crianças, admiradores e leitores de todas as idades. A poesia foi e continua sendo celebrada da forma que merece ser contemplada.

Participaram desse projeto artistas essenciais à produção literária de nossa cidade; São eles: Anielli Carraro, Dio Costa, Elisa Carvalho, Jéssica Regina, Marcelo Brandão, Márcio Castilho, Mônica Melanie, Rafael Clodomiro, Raquel Leal, Ravínia Sobrinho e José Huguenin.

Academia Literária de Pirai¹⁴

Saulo Soares Monteiro de Carvalho
Presidente da Academia Literária de Pirai

Recentemente - em outubro passado - foi criada a Academia Literária de Pirai (ALP). Uma grande alegria não somente para os piraienses, mas para todos os que amam a Literatura, especialmente os do nosso sul-fluminense. Junta-se, pois, a ALP às demais Academias e Grupos do sul do Estado do Rio de Janeiro na difícil e nobre tarefa que lhes cabe em nossa região.

São 30 cadeiras, das quais 22 estão ocupadas por poetas, cronistas, contistas, romancistas, numa grande variedade de estilos e gêneros literários.

Na reunião de sua constituição foi lida a seguinte oração proferida por Filgueiras Lima, em 15 de agosto de 1951, na Academia Cearense de Letras, que se tornou, para nós da ALP, uma “Carta de Intenções” dirigida à sociedade:

“Não devem ser as academias igrejinhas de maior âmbito em que o espírito de Coterie possa manifestar-se mais ampla e desenvoltamente. O seu objetivo não é o mutuo turibular do incenso da lisonja: não é o reciprocado permanente de elogios bajulatórios, nem a permuta oficial de láureas e títulos honoríficos. Reduzidas a essa função de instrumento de vaidade pessoal e da fatuidade humana, transformar-se-iam, por certo, num entrave ao progresso das letras que essencialmente, lhes compete incrementar, ampliar, desenvolver e dirigir. Academia de Letras que não é foco de cultura, que não acende ideais de elevação mental na alma de um povo ou de uma nação,[...] é Academia que não tem consciência de si mesma, do seu papel, da sua função, da sua autoridade, do seu ministério, da sua força. Academias de Letras como grêmios literários, para o só e monótono declamar de versos e discursos, vazios de conteúdo humano e social, desligados da realidade viva da época e do meio, nada constroem, nada significam, nada deixam: são anacronismos incompatíveis com as necessidades e problemas culturais do nosso tempo”.

14 Relato contemporâneo sobre criação da Academia Literária de Pirai, feita pelo seu primeiro presidente, escritor e acadêmico Saulo Soares.

CONTATO DA ALP: academialiteraria.pirai@gmail.com

Assim se pretende a Academia Literária de Pirai: “um foco de cultura e de elevação mental na alma de um povo.” Entretanto, sabemos o quanto é difícil trilharmos por esta vereda, de forma especial, atualmente. Se a Literatura e a Cultura antes eram fundamentais, hoje são fundamentais e necessárias. De uma necessidade superior à conveniência.

É preciso dar voz aos que são silenciados, revelar talentos, resgatar memórias, inculcar nas crianças e nos jovens o gosto pela leitura e pela escrita. Afinal, como disse Exupéry: “Se você quer construir um navio, não chame as pessoas para juntar madeira, ou atribua-lhes tarefas e trabalhos, mas ensine-os a desejar a infinita imensidão do oceano.”

Foram escolhidos dois Patronos para a Academia Literária de Pirai, dois ilustres piraienses: Lúcio de Mendonça e Waldemar Pequeno. Permita-me, o leitor, apresentá-los transcrevendo um texto de minha autoria, datado de 14 de agosto de 2021, direcionado, então, aos futuros acadêmicos da ALP:

“Pirai é a terra natal de dois escritores que, além da sua relevância para a Literatura Brasileira, com obras de inestimável valor, foram homens que marcaram suas épocas. Lúcio de Mendonça e Waldemar Pequeno têm em comum não somente (se já não o bastasse) o amor pela Literatura, mas também pelo Direito e a Política. Poetas, cronistas, contistas, romancistas, advogados e políticos.

A vida de Lúcio é mais conhecida, tanto do ponto de vista literário (fundador da Academia Brasileira de Letras, um dos precursores e ícone do Realismo no Brasil - o romance *O Marido da Adúltera*, por exemplo, foi marcante não somente por ser um romance epistolar, incomum para a época -, mas, também, por tratar o tema sob a ótica feminina); quanto ao que se refere ao Direito (ocupou o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal) e a Política (figura importantíssima para a Proclamação da República). Foi o primeiro Prefeito de São Gonçalo do Sapucaí (MG).

Com relação à Abolição da Escravatura, sua amizade com o advogado Luiz Gama rendeu para a história uma carta em que Luiz, a pedido de Lúcio, conta sua saga. Desta missiva, datada de 25 de julho de 1880, em que Luiz encerra da seguinte forma: “Eis o que te posso dizer, às pressas, sem importância e sem valor; menos para ti, que me estimas de veras. Teu Luiz.”, corroborando a grande amizade entre os dois, nasceu o artigo “Luiz Gama”, de autoria de Lúcio de Mendonça, publicado do *Almanach Litterário de São Paulo* para o Ano de 1881.

Nasceu em Pirai em 10 de março de 1854, foi batizado na Matriz de Sant’Anna em 31 de julho do mesmo ano. Saiu daqui ainda criança (4 para 5 anos), após a morte de seu pai, passando a residir em São Gonçalo do Sapucaí (MG), onde, com 10 anos matricula-se como interno no Colégio Pimentel. É desta época o jornal manuscrito *A Aurora*

Fluminense - que ele próprio redigia e, também deste período, são algumas traduções do francês, latim e inglês. Brillhante, autodidata, extremamente inteligente.

Talvez, por este motivo - a saída precoce de sua terra - os laços com Pirai não sobressaíam em suas obras. Porém, o último romance - inacabado por conta da iminente cegueira ao fim de sua vida - traz um capítulo em que a trama se desenrola na “Fazenda do Morro do Chapéu”. Em artigo no Diário Carioca, datado de 14 de março de 1954, por ocasião do centenário do nascimento de Lúcio, Alexandre Eulálio, diz que: “[...] nasce em Pirai, na Fazenda do Morro Grande, que em seu romance incompleto O Estouvado, descreve sob o nome da Fazenda do Morro do Chapéu.”

Residiu em Valença (RJ), onde estabeleceu escritório de advocacia. Colaborou com O Vassourense, de Vassouras (RJ), cidade onde era Juiz de Direito o escritor e amigo Raymundo Correia. A capa do seu livro de poemas - Vergastas - foi desenhada por Raul Pompéia, poeta de Angra dos Reis (RJ). Consta que o município vizinho de Barra do Pirai (RJ), primeiro a ser reconhecido após a Proclamação da República, tenha a sua data de criação - 10 de março - em homenagem a Lúcio de Mendonça. Escolheu como Patrono de sua Cadeira na Academia Brasileira de Letras o grande poeta Fagundes Varela, de São João Marcos, Rio Claro (RJ). Um “cidadão do sul-fluminense.”

Seu primeiro livro - Névoas Matutinas - lançado em 1872 (Lúcio tinha apenas 18 anos), teve o prefácio de Machado de Assis. Em tempo: nas correspondências entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco, Lúcio é chamado de “o nosso fundador”, em referência à idealização e concretização da Academia Brasileira de Letras.

Waldemar Diniz Alves Pequeno - Waldemar Pequeno - é um piraiense com o qual temos uma dívida histórica e literária. O amor por Pirai e a saudade que sentia dos seus tempos de criança - viveu aqui até os 12 anos - permeiam a sua obra com belíssimos poemas (e o superlativo se justifica plenamente). Foi com a “pena do amor e da saudade” que escreveu os primeiros capítulos de Um Advogado Aí pelos Sertões, sua autobiografia.

“Voltarei porventura, um dia, a Pirai? - perguntava-me sempre. - A terra em que nasci? Mediavam entre nós... Mediavam quantos anos? Ah, quantos? Mas que há-de esquecer? Oh, quem há-de?” Começa desta forma o canto saudoso de Waldemar Pequeno no poema “Terra Natal”, do premiado livro de poemas A Nuvem e o Pássaro. E continua: “[...] A igreja, o rio, a ponte, o Jardim da Cadeia...[...] Manhãs de cerração, noites de lua-cheia, cigarras do sol-por, sinos da Ave-Maria...”.

O Rio Pirai, onde aprendeu a nadar e que ficava a poucos metros dos fundos de sua casa, certamente o inspirou a compor “Rios”. Vejamos: “Encontros, tive muitos com rios pelo mundo. [...], Mas de um apenas guardo comigo, constante de nítida, formosa e poética, a imagem; de um, cujas mágoas ecoam, incessantes, em meu peito; que vem de uma paisagem que se vai diluindo na lonjura sem fim; que traz as mansas águas de um tempo que se foi no dia em que vim...”

Ainda sobre o Rio Pirai, notem que belíssima imagem encontramos no poema “Rio da Infância” : “Tua canções em minhas tardes ouço, - ó amigo dos dias de menino! Tão integrado estou contigo que acho que sou, ó rio, um teu irmão mais moço.”

Em “Nostalgia”, também de A Nuvem e o Pássaro, compara a Capela de São Benedito, a nossa Capelinha, a uma pequena embarcação: “Estou pensando na cidade, na vilazinha em que nasci...[...] As andorinhas num adejo, a capelinha lá no monte, com a ingênua graça de um navio, de uma barquinha no horizonte, no dorso verde de uma vaga... Não era, não uma cidade, mas arraial de paz silente.”

Em Um Advogado Aí Pelos Sertões, os 4 primeiros capítulos são dedicados à sua infância em Pirai: “[...] ... a casa de meus pais era, na época, mais uma chácara do que propriamente uma residência urbana, com vasto quintal cheio de árvores frutíferas, limitado lateralmente por becos e ao fundo pelo rio, de claras e mansas águas. Em frente, o largo, orlado de palmeiras-imperiais ao longo da rua e com a ferrovia ao fundo, á base dos morros vizinhos.”

A rotina do seus dias, dos seus pais, especialmente de seu pai, Dr. Pio, o médico da cidade; o comércio do “Zé Borges”, o Dr. Bulhões de Carvalho, os irmãos, os amigos, o seu cãozinho Menelique e, especialmente, Belmiro - da Fazenda das Palmeiras, com quem tanto aprendeu. Tudo isso e muito mais, leva-nos ao Pirai no final dos anos 1800 e início dos 1900.

Há uma passagem significativa, por tratar-se de uma “tradição infantil piraiense”, que relata a utilização das folhas caídas das palmeiras-imperiais como “canoas” para escorregar nos gramados. Ei-la: “Ah! Aqueles tempos... Havia um renque de palmeiras no largo em frente à casa. E o pedúnculo que fixava as folhas no alto, envolvendo o talhe, formava o que então chamávamos de canoa. Quando uma delas caía, a um golpe do vento, costumávamos brigar por sua posse. O vitorioso conduzia-a para a margem da via-férrea, no alto da rampa; e, de lá, sentado no fundo, deixava que ela deslizesse, célere, barranco a baixo. Um delírio.”

Dr. Waldemar Pequeno, formado em Direito pela Universidade de Minas Gerais, foi Delegado de Polícia em Aimorés (MG) - região extremamente violenta à época,

“lutando contra a jagunçagem e o caudilhismo” -, onde também exerceu o cargo de Promotor Público, Vereador e Prefeito.

Vejam o que narra a historiadora Mary Del Priore em artigo para a Folha de São Paulo, em 2016: “[...] o advogado Waldemar Pequeno, por exemplo, registrou episódio ocorrido, nos anos 30, com um amigo e com ele durante as eleições para a Câmara de Aimorés (MG). O amigo acolheu um moço que lhe pedira um prato de comida. "Servido este e uma xícara de café, retirara-se o homem para, protegido pela escuridão da noite, disparar a arma contra quem, alvo fácil à luz do lampião da sala, o havia agasalhado e alimentado". Avisado que sua morte fora encomendada e seria executado por "capanga peitado", Waldemar foi caçado por nove pistoleiros nas matas do Rio Doce. Ficou mais de uma semana alimentando-se do que encontrava e disputando frutas com pássaros. Conseguiu safar-se e se apresentou à casa de um juiz de Direito para escapar de ser morto. Sobre este fato, penso que os ensinamentos de Belmiro, em sua infância piraiense, serviram-lhe bastante.

Participou ativa e bravamente da Revolução de 1930, tendo organizado e comandado a célebre “Coluna Amaral”, que invadiu o Estado do Espírito Santo, e foi até a cidade do Rio de Janeiro, lá chegando primeiro do que outras, depondo Washington Luiz, aclamada com aplausos dos cariocas da então Capital Federal.

A obra “O Ouro do Cuieté e Outras Histórias”, publicada em 1954, recebeu o “Prêmio Afonso Arinos” da Academia Brasileira de Letras e o “Prêmio Othon Linch” da Academia Mineira de Letras, Entidade da qual, posteriormente, ocupou a cadeira n.º 31.

O livro de poemas “A Nuvem e o Pássaro” - que tanto fala de Piraiá - recebeu o importante e nacionalmente reconhecido “Prêmio Literário Cidade de Belo Horizonte”.

Waldemar Pequeno recebeu os títulos de “Cidadão de Belo Horizonte”, “Cidadão de Minas Gerais”, “Cidadão de Aimorés”, “Patrono da Polícia Mineira”. Possuiu, também, a importante “Ordem da Inconfidência Mineira - Medalha de Santos Dumont.”

A Câmara Municipal de Piraiá, em 4 de abril de 1978, através do à época Vereador Carlos Alberto de Freitas (Bebeto), homenageou o Dr. Waldemar Pequeno com “Moção de Congratulações”, por ocasião do recebimento do título de “Cidadão de Minas Gerais”.

Deixou vasta obra de trovas, poemas, contos. Waldemar Pequeno personifica - e, talvez ninguém melhor do que ele - os primeiros versos do Hino de Piraiá: “Pequeno Gigante”.

Enfim, nascemos. Temos uma bela história que nos precedeu e um longo caminho pela frente. Percorramos juntos!



Uma publicação da Academia Volta-redondense de Letras

www.avl.org.br